



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

VERÔNICA MARIA ALVES

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA E MULTIMODAL DE CADEIAS
INTERTEXTUAIS DE MEMES POLÍTICOS**

FORTALEZA

2018

VERÔNICA MARIA ALVES

UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA E MULTIMODAL DE CADEIAS
INTERTEXTUAIS DE MEMES POLÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães.

FORTALEZA

2018

VERÔNICA MARIA ALVES

UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA E MULTIMODAL DE CADEIAS
INTERTEXTUAIS DE MEMES POLÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 06/03/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (Uern)

Profª. Dra. Áurea Suely Zavam
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha avó pelo carinho e pelo apoio em todos os momentos.

A minha mãe pelo amor incondicional.

Ao meu esposo Júlio César pelo cuidado, carinho e apoio.

A minha filha Maria Júlia, meu amor maior, a força que me motiva.

A minha irmã Laura por acreditar no meu potencial.

À Profa. Dra. Izabel Magalhães pela acolhida e pela orientação dedicada.

Aos professores participantes da banca examinadora, Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa e Profa. Dra. Áurea Suely Zavam, pelo tempo e pela colaboração valiosa.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelos ensinamentos preciosos.

Aos colegas analistas do discurso, Monique Lessa e Gustavo Pinheiro, pelos conselhos e indicações de leitura.

Aos amigos, Paulo Egídio e Paulo Pedro, pela parceria e pelas palavras de incentivo.

Ao GEDIP (Grupo de Estudos em Discurso, Identidade e Práticas Sociais), pela inspiração e pelos momentos de aprendizado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, por ter me concedido a oportunidade de realizar a pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa tem como foco a discussão do gênero meme de internet e está baseada em uma noção de cadeia de gêneros e intertextualidade (Fairclough, 2003). Cadeia de gêneros é definida como “diferentes gêneros que se unem com regularidade, envolvendo mudanças sistemáticas de gênero em gênero e contribuem para a possibilidade de ações que ultrapassam as diferenças espaciais e temporais, ligando eventos sociais a práticas sociais diferentes, países diferentes, tempos diferentes, facilitando a capacidade reforçada para ação à distância que tem sido considerada um traço definidor da 'globalização', e, dessa forma, tem facilitado o exercício do poder” (Fairclough, 2003, p. 31). O *corpus* utilizado é composto por memes com temática voltada para as manifestações de rua de 2013 e 2015 das redes sociais Twitter e Facebook. O tema desta pesquisa está direcionado à análise textual e interacional, englobando tanto a análise interdiscursiva quanto a análise linguística, pautada no significado acional (gêneros) e no significado identificacional (estilos), operacionalizados por Fairclough (2003) em uma interpretação das metafunções de Halliday (1994). Com relação ao significado acional, que focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, abordo o meme da internet como parte de uma cadeia de gêneros que compõem as redes sociais e relaciona-se com o gênero notícia, recontextualizando o discurso político- midiático. No que diz respeito à manifestação de estilos/ identidades, que se relaciona à negociação e à construção de identidades no discurso, um dos mecanismos utilizados são os recursos visuais, elementos multimodais que estruturam o gênero em questão. Para isso, sob o viés da pesquisa qualitativa, adoto como aporte teórico-metodológico os pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC) (Fairclough; 2001, 2003) e da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2004). Apoio-me também em estudos de Kress e Van Leeuwen (2006) sobre multimodalidade; Knobel e Lankshear (2007) e Recuero (2007) que abordam memes e Milner (2012) e Shifman (2014) que partem de uma perspectiva do meme como elemento político-midiático. Constatamos que ao identificar e caracterizar o gênero meme da internet no contexto da cadeia de gêneros, verificamos como os gêneros discursivos articulam-se para construir e naturalizar sentidos potencialmente ideológicos.

Palavras-chave: Memes políticos; gêneros discursivos; cadeia de gêneros; intertextualidade; Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

This qualitative research focuses on the internet genre meme, and it is based on the notions of genre chain and intertextuality (Fairclough, 2003). Genre chains are different genres that are regularly put together, and they go through systematic changes. These changes can contribute to actions through time and space that can link social events to social practices in different countries, strengthening action at distance, which is one of the aspects of globalization and power (Fairclough, 2003). The corpus consists of memes about street demonstrations in 2013 and 2015 in the social networks Twitter and Facebook. This research addresses textual and interactional analysis, including interdiscursive analysis involving linguistic analysis based on Fairclough's actional meaning (genres) and identificational meaning (styles) (Fairclough, 2003), in his development of Halliday's metafunctions (Halliday, 1994). In relation to the actional meaning, which examines a text as (inter)action in social events, I analyze the internet meme as part of a genre chain in social networks, and it is related to the news, which recontextualizes political discourse in the media. As to the manifestation of styles related to the negotiation and construction of identities in discourse, one of the devices that are used refers to visual resources, multimodal elements that structure the genre in question. I adopt the theoretical-methodological principles of Critical Discourse Analysis (CDA) as qualitative research, according to Fairclough (2001, 2003), and Systemic-Functional Linguistics, according to Halliday and Matthiessen (2004). I also use studies by Kress and van Leeuwen (2006) about multimodality, Knobel and Lankshear (2007), and Recuero (2007) on memes, and Milner (2012) and Shifman (2014), whose concern is the meme as a political element in the media. I noted that, defining and characterizing the internet meme in a genre chain, genres are articulated to construct and naturalize potentially ideological meanings.

Keywords: Political memes; genres; genre chains; intertextuality; Critical Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Meme#LuizaEstanoCanadá.....	16
Figura 2 -	Significados do discurso.....	22
Figura 3 -	Concepção tridimensional do discurso.....	24
Figura 4 -	Diagramas de Paul Baran.....	34
Figura 5 -	Circuito do ato de linguagem.....	38
Figura 6 -	Representação do processo de replicação de um “meme”.....	42
Figura 7 -	Metafunções da linguagem.....	55
Figura 8 -	Homepage de museu dos memes.....	63
Figura 9 -	Redes sociais mais acessadas em 2015.....	64
Figura 10 -	Ferramenta meme no Facebook.....	64
Figura 11 -	Ferramenta de imagens no Twitter.....	65
Figura 12 -	Estrutura de argumentos de Fairclough (2003).....	73
Figura 13 -	Cadeia de gênero.....	96
Figura 14 -	Meme ‘Não é só por 20 centavos’.....	97
Figura 15 -	Modelo argumentativo do discurso político 1.....	99
Figura 16 -	Memes ‘vem pra rua’.....	101
Figura 17 -	Modelo argumentativo do discurso político 2.....	105
Figura 18 -	Meme #Lulainflado.....	107
Figura 19 -	Meme # Lulainflado (grupo 1).....	111
Figura 20 -	Meme #Lulainflado (grupo 2).....	112
Figura 21 -	Meme foto #Lulainflado.....	114

Figura 22 - 'luladrão'	115
Figura 23 - Modelo argumentativo do discurso político 3.....	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Operacionalização de ideologia.....	25
Quadro 2 -	Arcabouço teórico-metodológico da ADC.....	27
Quadro 3 -	Mentalidade dos atores sociais na modernidade tardia.....	31
Quadro 4 -	Sociabilidade no ambiente digital.....	37
Quadro 5 -	Tipologia dos memes.....	42
Quadro 6 -	Definição de gênero por Bakhtin/ Volochinov.....	48
Quadro 7 -	Abordagens de pesquisa sobre gênero.....	53
Quadro 8 -	Categorias analíticas de gêneros em Fairclough (2003).....	58
Quadro 9 -	Concepções de gênero na abordagem sociossemiótica.....	59
Quadro 10 -	Etapas de planejamento em pesquisa.....	61
Quadro 11 -	Dados principais da pesquisa.....	66
Quadro 12 -	Delineamento do objeto de estudo.....	67
Quadro 13 -	Jornais e revistas postagens 1.....	70
Quadro 14 -	Jornais e revistas postagens 2.....	70
Quadro 15 -	Contextualização da análise.....	72
Quadro 16 -	Antecedentes das manifestações nacionais de jun. 2013.....	74
Quadro 17 -	Categorias analíticas do modelo tridimensional.....	79
Quadro 18 -	Características de textos multimodais.....	82
Quadro 19 -	Categorias Analíticas para a GVD.....	83
Quadro 20 -	Formas de relato.....	85
Quadro 21 -	Articulação de gêneros.....	87

Quadro 22 -	Categorias analíticas.....	88
Quadro 23 -	Humor e política.....	100
Quadro 24 -	Memes e cultura pop.....	108
Quadro 25 -	Relações metonímicas.....	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1	Análise de Discurso Crítica (ADC).....	19
2.2	Multimodalidade.....	27
2.3	Modernidade tardia e comunicação.....	30
2.4	Comunicação online: conhecendo a web.....	32
2.5	O advento das redes sociais.....	35
2.6	Memes: da memética à internet.....	38
2.7	Gênero discursivo: uma abordagem crítica do meme político.....	46
2.7.1	<i>Gênero discursivo e a perspectiva bakhtiniana.....</i>	46
2.7.2	<i>Abordagens de pesquisa em gênero discursivo.....</i>	51
2.7.3	<i>Concepção de gênero discursivo na ADC.....</i>	54
3	PESQUISA QUALITATIVA EM ADC: OPÇÕES METODOLÓGICAS	60
3.1	Pesquisa qualitativa como campo de investigação.....	60
3.2	Pesquisa documental: detalhamento do objeto de estudo.....	62
3.3	Contexto da pesquisa: manifestações de 2013 e 2015 e o discurso político.....	72
3.4	Contexto das manifestações de 2015 (#LulaInflado).....	76
3.5	ADC como mecanismo para os estudos críticos da linguagem	78
4	MEMES POLÍTICOS EM UMA CADEIA DE GÊNERO	90
4.1	Cadeia de gêneros.....	90

4.2	Manifestações de 2013 e de 2015.....	91
4.3	Memes das manifestações de 2013.....	96
4.3.1	<i>Investimento ideológico no meme “Não é só por 20 centavos”.....</i>	98
4.3.2	<i>Ação política articulada ao meme “Não é só por 20 centavos”.....</i>	100
4.3.3	<i>Investimento ideológico no meme “Vem pra rua”.....</i>	104
4.3.4	<i>Ação política articulada ao meme “Vem pra rua”.....</i>	106
4.5	Memes das manifestações de 2015	106
4.5.1	<i>Investimento ideológico no meme “LulaInflado”.....</i>	116
4.5.2	<i>Ação política articulada ao meme “LulaInflado”.....</i>	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS.....	121
	ANEXO A - POSTAGENS (MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013)	127
	ANEXO B - POSTAGENS (MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2015)	132

1 INTRODUÇÃO

A internet já faz parte do cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo e auxilia nas mais variadas atividades. Pode-se dizer que os computadores e dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, revolucionaram a vida da população em diversos aspectos, incluindo discursos e práticas sociais. A disseminação de interação social pela web foi potencializada pelas redes sociais, que têm como objetivo relacionar pessoas, as quais podem conectar-se e criar vínculos pessoais e comerciais.

Sites de relacionamento permitem a criação de um perfil com limitações em sua acessibilidade, pois pode ser compartilhado ou não com quem solicite. Embora essa realidade seja uma novidade, se comparada a outros meios de comunicação como o rádio, as redes sociais estão em pleno desenvolvimento, somam cada vez mais usuários e geram constantemente serviços tangenciais que as tornam uma fonte de valor social em virtude do uso da língua como prática social estabelecida pelo contato entre amigos/familiares ou pelo contato entre empresas e público-alvo.

Bons exemplos são o Facebook e o Twitter, que já atingiram milhões de participantes ativos. Essas redes sociais persistem porque se atualizam, elaborando ferramentas de curtida e de compartilhamento, que incentivam o acesso dos usuários. Além de interagir com os participantes, dialogam entre si mediante configurações específicas.¹ As novas tecnologias estão relacionadas às complexas redes de práticas na sociedade contemporânea (Fairclough, 2003).

A grande quantidade de pessoas com acesso ao ciberespaço não pode ser desprezada pelas ciências da linguagem, assim como os fenômenos linguísticos produzidos por esses indivíduos. E-mail (Paiva, 2016), chat (Araújo, 2011), blog (Komesu; Arroyo, 2016) e outros gêneros recorrentes na web (Marcuschi, 2010) já são alvos de debates acadêmicos e figuram em materiais didáticos. No ensino, o ambiente virtual não é novidade, principalmente na educação à distância (EAD). A EAD inseriu a tecnologia digital no processo de aquisição do conhecimento. No entanto, pela grande interação social na construção de enunciados e pela infinidade de divulgação/ compartilhamento de informações na internet, novas situações de comunicação surgem e não esgota a possibilidade de pesquisas sobre linguagem. A *web*

¹ A rede social Facebook permite que usuários possam associar seu *perfil usuário padrão* à sua conta do Twitter para que suas atualizações pessoais sejam enviadas para o Twitter. Também é possível fazer a mesma configuração no Twitter. Desse modo, compartilhar tweets no Facebook. Mesmo conteúdo e mesma linguagem podem ser compartilhados simultaneamente em redes sociais diferentes através de personalização nas configurações das redes sociais citadas.

desafia a Linguística e ainda há muitas questões que instigam a investigação: dentro desse universo, figuram as redes sociais, que começam a ganhar espaço na relação entre linguagem e sociedade (Carvalho; Kramer, 2013; Araújo; Leffa, 2016; Paiva, 2016; Recuero, 2016).

Em um olhar mais atento às redes sociais, cabe apontar o estudo do meme veiculado com frequência nesse ambiente. A cada polêmica gerada, internautas criam/replicam memes como ferramenta de humor e paródia, assim espalhando informação, replicando e transformando enunciados. Analisar os memes como parte constituinte de uma cadeia de gêneros que compõe as redes sociais e suas relações intertextuais possibilita compreender a linguagem como ação social de 'produsuários' que interagem nesse espaço. O desenvolvimento de tecnologias de comunicação (Barton; Lee, 2015) ocorre simultaneamente ao desenvolvimento de gêneros discursivos como o meme, que combina diferentes modalidades semióticas e inventa novas relações entre linguagem e outras formas de construção de sentidos.

Nota-se um esforço em relação à definição e caracterização do meme. O conceito foi descrito pela primeira vez no livro *The Selfish Gene*, de Dawkins (1976). O interesse pelo estudo do meme, na década de 1990, persiste e colabora para a reformulação do conceito na obra *The Meme Machine*, que tem Susan Blackmore (1999) como principal expoente. Esses autores desenvolveram a “Memética”, que sustenta a visão de que ideias têm vida própria, isto é, competem entre si para atingir o maior número de pessoas. De geração em geração, hábitos, superstições e crenças são repassados, desde ouvir canções de ninar na infância a postar 'selfies' na vida adulta. Essas duas obras conceituam meme como unidade de imitação.

Tal definição contrasta com teorias mais recentes que elevam o meme a uma categoria muito além de mera cópia capaz de replicar informação. Os memes atualmente representam elementos da cultura popular nos ambientes virtuais, principalmente nas redes sociais, ganhando a definição de “*memes da internet*”. Os memes são essencialmente de cunho humorístico e considerados por muitos como cultura 'inútil', se pensarmos em eventos como uma Primeira Guerra Memeal entre brasileiros e portugueses na rede social Twitter.

Esse aparente 'conflito', realizado através de um grande volume de postagem de memes que chegaram em mais de 1 milhão de tuítes², ganhou visibilidade nos “trend topics”, ferramenta utilizada pela rede social para elencar os assuntos mais comentados. O evento consistia, por parte dos brasileiros, na reclamação da autoria de um meme nativo do Brasil

² Dado extraído de “Depois de derrotar Portugal, Brasil luta contra Argentina na Segunda Guerra Memeal.” Disponível em em: Blog experiências digitais da Revista Época, versão digital de 17/06/2016. <http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/06/depois-de-derrotar-portugal-brasil-luta-contr-argentina-na-segunda-guerra-memeal.html>. Acesso em: 24 out. 2016.

que foi apropriado por usuários portugueses. No meme brasileiro, expressões do inglês eram substituídas por frases típicas do Brasil. O meme português substituiu a frase “In brazilian portuguese you don't say” por “In Portugal we don't say”. O conflito só foi considerado ganho por usuários brasileiros quando usuários portugueses se renderam e admitiram o plágio.³

Desse modo, vemos conceitos conhecidos na Linguística, como autoria e intertextualidade, usados como ferramentas de humor que recorrem a discursos construídos historicamente como o do colonizador e do colonizado, por exemplo. Essa situação ilustra bem o alcance do meme em publicações nas redes sociais. A questão da identidade parcial ou total na ordem do discurso não é algo novo e envolve uma série de problemas quanto à relação entre enunciados criadores e enunciados imitativos (Foucault, 2014). Para preencher essa lacuna sobre as formulações de critérios para afirmar “o que foi dito” ou que “a mesma coisa já se encontra em tal texto”, a intertextualidade é imprescindível.

Ela é constituída por uma interação perene entre identidade e diferença e evidencia que cada texto está sempre sujeito a um processo de repetição (Plett, 1991), é uma condição cognitiva para a produção e recepção de textos reais (Slembrouck, 2011). É válido salientar que a intertextualidade é um termo que se popularizou, portanto foi alvo de uma série de publicações que a interpretou de formas diversificadas (Koch; Bentes; Magalhães, 2008; Slembrouck, 2011). Desde a primeira vez que o termo foi cunhado por Kristeva (1967) até hoje, o conceito de intertextualidade ainda parece confuso e desperta interesse de pesquisas acadêmicas.

Ancorado pelos estudos de Bakhtin (2014; 2016), Fairclough (2001) percebe a intertextualidade como uma categoria para a análise do discurso que possibilita executar análises sistemáticas de um texto em sincronia com análises de contextos sociais. No estudo de memes da internet, conceitos como intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva (Magalhães, 1997; Fairclough, 2003) permitem a análise dos processos intertextuais na divulgação/compartilhamento e a recepção de usuários de memes da internet na interação entre atores sociais, tomando a linguagem como prática social (Fairclough, 2001^a). Empresas que divulgam produtos e serviços na web já perceberam, assim como a comunidade acadêmica, o poder do meme e aprenderam a usá-lo como forma de angariar mais clientes. Uma conhecida indústria de alimentos no Brasil chegou a fazer um gerador de

³ Brasil dá surra de memes em Portugal e ganha a 'Primeira Guerra Memeal'. Países entraram em uma 'briga' pelo domínio do humor nas redes sociais nesta terça-feira. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/mundoociencia/2016-06-15/brasil-da-surra-de-memes-em-portugal-e-ganha-a-primeira-guerra-memeal.html>. Acesso em: 15 nov. 2017.

memes inspirado nos memes criados por internautas que deixaram a marca em evidência. Quem não lembra do meme “A Luiza, que está no Canadá⁴”, do ano de 2002? A frase, contida em um anúncio sobre o lançamento de um prédio residencial, foi transformada em memes que viralizaram no país.

A frase que nomeia o meme e parece ser sem sentido algum no anúncio gerou humor e foi utilizada nos mais variados contextos (Figura 1). Luíza estava no Canadá, mas virou uma celebridade instantânea, transformou a brincadeira em negócio. Estrelou comerciais, participou de programas de TV, deu diversas entrevistas e ganhou milhares de seguidores nas redes sociais.

Figura 1 - Meme#LuizaEstanoCanadá



Fonte: Facebook, 2002.

Apesar de o meme da internet ser considerado, muitas vezes, somente entretenimento, esse gênero é alvo do interesse da comunidade acadêmica (Lankshear; Knobel, 2003, 2007; Milner, 2012; Shifman, 2014; Souza, 2013). O meme utiliza o humor como eficaz recurso de replicação de informação. A crise econômica e a crise política viram memes na internet, que narram lances da recente história do Brasil e promovem risos e debates. Uma ideia divertida, até absurda, pode instigar questionamentos, satirizar acontecimentos, resistir à aparente ordem estabelecida. Assim como charges fazem com maestria, memes também se apropriam do humor debochado e ganham espaço na sociedade moderna.

⁴ Menos de 24 horas após a veiculação do vídeo no YouTube, na quarta-feira (11/01), o assunto ficou entre os 10 mais comentados do Twitter em todo o Brasil, com a hashtag #LuizaEstanoCanada, além de inúmeras paródias, cenas de filmes e outras montagens que foram publicadas no Facebook e demais mídias sociais. Acesso em: 31 de out. de 2017. (<https://olhardigital.com.br/noticia/luiza-esta-no-canada-conheca-o-novo-meme-que-tem-bombado-na-internet/23647>).

No ciberespaço, o meme da internet é entendido como uma imagem, vídeo ou texto bem-humorado que se espalha pela internet como ‘vírus’. Redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e blogs são exemplos de veículos que publicam memes. Apesar dessa diversidade de suportes, a escolha de memes que circulam nas redes sociais Facebook e Twitter é pertinente, visto que essas redes popularizaram o gênero.

É interessante investigar como memes, por meio de elementos intertextuais, podem espalhar informação e entreter, mas também podem engajar política e socialmente pessoas que interagem nas redes sociais, levando à reflexão da realidade representada ou perpetuando representações construídas há longo tempo. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é investigar as relações intertextuais em memes da internet inseridos em uma cadeia de gêneros que compõem as redes sociais.

Para isso, os objetivos específicos são, primeiro, relacionar os mecanismos linguísticos-discursivos e os efeitos de sentido que emergem na prática discursiva dos memes em redes sociais. Em seguida, investigar a construção de representações ideológicas em memes da internet. Por último, analisar memes da internet de conteúdo político com a perspectiva de base de ação.

Orientam esta pesquisa os seguintes questionamentos:

1. Que relações há entre os mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais?
2. De que maneira são construídas as representações ideológicas nos memes da internet?
3. Como a perspectiva de ação política é articulada por memes?

Dentre as pesquisas em ADC, o discurso político constitui um importante campo de investigação e inspira estudos críticos que se concentram nas relações de poder e de dominação. O livro *Politics as Text and Talk: Analytic approaches to political discourse*, organizado por Chilton e Schäffner (2002) é resultado de uma conferência internacional realizada em Birmingham, na Inglaterra, na Universidade de Aston, em julho de 1997, traz pertinentes contribuições ao discutir diversificados conceitos e métodos analíticos como o objetivo de um melhor entendimento da estrutura e do funcionamento do discurso político.

Outra pesquisa importante foi desenvolvida por Fairclough e Fairclough (2012). No estudo, os autores integram a análise de discurso político ao quadro analítico da teoria da argumentação. Esses são exemplos de que linguagem e política são preocupações da comunidade acadêmica. O debate prossegue nesta pesquisa pela compreensão de que as redes sociais surgem como ambientes de conversação política e de que memes configuram como

forma de participação político-midiática de natureza polivocal (Milner 2012; Shifman 2014). Desse modo, os memes funcionam como recursos de persuasão, ação e discussão pública, evidenciando múltiplas vozes e tensionamentos gerados pela disputa de poder.

Nessa perspectiva, para o estudo do meme, o trabalho recebe a contribuição de Swales (1990) referentes à sistematização de regularidade de gênero e apoia-se na concepção de gênero discursivo de Fairclough (2001, 2003), pois acrescenta regularidades nas esferas sociais (Meurer, 2005) e ancora-se em ferramentas analíticas da Análise de Discurso Crítica (ADC) baseadas em uma interpretação das metafunções de Halliday (1994) operacionalizada por Fairclough (2003).

Três abordagens principais para a análise de gêneros são identificadas por Fairclough (2003): a análise de cadeia de gêneros, a análise de mistura de gêneros em um texto particular e a análise de gênero individual em um texto particular. A pesquisa opta pela primeira abordagem por observar uma série de textos (memes) e gêneros (memes e notícias) que trabalham juntos na construção discursiva das manifestações de 2013 e 2015, relacionando linguagem e contexto social.

Por mais que seja difícil aplicar o processo de sequencialidade no ambiente digital, pode-se dizer que a previsibilidade em que esses textos são encadeados correspondem ao que Fairclough se refere como cadeia de gêneros, ou seja, “gêneros que são regularmente e previsivelmente encadeados, de modo que os significados são movidos e transformados ao longo da cadeia e recontextualizados e transformados de maneira regular, de acordo com princípios de recontextualização”⁵ (Fairclough, 2006, p. 26).

Para apresentar as discussões que seguirão neste trabalho, a dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução, das considerações finais e das referências. No capítulo 2, será apresentada a fundamentação teórica, que consiste na apresentação dos pressupostos teóricos da pesquisa e trata considerações acerca da comunicação na modernidade tardia (Giddens, 2002) e da *web* como nova tecnologia de comunicação na qual o meme está situado. No capítulo 3, os procedimentos metodológicos da pesquisa serão descritos, assim como o delineamento do objeto de estudo. No capítulo 4, constará a análise de textos do *corpus* documental e a interpretação de dados segundo as categorias analíticas estabelecidas. A conclusão é o desfecho e apresenta reflexões sobre a pesquisa.

⁵ Tradução nossa de: “genres which are regularly and predictably chained together such that meanings are moved and transformed along the chain, and recontextualizing and transformed in regular ways in accordance with recontextualizing principles.”

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O aporte teórico da dissertação será fundamentado neste capítulo. Primeiramente, as teorias que embasam esta investigação: a Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2001; 2003; Van Dijk, 2015). Em seguida, considerações sobre a comunicação na modernidade tardia (Giddens, 2002). Por último, buscamos um panorama da web como nova tecnologia de comunicação para situar a configuração atual do meme.

2.1 Análise de Discurso Crítica (ADC)

A Análise Crítica do Discurso não apresenta uma teoria única. De natureza transdisciplinar, é constituída pelo diálogo entre campos de conhecimento heterogêneos, objetivando uma análise social orientada pelo texto, linguagem e ordem do discurso. Linguística Sistêmica Funcional, Psicologia Social, Sociologia são articulações interdisciplinares já abalizadas pela ADC, que objetiva analisar a relação entre discurso e poder como afirma Van Dijk (2015).

A Análise Crítica do Discurso (ADC) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social. (Dijk, 2015, p. 113).

Desigualdade de gênero, o discurso da mídia, o discurso político, antissemitismo, racismo são exemplos de linhas de interesse da ADC. Essa diversidade de pesquisas resulta de diferentes origens teóricas que norteiam múltiplos dados e metodologias. Apesar do caráter plural, algumas vezes alvo de crítica, a ADC é resguardada por fundamentos que garantiram sua consolidação e desenvolvimento na academia como sintetiza Wodak (2011):

1. *A abordagem é transdisciplinar.*
2. *A abordagem é orientada para o problema.*
3. *Teorias, bem como as metodologias, são ecléticas, mas integradas.*
4. *O estudo geralmente engloba trabalho de campo e etnografia.*
5. *A abordagem abdutiva entre teoria e dados empíricos.*

6. *Vários gêneros e múltiplos espaços públicos são estudados; relações intertextuais e interdiscursivas são investigadas. Recontextualização é um dos mais importantes processos na conexão de gêneros bem como em temas e padrões de argumentação.*

7. *Os contextos históricos e sociopolíticos mais amplos devem ser analisados e integrados na interpretação de discursos e textos.*

8. *As categorias e ferramentas para análise são definidas de acordo com todas estas etapas e procedimentos e também com o problema específico da investigação.*

9. *A abordagem orientada para o problema envolve o uso e teste de teorias de médio alcance. “Middle-Range Theories”.*

10. *Resultados devem ser colocados à disposição de especialistas em diferentes áreas e, como numa segunda fase, ser aplicada com o objetivo de possivelmente alterar certas práticas discursivas e sociais.*

Esses dez pontos permitem um panorama das principais características, princípios e objetivos que envolvem a ADC e estabelecem uma base comum para diferentes vertentes. Dentre elas, destaca-se o Modelo sócio-cognitivo, as Ordens de discurso e “pós-estruturalismo foucaultiano” e a Semiótica Social. Esses fundamentos são preciosos para este trabalho.

Embora a pesquisa seja apenas documental, espera-se que a análise interpretativa dos dados aborde devidamente o problema estabelecido. Sabe-se da importância da análise textual, mas a análise dos contextos é inerente à pesquisa em ADC, de natureza linguística e social, até porque investigar um problema em um direcionamento único viabiliza reflexões distorcidas. Ao analisar o gênero na perspectiva de constituinte de uma cadeia de gênero, a intertextualidade, assim como o processo de recontextualização, farão parte das categorias de análise deste trabalho.

O principal expoente de O Modelo sócio-cognitivo é Teun van Dijk. Na década de 70, o estudioso trabalhou em conjunto com o psicólogo norte-americano Walter Kintsch sobre os processos mentais da produção e da compreensão de discurso. A dimensão mais importante do trabalho de van Dijk (2015) é a social, centrando a maioria dos trabalhos, por mais de trinta anos, no racismo. Na perspectiva do analista do discurso, o autor investigou a problemática de como o racismo se produz e reproduz também através do discurso. A obra de van Dijk também proporciona grande contribuição para esta pesquisa ao tratar sobre o discurso político.

Tanto a Ordem do Discurso e a Semântica Social foram influenciadas pelo trabalho de M.A.K. Halliday, autor citado anteriormente por sua influência na abordagem sociosemiótica no estudo de gênero. A relação entre as *funções da linguagem na estrutura*

social e o *sistema gramatical*, chamada de gramática sistêmico- funcional, foram estabelecidos por Halliday (1994) através de três metafunções, que integradas, dão ao texto aspecto multifuncional: a metafunção **ideacional** (a linguagem como reflexão – sobre modos pelos quais os textos significam o mundo), a metafunção **interpessoal** (a linguagem como ação - interativa e pessoal) e a metafunção **textual** (a linguagem como construção do texto, relacionada a construção de seqüências do discurso e ao fluxo discursivo).

Halliday e Matthiessen (2004) explica a necessidade do termo metafunções:

Por que este termo bastante complicado, 'metafunção'? Poderíamos ter chamado simplesmente 'funções'; no entanto, há uma longa tradição de falar sobre as funções da linguagem em contexto em que a "função" significa simplesmente finalidade ou forma de usar a língua, e não tem significância para a análise de si (cf. Halliday e Hasan, 1985 língua: Capítulo 1; Martin, 1990). Mas a análise sistemática mostra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem: isto é, toda a arquitetura do idioma é disposta ao longo de linhas funcionais. A língua é como é por causa das funções em que evoluiu na espécie humana. O termo 'Metafunção' foi adotado para sugerir que a função foi um componente integral dentro da teoria geral. (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 30-31).⁶

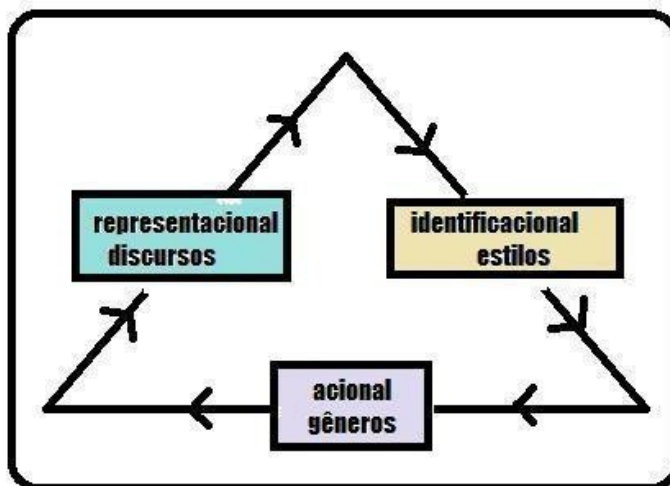
A análise de discurso está além da análise de texto, incorpora a ordem do discurso, que, segundo Fairclough (2003, p. 3), é “a estruturação social de uma língua/linguagem e sua parceria com determinadas práticas sociais”. As dimensões do discurso como constituinte dos níveis de abstração que regem a pesquisa social em ADC recebe a contribuição de Foucault (2014, p. 8) que faz a suposição de que socialmente a produção discursiva “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

As metafunções hallidayanas exerceram forte influência na obra de Fairclough (2001) para análise dos acontecimentos discursivos. As três macrofunções transformam-se em quatro, uma vez que a macrofunção interpessoal é dividida em identitária (identidades sociais no discurso) e relacional (negociação e participação das relações sociais entre participantes do discurso) e posteriormente desencadearam três tipos de significados do discurso: o significado

⁶ Tradução nossa de: “Why this rather unwieldy term ‘metafunction?’ We could have called them simply ‘functions’; however, there is a long tradition of talking about the functions of language in contexts where ‘function’ simply means purpose or way of using language, and has no significance for the analysis of language itself (cf. Halliday and Hasan, 1985: Chapter 1; Martin, 1990). But the systemic analysis shows that functionality is intrinsic to language: that is to say, the entire architecture of language is arranged along functional lines. Language is as it is because of the functions in which it has evolved in the human species. The term ‘metafunction’ was adopted to suggest that function was an integral component within the overall theory”.

acional, o significado *representacional* e o significado *identificacional* como mostra a figura a seguir.

Figura 2 - Significados do discurso



Fonte: Adaptado de Fairclough (2001).

Os significados são agregados aos conceitos de gêneros, discursos e estilos e apresentam uma relação dialética entre si e com esses conceitos. O significado acional corresponde às funções relacional e textual e está agregado ao conceito de gênero. “Uma das maneiras de agir e interagir é por meio da fala e da escrita, assim o discurso figura primeiramente 'como parte de ação'” (Fairclough, 2003, p. 26). O autor salienta que o modo como as pessoas agem e interagem no decorrer de práticas sociais é materializado na língua através de gêneros, que podem se modificar à medida que essas práticas e relações se reconfiguram. Através desse processo dá-se a 'criação' de novos gêneros.

O significado identificacional é associado ao conceito de estilo e tem a ver como o modo de ser, como os indivíduos formulam as próprias relações, diz sobre como os atores sociais são identificados no texto. Chouliaraki e Fairclough (1999) relacionam a identificação com o que Bourdieu (1979) chama de 'habitus'.

Sua contribuição epistemológica para ciências sociais, estruturalismo construtivista, depende, em parte, dessa especificidade da eficácia simbólica (o momento “subjetivista” no estudo do social) como terreno de lutas sobre a representação das relações de poder no espaço social (a estrutura do espaço social pertence ao momento “objetivista”) (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 400).

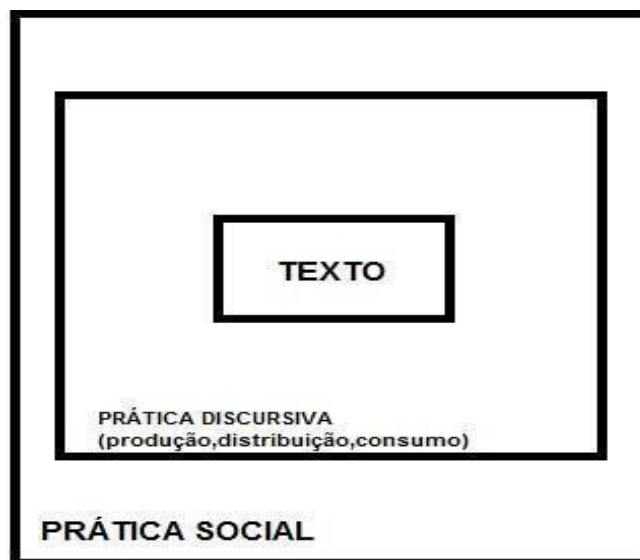
O habitus vai em direção ao indivíduo que pensa, age e se percebe imerso em suas experiências sociais nos mais diferentes contextos dentro de estruturas e condicionantes sociais. A linguagem nessa visão é constituinte e constituída. Constituinte porque desempenha uma função imprescindível nos processos situados que dão materialidade às estruturas sociais e constituída porque sua eficácia nos processos situados depende em grande parte da posição dos atores e suas práticas nos campos sociais e nas estruturas de relação de poder. Como sugere Resende e Ramalho (2014), são construções simbólicas instáveis porque são cunhadas pelos conflitos de poder entre grupos assimetricamente situados.

Implica dizer que a construção da realidade ocorre em situações de relação de poder, deste modo à medida que a forma como vemos a 'realidade' é modificada e as práticas são elaboradas e reelaboradas pela resistência a um discurso dominante, as identidades sofrem um processo de instabilidade.

O significado representacional está relacionado ao discurso e a como representamos a 'realidade'. Fairclough (2003, p. 26) explica que são feitas “representações do mundo material, de outras práticas sociais, representações reflexivas da própria prática em questão”. A posição estabelecida pelas pessoas na sociedade, como elas agem e inter(agem) nas relações sociais diz muito como representam o mundo. Portanto, fica perceptível a condição dialética dos três significados postulados por Fairclough (2003).

Esses significados da linguagem são realizados por recursos léxicogramaticais. Léxico, gramática, coesão e estrutura relacionados em escala ascendente (palavras -> orações -> frases -> textos) correspondem a uma das dimensões do evento discursivo definidos por Fairclough (2001), a dimensão textual. A prática social e a prática discursiva completam a concepção tridimensional do discurso conforme mostra a figura a seguir:

Figura 3 - Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

Ainda falando sobre esse modelo, atos de fala, coerência e intertextualidade são itens agrupados na análise de prática discursiva, que remete aos processos de produção, distribuição e consumo de textos nos mais variados tipos de discursos e contextos sociais. O discurso é entendido como prática social e relacionado à ideologia e ao poder. A natureza emancipatória da ADC se revela no sentido de negar que as relações de poder são inflexíveis porque estão em um corrente processo de evolução que possibilita luta hegemônica e transformações discursivas e sociais:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/ sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Fairclough, 2001, p. 117).

Ao comentar sobre as relações de dominação, a ADC observa a ideologia de forma negativa, como um mecanismo para a manutenção da hegemonia. Thompson (2011) aponta algumas estratégias, baseada em certos aspectos da teoria marxista, relacionadas à operacionalização da ideologia como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1 - Operacionalização de ideologia

Modos Gerais	Estratégias
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandarização Símbolização de unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/ passivação

Fonte: Thompson, 2011, p. 81.

A legitimação consiste em legitimar relações de dominação. O autor cita três maneiras: a racionalização (uma cadeia de raciocínio que tenta justificar um conjunto de relações); a universalização (o interesse de alguns é posto como o interesse de todos); a narrativização (legitimação do presente com base no passado, evocando a tradição).

A dissimulação consiste em relações de dominação que são ocultadas, negadas ou obscurecidas através de deslocamento (deslocamento de um termo e transferência de conotação positiva ou negativa); de eufemização (valoração positiva de ações, instituições e relações sociais); de tropo (uso de figuras de linguagem e formas simbólicas para confundir e inverter relações entre coletividades, grupos e formações mais amplas)

A unificação consiste em relações de dominação por construção simbólica de uma identidade coletiva. Ocorre por padronização (referencial padrão partilhado e aceitável) e por simbolização da unidade (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva).

A fragmentação consiste em relações de dominação que segmenta aqueles que oferecem ameaça aos grupos dominantes. Pode ser feito por diferenciação (ênfase nas diferenças e divisões para resultar em desunião) e por expurgo do outro (construção de um inimigo a ser expurgado).

A reificação consiste em relações de dominação de tentar tornar o transitório em permanente ou natural). Há três estratégias: a naturalização (criação social e histórica colocada como algo natural ou inevitável); a eternalização (fenômenos sócio-históricos como

imutáveis) e nominalização e passivização (apagamento de atores sociais, contextos específicos e ações através de nominalização e uso da voz passiva).

É interessante destacar que o autor faz algumas ressalvas. Primeiramente, esses modos não necessariamente são independentes uns dos outros. Eles podem ocorrer de maneira colaborativa. Outro ponto importante, as estratégias não são encaixadas de forma rígida. Embora sejam típicas de um modo, podem servir a outros propósitos. Por último, nenhuma estratégia é ideológica de forma intrínseca, dependerá de como a forma simbólica será construída pela estratégia.

Tanto Thompson, como Althusser e Gramsci ofereceram importantes contribuições ao tratar o discurso como prática social. Althusser forneceu bases teóricas para o debate sobre ideologia, no entanto Fairclough (2001, p. 117) discorda de uma visão de ideologia como “cimento social universal” dissociada da dinâmica social. O autor parte da perspectiva de mudança discursiva, portanto os tipos de discurso apresentam graus diferentes de investimento ideológico, que em determinadas circunstâncias estipulam ou mantêm relações de poder, que reproduzem, reconfigura ou confronta as hegemonias existentes.

A luta hegemônica apresenta uma dimensão ideológica e funciona como prática discursiva, que constitui e analisa a prática social. Esse pensamento é ratificado na Era da Informação, no contexto dos movimentos sociais presentes na web, que “lutam para mudar códigos de significação nas instituições e na prática da sociedade no processo de mudança social” (Castells, 2003, p. 116). É o que ocorre, por exemplo, com as manifestações nas ruas mobilizadas pelas redes sociais descritas neste estudo.

A compartimentalização das dimensões dá a ideia de que a análise ocorre de maneira isolada e centrada no discurso. No entanto, Chouliaraki e Fairclough (1999) atestam a fluidez dessas dimensões e reposicionam o papel do discurso como “um momento das práticas sociais” (Resende; Ramalho, 2014, p. 29). O quadro a seguir confere uma prévia do arcabouço proposto pela ADC, que emprega uma ADTO. A abordagem teórico-metodológica “crítica explanatória” de Bhaskar é resumida por Chouliaraki e Fairclough (1999) obedecendo as seguintes etapas:

Quadro 2 - Arcabouço teórico-metodológico da ADC

Etapas da proposta teórico-metodológica da ADC	
1	Percepção de um problema de alguma parte da vida social
2	Identificação de obstáculos para o que está sendo abordado.
3	Investigação da função do problema na prática
4	Investigação de maneiras de ultrapassar os obstáculos
5	Reflexão sobre a análise

Fonte: Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 60.

A primeira etapa consiste em perceber um problema que faz parte das atividades de uma prática social. A segunda etapa é identificar obstáculos para que esse problema possa ser superado. Nesta fase cabe a investigação do discurso de forma estrutural e interacional. As próximas etapas estão relacionadas às funções do problema na prática e às maneiras de ultrapassar os obstáculos. Indicam as causas e as consequências desse problema na vida social e como afetam os atores sociais, assim como sua natureza de organização com o propósito de instabilidade.

Por fim, a reflexão sobre a análise é uma característica inerente à pesquisa social crítica, que admite suas limitações, mas tem consciência da responsabilidade de colocar em perspectiva problemas e contribuir para a mudança social. Dentro do percurso feito pela teoria de base, atenta-se que a abordagem transdisciplinar da linguagem na ADC logrou o desenvolvimento de pesquisas por articular Linguística e Ciência Social Crítica. Esta pesquisa procurará manter o diálogo entre saberes e articulará a ADC como a Teoria Multimodal do Discurso.

2.2 Multimodalidade

A pesquisa ancora-se na ADC, que se volta para a prática social e estabelece uma relação dialética entre as dimensões do discurso, percebendo o texto em uma perspectiva semiótica. Dessa forma, é possível articular a ADC com a multimodalidade. Durante muito tempo, os estudos de linguagem priorizaram textos verbais. Na sociedade contemporânea, as palavras continuam imprescindíveis, mas também elementos de linguagem não-verbal ganharam prestígio. Imagens, sons, gestos, por exemplo, começaram a despertar o interesse de

pesquisadores. Atualmente, não é incomum encontrar gêneros discursivos que aliam o verbal e o não-verbal seja na versão impressa, seja na versão digital.

A criação e o desenvolvimento de programas de edição de sons e imagens, assim como o aperfeiçoamento de aplicativos que permitem o uso dessas ferramentas, difundiram ainda mais o texto como multimodal, que se encaixa perfeitamente à necessidade de interação entre pessoas, que passam cada vez mais tempo ‘*on-line*’. Dessa forma, repensar os gêneros discursivos no ambiente digital e as práticas discursivas em uma sociedade conectada foi uma das contribuições do avanço da tecnologia e dos estudos sobre multimodalidade.

Essa relação entre leitores e internet resultou na transformação de como a imagem é compreendida. Antes, um auxílio na produção escrita; agora, uma modalidade independente, mas que também pode ser associada a outro modo de representação. Araújo (2011, p. 14) explica muito bem o conceito de imagem como texto: “As imagens estão presentes em todas as situações de comunicação, não só para refletir a dimensão estética e expressiva, mas também para produzir sentidos, comunicar fatos e interagir com leitores da mesma maneira como os textos constituídos apenas por palavras.”

A percepção de que imagens servem somente para ilustrar textos escritos é um equívoco que induz ao estabelecimento de uma associação simples e previsível entre esses dois modos de representação. Em um capítulo sobre Semiótica discursiva, Kress, Leite-García e Van Leeuwen (2000), optam por abordar esses dois aspectos dos textos multimodais: o aspecto visual e a língua escrita. Os autores põem em discussão a flexibilidade dessa relação:

Os conceitos de semiótica social e multimodalidade enfrentam várias idéias convencionais sobre o texto. Se os seres humanos produzem e comunicam significados de várias maneiras, então a linguagem sozinha já não é suficiente para concentrar a atenção daqueles que estão interessados na produção e na reprodução social do significado. Se os textos são sempre multimodais, a questão dos limites de um texto se torna um problema central. Em qualquer página, é altamente problemático ler apenas o significado transmitido linguisticamente (Kress; Leite-García; Van Leeuwen, 2000, p. 390, tradução nossa)⁷.

Ao considerar a multiplicidade de formas de significação como atividade social, os autores vão de encontro à Linguística Tradicional quanto ao modo de conceber a construção do significado, uma vez que se afastam do conceito de arbitrariedade e enfatizam a

⁷ Tradução de: “Si los seres humanos producen y comunican significaciones en varios modos, entonces el lenguaje solo ya no basta para concentrar la atención de quien esté interesado en la producción y la reproducción social da significación. Si los textos son siempre multimodales, la cuestión de las fronteras de un texto se convierte en un problema central. En cualquier página, resulta en alto grado problemático leer solamente la significación transmitida de modo lingüístico.”

relação motivada entre significante e significado. Para tanto, apoiam-se na Teoria Sistêmico-Funcional de Halliday:

No entanto, assumimos que as categorias de Halliday podem ser usadas como absolutas e gerais aplicáveis a toda semiose social humana e não apenas especificamente ao idioma. Os potenciais de representação e comunicação de uma maneira particular, e seu desenvolvimento cultural e histórico em uma determinada sociedade, requerem descrições específicas desta maneira (Kress, Leite-García; Van Leeuwen, 2000, p. 379, tradução nossa)⁸.

A partir de uma visão de gramática similar, a teoria sistêmico-funcional apresenta-se como esteio para análise de textos de uma língua em uso, sendo assim colabora para o volume de trabalhos em multimodalidade e possibilita o desenvolvimento de teorias que tomam o discurso como prática semiótica, é o caso da Análise de Discurso Crítica. Fuzer e Cabral (2014, p. 19) pontuam os termos: sistêmico e funcional. Este refere-se às “estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos”.

Aquele faz referência à “língua como redes de sistemas linguísticos interligados”. Essas estruturas se conectam ao significado e às funções, ou melhor, metafunções já mencionadas, em uma língua como um sistema repleto de possibilidades dentro de uma esfera semântica, léxico-gramatical, fonológica e grafológica. É inegável que a Teoria Multimodal (Kress e Van Leeuwen, 2006, [1996]) e a Análise de Discurso Crítica se combinam dada a uma visão de linguagem que agrega fatores situacionais e culturais, isto é, que incorpora sistemas semióticos para produzir sentido.

Dessa forma, de acordo com a finalidade de comunicação, o produtor detém uma variação de recursos semióticos dentro desse contexto situacional e cultural para feitura do texto multimodal. Vieira e Silvestre (2015) sintetizam a articulação que Kress e Van Leeuwen (2006) fazem entre a Teoria Multimodal e a Linguística Sistêmico-Funcional por meio das funções ideacional, interpessoal e composicional na proposta de uma gramática que analisa imagens:

A respeito dessas possibilidades de uso da Teoria Multimodal, Kress e van Leeuwen discutem a função ideacional representada por meio de imagens e a atuação dos processos interacionais por meio de atores e de circunstâncias relevantes. A função interpessoal é tratada em termos de “interpelação”, representada por meio do olhar, do ângulo etc, e a função composicional é tratada por meio de enquadres, de linhas paralelas, verticais, horizontais, diagonais, e assim por diante (para mais detalhes

⁸ Traduzido de: “Sin embargo, nosotros partimos del supuesto de que las categorías de Halliday pueden emplearse como abstractas y generales aplicables a toda la semiosis social humana y no tan sólo específicamente al lenguaje. Las potencialidades de representación y comunicación de un modo particular, y su desarrollo cultural e histórico en una sociedad determinada, requieren descripciones específicas de ese modo.”

teóricos, para o estudo do *design*, da produção e da distribuição do discurso, ver Kress e Van Leeuwen 2006 [1996]). Essas categorias de análise da Teoria Multimodal tratam do modo como os textos multimodais devem ser construídos para cooperarem entre si, como os discursos são produzidos e como são colocados à disposição dos consumidores em contextos sociais e culturais específicos (Vieira, Silvestre, 2015, p. 88).

A pretensão não é aprofundar a Teoria Multimodal do Discurso. No entanto, os princípios dessa teoria colaboram para a análise no viés da ADC. Sabe-se que, constantemente, memes se relacionam às últimas notícias veiculadas pela mídia, ainda mais se o assunto é de cunho político. O interesse em como memes absorvem o noticiário e reformulam o discurso político para a audiência que frequenta as redes sociais constitui uma questão de intertextualidade e interdiscursividade, para tanto é comum a utilização de elementos semióticos e multimodais, algo marcante no gênero, para produzir efeitos de sentido. Dessa forma, essas teorias em conjunto propiciam uma investigação que aborda práticas sociais e discursivas em meio às novas tecnologias do mundo globalizado.

2.3 Modernidade tardia e comunicação

A modernidade tardia, ou novo capitalismo, faz referência a mais recente reestruturação do capitalismo, que envolve não somente as relações de domínio econômico, mas também de vários domínios da vida social. Não estamos diante exatamente de uma nova era precedente a modernidade, mas dos impactos que essa trouxe para a sociedade. “Em vez de estarmos entrando num período pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes.” (Giddens, 1991, p. 9).

Ataques à previdência e cortes de verbas de saúde, educação e arte são medidas que afetam diretamente a vida do cidadão, e mesmo à revelia dele, são tomadas em nome do combate à crise financeira. A ordem social tradicional foi desencaixada da vida social na modernidade tardia. A doutrina socioeconômica do neoliberalismo⁹ e a má distribuição de renda são exemplos de consequências da transformação de um sistema que rege a economia e tudo que existe à sua volta, ou seja, a política, a ciência, a comunicação em massa.

⁹ O **Neoliberalismo** é uma doutrina socioeconômica que retoma os antigos ideais do **liberalismo clássico** ao preconizar a mínima intervenção do Estado na economia, através de sua retirada do mercado, que, em tese, autorregular-se-ia e regularia também a ordem econômica. Sua implantação pelos governos de vários países iniciou-se na década de 1970, como principal resposta à **Crise do Petróleo**. PENA, Rodolfo F. Alves. "O que é Neoliberalismo?"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-neoliberalismo.htm>. Acesso em :06 de fev. de 2018.

A comunicação em massa, atrelada à tecnologia de informação, é uma das formas que evidenciam as mudanças sociais. Produção, distribuição e acesso à informação caracterizam, na vida social moderna, as mudanças nas práticas sociais, na ordem do discurso, nos textos, nas cadeias de gênero.

Saber “como ir adiante” no sentido de Wittgenstein é intrínseco às convenções que são tiradas da, e reproduzidas pela, atividade humana. Em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las. Mas somente na era da modernidade a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana, inclusive à intervenção tecnológica no mundo material (Giddens, 1991, p. 39).

As novas tecnologias de informação facilitaram a conexão social globalizada. Com o advento da internet, a extensão espaço-tempo deslocou as relações sociais do contexto local de interação para outros contextos, regional, nacional e global. A internet surge como mecanismo imprescindível de informação e possibilita comunicação nas mais variadas atividades, incluindo o plano político. Segundo Castells (2003), “Os movimentos sociais e o processo político a usam e o farão cada vez mais, como instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar.”

Se antes a informação era escassa e demorava a chegar, atualmente há um grande volume de informação veiculada rapidamente na rede. Vive-se o imediatismo na circulação de textos e acesso a informações pelo desenvolvimento de dispositivos desde satélites à smartphones, propiciando transformações significativas na mentalidade dos atores como mostram Lankshear e Knobel¹⁰ (2003) na figura abaixo.

Quadro 3 - Mentalidade dos atores sociais na modernidade tardia

MENTALIDADE 1	MENTALIDADE 2
O mundo funciona basicamente a partir do físico/material e de uma lógica e princípios industriais.	O mundo funciona cada vez mais a partir de princípios e lógicas não-materiais (por exemplo, o ciberespaço) e pós-industriais.
O mundo é centrado e hierárquico.	O mundo é “descentrado” e plano.
O valor é função da raridade.	O valor é função da dispersão.
A produção baseia-se no modelo “industrial”.	Visão “pós-industrial” da produção.
Produtos são artefatos e mercadorias industriais.	Produtos habilitam serviços.

¹⁰ Tradução de Roxane Rojo. Novos letramentos, tecnologias, gêneros de discurso. In: SOUZA, Sweder e SOBRAL, Adail (Orgs.) Gêneros, entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas. Campinas, SP; Mercado de Letras, 2016.

A produção baseia-se na infraestrutura e em unidades ou centros (por exemplo, uma firma, uma companhia).	Foco na influência e na participação contínua.
Ferramentas são principalmente ferramentas de produção.	Ferramentas são cada vez mais ferramentas de mediação e tecnologias de relação.
A pessoa individual é a unidade de produção, competência, inteligência.	Foco crescente em “coletivo” como unidade de produção, competência e inteligência.
O espaço é fechado e para propósitos específicos.	O espaço é aberto, contínuo e fluido.
Prevalecem relações sociais da “era do livro”; uma “ordem textual” estável.	Relações sociais do “espaço da mídia digital” emergente cada vez mais visíveis; textos em mudanças.

Fonte: Lankshear e Knobel (2003, p. 11).

Faz-se necessário algumas considerações sobre como a web e redes sociais realizam a linguagem. Esses esclarecimentos sobre as novas tecnologias contribuem para um melhor entendimento das mudanças na mentalidade dos atores sociais em relação a passagem da modernidade industrial para a modernidade tardia, essa radicalização da modernidade que transformou o mundo e o ser nas formas de interagir e se informar.

2.4 Comunicação online: conhecendo a web

A partir do advento da web, houve uma revolução na forma da sociedade se comunicar e lidar com a tecnologia. Texto, imagem, vídeo, música, tudo pode ser disponibilizado e compartilhado na rede. Desde a linha discada (dial-up), que exigia certa dose de paciência dos usuários para visitar sites da web, até hoje com o surgimento da banda larga de alta velocidade que executa uploads e downloads em segundos, a internet atualiza a forma de acesso à informação e à conexão entre usuários.

O aparecimento do “internetês” e de uma gama de novos gêneros discursivos ou a transmutação deles, instigam a Linguística a pesquisar aspectos relacionados à língua e linguagem configuradas na internet. O termo web é utilizado por grande parte da população para designar a rede mundial de computadores. Quando passou a ser utilizado, inicialmente, referia-se a um primeiro momento em que as informações eram visualizadas pelo usuário sem a possibilidade de interação.

A noção de web apenas como rede de computadores passa por uma renovação a partir do desenvolvimento desse sistema que ganha a denominação de web 2.0¹¹. “Os primeiros anos da Web foram marcados principalmente pela linguagem HTML e pelo sistema de envio de informações produzidas offline via FTP a um servidor. Já a Web 2.0 caracteriza-se pela constante produção e recriação online dos bens públicos. Além disso, os próprios meios produtivos encontram-se em permanente atualização, o que confere à Web 2.0 o caráter de “beta eterno”.¹² (Primo; Recuero, 2006, p. 84).

Essa progressão proporcionou com que surgissem plataformas de publicação coletiva *wikis*, como a Wikipedia¹³, em que os usuários podem inserir informações e modificar o conteúdo dos artigos, realizando uma escrita colaborativa. Também são produtos conhecidos da Web 2.0 os blogs e as redes sociais, que serão fundamentais na estruturação do conceito de Meme. Essa nova acepção do termo web como plataforma mais sofisticada e versátil marca um período de adaptação de uma arquitetura que antes era pautada apenas na divulgação de informação para uma que focaliza a exposição da informação, mas também permite a colaboração de seus usuários.

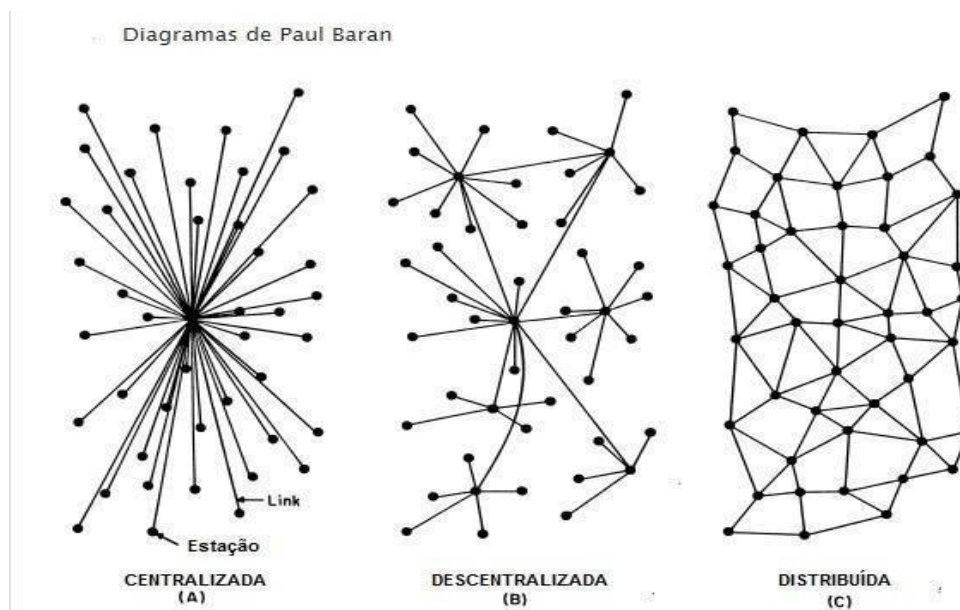
Sites ganham dinamicidade, internautas criam e compartilham, experienciando conteúdo. Fazer uma compra, realizar uma transação bancária, gerenciar um perfil ou grupo em rede social são ações tão rotineiras que não exigem muito conhecimento de internet. A rede ganha uma dimensão social através da conexão entre seus participantes. O processo de evolução da web 1.0 para web 2.0 pode ser visualizado nos três diagramas abaixo:

¹¹ O conceito para o termo foi criado por Tim O'Reilly, em 2003. DANTAS, Tiago. "Web 2.0"; *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/informatica/web-20.htm>>. Acesso em: 06 de fev. de 2018.

¹² Na informática, um software que ainda não atingiu o estágio final de desenvolvimento

¹³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal

Figura 4 - Diagramas de Paul Baran



Fonte: Franco, 2008.¹⁴

A relação entre usuários pode ser explicada pela estruturação das redes. Na web 1.0 não há interação entre internautas, o ponto em comum é a conexão de computadores em rede. À medida que as pessoas começam a interagir, a rede evolui e ganha uma nova configuração. Passa a ser distribuída pelo caráter colaborativo. Usuários passam a criar/compartilhar conteúdo digital. É nítida a permanente atualização do sistema, assim como as das relações sociais que passam por um contínuo processo de transformação.

A intenção da web 2.0 era a aproximação com usuário, proporcionando a realização de práticas sociais no ambiente virtual. Encontrar amigos e familiares, contratar serviços, realizar negócios, todas essas atividades sensibilizam a percepção da tênue fronteira entre o real e o digital. Essa imbricação torna a sociedade cada vez mais familiarizada com a rede e mina a resistência do indivíduo mais indiferente à tecnologia.

Uma segunda dimensão da web 2.0 que nos interessa abordar diz respeito ao fato de boa parte dos usuários (pessoas físicas) da Internet terem se tornado "produzidores"¹⁵ (producer), isto é, consumidores de conteúdos midiáticos cada vez menos classificáveis como "audiências", como no caso das mídias eletrônicas ou dos primeiros sites da www, e cada vez mais como agentes que criam, compartilham, reusam, remixam, recombinaem e redistribuem os conteúdos que consomem, tanto na

¹⁴ O PODER NAS REDES SOCIAIS. Postado por Augusto de Franco em 9 junho 2009 às 15:00 <http://escoladeredes.net/profiles/blogs/>

¹⁵ O termo criado por Buzato e Severo (2010) será retomado no texto para enfatizar o aspecto de produtor de conteúdo do usuário da web

própria Internet como, em muitos casos, nas mídias mais tradicionais 4. (Buzato; Severo, 2010, p. 2).

Essa fusão do produtor e usuário propicia a construção de uma comunidade digital globalizada que produz o próprio conteúdo, atingindo esse status devido à interação de humanos ancorada pela implementação tecnológica. Para atender esse grau de interatividade e facilitar a interlocução online, a potencialização das redes sociais cooperou para elevar a web 2.0 ao patamar de web 3.0¹⁶. Esse breve percurso da web foi imprescindível para firmar o papel da plataforma de redes sociais na atual estruturação da internet como uma inteligência digital que reverbera em todo o mundo.

2.5 O advento das Redes sociais

As primeiras redes sociais surgiram com objetivos bem específicos e audiência segmentada. Por exemplo, Classmates¹⁷, uma das primeiras redes sociais, criada na década de 90, era voltada para uma audiência formada por antigos colegas de escola e faculdade que ansiavam trocar conhecimentos e estabelecer o vínculo social formado anteriormente. A rede social ainda existe devido ao saudosismo de seus usuários e à conexão com as redes sociais mais acessadas atualmente, mas com um número modesto de participantes se comparada a outros sites de relacionamento.

Outras redes sociais não alcançam essa longevidade, declinam ou findam por não acompanhar as inovações tecnológicas e oferecer funcionalidades que dialogam com os objetivos de seus participantes. Por exemplo, o Orkut, a primeira rede social que ganhou popularidade no Brasil e teve seu auge entre 2004 e 2008, entrou em decadência e foi desativado em 2014 em virtude da migração de usuários, que ocorreu de forma gradual¹⁸, para outra rede social que surgiu no mercado, o Facebook.

A popularização das redes sociais ocorreu proporcionalmente ao desenvolvimento de uma internet que alia a transmissão de dados aos interesses, desejos e necessidades dos usuários. Essa web mais social vai ao encontro da estrutura que articula pessoas e/ou

¹⁶ O termo Web 3.0 foi atribuído ao jornalista John Markoff do New York Times

¹⁷ <http://www.classmates.com/>

¹⁸ Em dezembro de 2011, entretanto, o Facebook assegurou o primeiro lugar no ranking de redes sociais no Brasil com 36,1 milhões de visitantes com 6 ou mais anos de idade acessando o site de um computador em casa ou no trabalho, praticamente o triplo da audiência do ano anterior. Mesmo com a preponderância do Facebook, o Orkut, que caiu para o 2º lugar com 34,4 milhões de visitantes, ainda mostrou um crescimento de 5% em sua audiência. (Fonte: comScore- empresa de pesquisa de mercado que fornece dados de marketing e serviços para empresas da Internet.)

organizações efetivadas pelas redes sociais como define Buzato (2016, p. 38), “redes sociais são ferramentas de modelagem para o funcionamento estrutural (global) de um conjunto social a partir de interações locais”.

A utilização das redes sociais abrange aspectos da vida pessoal e profissional de muitos internautas, essa amplitude de situações comunicativas permite que o 'produsuário' fique mais tempo 'logado'. Hoje é possível ficar 24 horas 'online', pois temos a facilidade dos dispositivos digitais e das redes de dados móveis.

“As tecnologias sem fio, como os celulares e as formas de conexão Wi-Fi à internet, têm criado novas práticas de mobilização social nas metrópoles contemporâneas. A era da conexão relaciona assim tecnologia digital, comunicação, massa, multidão, mobilidade e conexão”. (Lemos, 2004). Notebooks, tablets e, principalmente, os smartphones inovaram a forma de relacionar-se com o outro e com a web.

Os smartphones não servem apenas para efetuar chamadas, acumulam multifunções, dentre elas o acesso à internet e, conseqüentemente, às redes sociais. Celulares adquiriram sistemas operacionais eficientes que permitem executar tarefas antes só possíveis em um computador de mesa. Há mais celulares que pessoas no globo. As redes sociais conseguiram criar ferramentas e se adaptar à evolução dos dispositivos móveis, exigência de uma sociedade 'desplugada'¹⁹ como afirma Boyd (2010):

Recursos e funcionalidades variam entre os diferentes sites de redes sociais, proporcionando uma variedade de diferentes canais de comunicação públicos e privados, mas quero me concentrar em quatro tipos de recursos que desempenham um papel de destaque na construção de sites de redes sociais como rede públicas - perfis, listas de amigos, ferramentas de comentários públicos e atualizações baseadas em fluxo (Boyd, 2010, p. 42).²⁰

Seja um público de rede com fins específicos ou um público de rede com variados objetivos como no Facebook e no Twitter, as características listadas indicam similaridades de sites de redes sociais que propiciaram a onisciência dessa plataforma na vida moderna e provocam mudanças na maneira como os indivíduos inter(agem). Gomes (2016) enumera quatro mudanças relacionadas a influência das conexões e das interações digitais nas práticas sociais:

¹⁹ Empréstimo do termo utilizado por Lemos (2004) usado em Cidade desplugada – Internet wi-fi, tópico do artigo Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão

²⁰ Tradução da autora. No original: “Features and functionality vary across different social network sites, providing a variety of different public and private communication channels, but I want to focus on four types of features that play a salient role in constructing social network sites as networked publics – profiles, Friends lists, public commenting tools, and stream-based updates. These different features showcase how bits are integrated into the architecture of networked publics.”

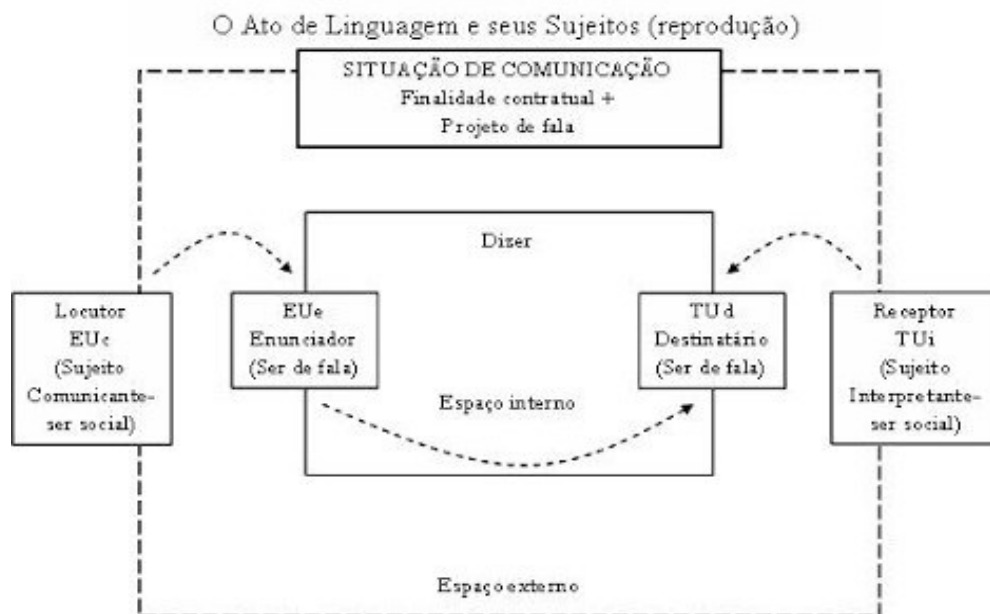
Quadro 4 - Sociabilidade no ambiente digital

SOCIABILIDADE NO AMBIENTE DIGITAL	
Hiperconexão	A mudança nos aparelhos, na infraestrutura e na tecnologia das telecomunicações resultou no comportamento social hiperconectado em que não existe mais barreiras entre o mundo virtual e real, existe um único mundo.
Selfbroadcasting	A independência de fazer sozinho a difusão do conteúdo que se acha conveniente seja num círculo mais íntimo, seja num círculo mais amplo. Essa mentalidade implica um fluxo intenso de consumo e produção de downloads, uploads e streaming.
Social commenting e o social editing	O comentário social é a reação verbal, frequentemente discursiva, de apoio ou refutação de conteúdo. Transforma as redes sociais em arenas de discussão pública. A edição social é a intervenção sobre o conteúdo com recursos de edição de imagem e criações técnicas e artísticas em nível sofisticado e intervenções básicas como cortar e colar.
Convergência de funções	A integração de comunicação estratégica, monitoramento, mobilização, engajamento e participação. Redes sociais digitais e todo o sistema de meios digitais se articulam e fornecem instrumentos de amplificação de qualquer ideia, interpretação dos fatos e problemas sociais.

Fonte: Elaborado por Gomes, 2016.

Observando essas mudanças, é perceptível como a comunicação ganhou uma nova dimensão e a linguagem adquiriu novas convenções, uma vez que o componente linguístico é “parte importante nas mudanças sociais e culturais mais amplas.” (Fairclough, 2001, p. 24). A Linguística procurou acompanhar os fenômenos linguísticos ocorridos na internet, que são recentes e demandam um certo volume de pesquisa. A linguagem segue esse constante desenvolvimento, uma vez que é dinâmica, consegue se reinventar em novas convenções para estabelecer comunicação entre falantes.

Carvalho e Kramer (2013, p. 83) concebem que numa rede, como no Facebook, a participação “aproxima os sujeitos interpretantes de sua configuração como destinatários, pois seus perfis são representações de sua vida real”. As teorias tradicionais sobre situação de comunicação não se aplicam a web, pois os limites rígidos entre transmissor e receptor são dissipados no contexto do ciberespaço.

Figura 5 - Circuito do ato de linguagem

Fonte: Charaudeau (2008).

Signos orais, escritos, visuais ou audiovisuais percorrem a web por links e nós textuais que um indivíduo, grupo ou organização/entidade reverberam nesse ambiente pela interação e coordenação de práticas discursivas que são ações inerentes à vida em sociedade. A próxima sessão discorrerá como o meme de internet, neste panorama de web 2.0, ganha espaço nas redes sociais, que criam ferramentas como curtir²¹, comentar e compartilhar e tornam exequível a criação e compartilhamento de conteúdo. “É uma subcultura dentro da cibercultura²² que cresce no ciberespaço” (Souza, 2013) que incentiva e se organiza em torno dessas práticas discursivas.

2.6 Memes: da memética à internet

Dawkins (1976) descreve pela primeira vez o termo meme no livro *O Gene Egoísta*. Uma obra de divulgação científica considerada sucesso de vendas que apresenta a biologia evolutiva através de um corpo teórico que agrupa conhecimentos sobre o surgimento

²¹ O Facebook traz uma lista de reações, que pretende metrificar as emoções de forma mais clara e melhorar a comunicação sobre o que foi compartilhado entre usuários.

²² Conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos, de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (Levy, P.1999:17)

e a diversificação de espécies e sobre a interação e colaboração entre indivíduos. O termo vem do grego 'mimeme', que significa imitação.

A palavra sofreu uma redução e foi transformada pelo autor em meme, adotando similaridade com um termo que desempenha papel principal na biologia, o gene, que é um segmento de molécula de DNA responsável, por exemplo, pela cor dos olhos e dos cabelos, tipo sanguíneo, por características herdadas geneticamente. Além do gene, o autor identificou outro replicante no planeta, o meme.

Exemplos de memes são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Das mesmas formas como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. (Dawkins, 2006, p. 192)²³

Na memética, da mesma forma como os genes buscam produzir cópias de si mesmos de uma geração para a outra, os memes são informações copiadas de pessoa para pessoa por imitação pela linguagem. Ao falar, contar histórias, vestir roupas, gostar de música, posicionar-se politicamente, imitamos informações que competem para dominar a mente. Essa mistura primitiva cultural é o meme, o segundo replicador. O meme é 'egoísta' como o gene. Ele não quer ser replicado, será replicado se puder, independente das consequências que esta ação proporcionar.

Da mesma forma que aqueles que sobreviveram passaram adiante para a prole aquilo que tenha feito para sobreviver, fazendo com que a próxima geração seja melhor adaptada às circunstâncias que seus pais, garantindo a seleção natural e a evolução das espécies, o meme é copiado pelos cérebros como mecanismo de imitação, gerando a variação, seleção e pôr fim a evolução cultural.

Susan Blackmore (1999) deu sequência ao conceito de meme no livro *Meme Machine*. Considera o meme o segundo replicador depois do gene. Desde que os ancestrais começaram a imitar, houve um novo processo de cópia, que aprendemos de forma consciente ou inconsciente. Somos veículos de propagação de memes.

²³ Traduzido de: "Examples of memes are tunes, ideas, catch-phrases, clothes fashions, ways of making pots or of building arches. Just as genes propagate themselves in tarches. Just as genes propagate themselves in the gene pool by leaping from body to body via sperms or eggs, so memes propagate themselves in the meme pool by leaping from brain to brain via a process which, in the broad sense can be called imitation."

Memes eficazes serão aqueles que causam a memória de alta fidelidade, de longa duração. Memes podem ser bem sucedidos em difundir em grande parte porque eles são memoráveis e não porque eles são importantes ou úteis. Teorias erradas da ciência podem se espalhar simplesmente porque elas são compreensíveis e se encaixam facilmente com existentes teorias e maus livros podem vender mais cópias porque você pode se lembrar do título quando chegar à livraria - embora, é claro, temos estratégias para superar esses preconceitos. Uma tarefa importante da memética será integrar a psicologia da memória com uma compreensão da seleção memética. (Blackmore, 1999. p. 57, tradução nossa)²⁴.

Isso quer dizer que alguns memes serão copiados porque são bons, verdadeiros, úteis ou belos, mas alguns são copiados mesmo que não sejam. O que importa é que sejam memoráveis. A linguagem foi uma ferramenta, quase como um 'parasita', que permitiu a cópia de memes pelos cérebros grandes dos ancestrais humanos, mas adaptou-se e evoluiu. Desenvolveu as máquinas genéticas, que passaram a ser máquinas meméticas também. A memética pode ajudar a compreender esse processo de evolução cultural, dando uma visão da origem da humanidade e do que significa ser humano.

Tanto Dawkins (2006) e Blackmore (1999) aceitam os memes como replicadores de informações e unidade responsável pela evolução cultural, baseando-se no princípio do darwinismo universal, que constitui a Memética. Dawkins (2006) enfatiza a relação entre meme e gene, citando características daquele como longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia que remetem aos traços de hereditariedade deste. Enquanto Blackmore (1999) evidencia o aspecto do ser humano como máquina de meme.

A concepção memética distancia-se de outros campos de conhecimento como o jornalismo e a comunicação em pelo menos uma questão fundamental. Em vez de representar o meme como única unidade cultural que tem se propagado com bastante eficiência, os “memes são compreendidos como grupos de unidades de conteúdo.” Desde a descoberta da escrita até hoje com a ascensão da tecnologia, as pessoas armazenam memes. No entanto, observa-se que esse fenômeno, atualmente, apresenta uma nova configuração no ciberespaço.

eu recentemente sugeri que a definição de meme internet como um grupo de itens digitais que: (A) compartilham características comuns de conteúdo, forma e / ou postura; (B) são criados com conhecimento um do outro; e (c) são circulados, imitados, e transformados através da Internet por vários usuários (Shifman, 2014, p.

²⁴ Tradução de: “Effective memes will be those that cause high fidelity, long-lasting memory. Memes may be successful at spreading largely because they are memorable rather than because they are important or useful. Wrong theories in science may spread simply because they are comprehensible and fit easily with existing theories, and bad books may sell more copies because you can remember the title when you get to the bookshop – though, of course, we do have strategies for overcoming these biases. An important task of memetics will be to integrate the psychology of memory with an understanding of memetic selection.”

341, tradução nossa)²⁵.

A teoria dos memes sofre um recorte epistemológico, visto que agora o meme é situado no universo da esfera digital. Se antes ocorriam de forma irregular, marcado pela casualidade, hoje estão presentes na esfera pública. São enormes grupos de textos e imagens presentes na web e replicados na velocidade de um clique.

A ideia do meme como único elemento de evolução cultural, como afirma Dawkins (2006) e Blackmore (1999), parece restrita, em virtude do surgimento e desenvolvimento da internet. A web 2.0 alavancou o volume de informações pela inserção do internauta como produtor/receptor de conteúdo, interferindo na concepção de meme que agora amplia sua arquitetura como blocos de unidades de conteúdo.

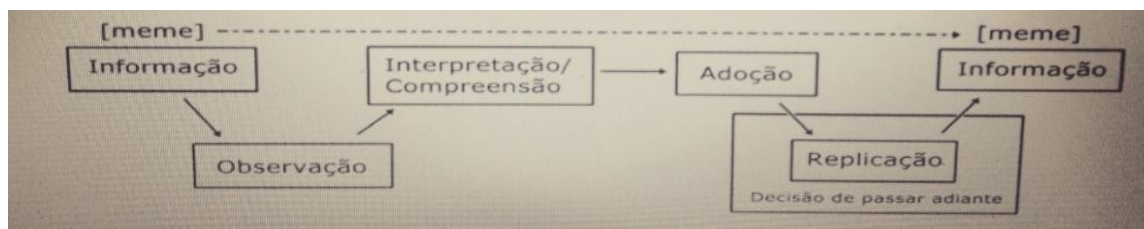
Com cada novo remix , memes são reapropriados, a fim de produzir novas interações e variações de idéias mais amplas , a maioria sem assinatura ou citação. Dentro desta forma, o meme de internet poderia ser um artefato participativo por excelência: aberto e colaborativa, e adaptável. A tecnologia necessária para criar memes muitas vezes é relativamente simples e inteiramente livre, exigindo apenas que um participante disposto saiba onde baixar as ferramentas e onde fazer o 'download' os resultados.” (Milner, 2012, p. 1212).

É perceptível uma nova concepção de meme. A web não só especifica um universo onde memes podem aparecer, mas promove a estruturação do meme por interferência de usuários colaborativos conectados pela rede mundial de computadores. A evolução da web, concomitantemente com a inovação da linguagem em rede cultural mediada pela postura de um participante colaborativo, remodelaram e popularizaram o meme, atribuindo-lhe não só a função de replicar informação, mas de transformá-la através de mecanismos linguísticos, ressignificando-o na ordem do discurso.

Souza (2013) reforça que a organização que se estabelece nas redes sociais a partir do uso de ferramentas como curtir/reagir, comentar e compartilhar demonstra que os usuários, em conexão em rede, adotam uma prática discursiva que vai ao encontro das concepções ideológicas de cada participante dessas relações interativas. A representação do processo de replicação do meme no ambiente da web aparece na figura a seguir

²⁵ Tradução de: “I have recently suggested defining an internet meme as a group of digital items that: (a) share common characteristics of content, form, and/or stance; (b) are created with awareness of each other; and (c) are circulated, imitated, and transformed via the internet by multiple users (Shifman, 2013b).”

Figura 6 - Representação do processo de replicação de um “meme”



Fonte: Souza, 2013, p. 136.

Contextualizando a replicação do meme de internet no ambiente de redes sociais, observa-se que o processo passa por estágios de observação (1) e interpretação /compreensão. Após essas duas primeiras etapas executadas em virtude da grande quantidade de memes que circulam nas redes sociais, vem a etapa de adoção (2) realizada pela seleção do conteúdo que pode ser 'curtido' e, desta forma, já é valorizado pelo internauta ou apropriado através da replicação dessa informação.

Memes dependem da replicabilidade de palavras, imagens e ideias para serem legitimados, sendo este um dos critérios levado em conta por Knobel e Lanksher (2007); Recuero (2007); Shifman (2014) no momento de estabelecer uma tipologia de meme como mostra a figura seguir. Vejamos como se caracteriza essa tipologia dos memes:

Quadro 5 - Tipologia dos memes

AUTORES	CRITÉRIOS DE TIPIFICAÇÃO	TIPOLOGIA
Knobel e Lankshear (2007)	Replicabilidade Fidelidade	<ul style="list-style-type: none"> • Estáticos (replicados com pouca variação entre memes); • Remixados (replicados com muita variação entre memes).
Recuero (2007)	Replicabilidade; Fidelidade; Longevidade; Fecundidade; Alcance.	<ul style="list-style-type: none"> • Replicadores-apresentam como característica básica a reduzida variação, com uma alta fidelidade à cópia original; • Metamórficos-Essa categoria compreende memes que são totalmente alterados e reinterpretados enquanto passados adiante; • Miméticos- Apesar de sofrerem mutações e recombinações, sua estrutura permanece a mesma e são facilmente referenciáveis

		<p>como imitações;</p> <p>Persistentes- permanecem sendo replicados por muito tempo. Espalhados durante um longo espaço de tempo. Além disso, nos memes persistentes também se enquadram aqueles que desaparecem por um tempo, mas, depois, retornam e voltam a se replicarem;</p>
		<ul style="list-style-type: none"> • Voláteis- aqueles que têm um curto período de vida e são rapidamente esquecidos, ou são modificados (tornando-se, assim, um novo meme); • Epidêmicos- com grande fecundidade, que se espalham amplamente por várias redes; • Fecundos- espalham-se por grupos menores; • Globais- São memes que alcançam nós que estão distantes entre si dentro de uma determinada rede social, não sendo, necessariamente fecundos. Eles simplesmente aparecem em pontos não próximos; • Locais- propagados por pessoas que estão mais próximas e que interagem com mais frequência. Memes locais ficam prioritariamente restritas a poucos nós da rede, mas podem tornar-se globais no decorrer do tempo.
Shifman (2014)	Replicabilidade; Fidelidade;	<ul style="list-style-type: none"> • (1)Gêneros que se baseiam na documentação dos momentos da vida social; • (2)Gêneros baseados em manipulação explícita de conteúdo visual e audiovisual mediado por massa; • (3)Gêneros que evoluíram em torno de um novo universo de conteúdo orientado para o meme.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A proposta tiplógica de memes em Recuero (2007) associa replicação e fidelidade, estabelecendo a seguinte classificação: replicadores e metamórficos. Outros três critérios são sugeridos pela autora: longevidade, fecundidade e alcance, resultando nos seis tipos que recorrem a características do meme influenciadas pela memética. No entanto, a taxonomia de Recuero (2007) é baseada em um estudo de caso.

Embora a análise tenha ocorrido em uma pequena amostra de memes em weblogs em redes sociais e não comporte a complexidade do meme na cibercultura da web, a investigação fomenta estudos mais apurados. Seguindo a mesma atenção aos critérios de replicação e fidelidade, Knobel e Lankshear (2007) organizam uma tipologia que se baseia na forma como os memes foram replicados, se apresentam maior ou menor grau de fidelidade ao texto original.

Shifman (2014) diferencia-se, em um primeiro momento, pela proposta de classificação de memes em relação aos conteúdos produzidos. No entanto, a autora propõem uma subdivisão que se aproxima dos critérios de Knobel e Lankshear (2007). Embora Shifman (2014) estabeleça uma classificação baseada na produção dos usuários, acaba retomando os critérios de replicação e fidelidade.

Ao agrupar memes que documentam momentos da vida social, ancora-se em uma espaço concreto e com alto grau de fidelidade à informação inicial. Já o segundo tipo, memes baseados em manipulação explícita, agrupa memes remixados com baixo grau de fidelidade e dotados de grande transformação que revela atitudes multifacetadas.

O último tipo é interessante por assumir uma cultura do meme, ou seja, os usuários necessitam de familiaridade com uma ampla gama de novos símbolos, ou seja, incorporam uma complexa grade de signos que apenas quem está “por dentro” do universo pode decifrar ou produzir. A seguir, observa-se a tipologia sugerida pela autora agrupada nas três subdivisões mencionadas no quadro anterior

(1) Gêneros que se baseiam na documentação dos momentos da vida social:

- **Photo Fads**- fotos organizadas por pessoas que imitam posições ou ações em várias configurações, geralmente como o propósito de publicar a imagem na Web.
- **Flash Mob**- fenômeno no qual um grupo de estranhos se reúne em espaço público, de repente e simultaneamente executam um ato particular e depois disso deixam a cena rapidamente.

(2) Gêneros baseados em manipulação explícita de conteúdo visual e audiovisual mediado

por massa:

- **React Photoshop**- imagens criadas em reação a fotos viralizadas.
- **Lipsynch** – são vídeos de imitação, em que o indivíduo ou grupo combina o movimento dos lábios a uma música popular.
- **Mishered Lyrics** – interpretações divertidas de sons falados ou palavras escritas.
- **Recut Trilers**- trailer de filme falso gerado por usuário, que utiliza técnicas de edição ou remixação de filmagens.

(3) Gêneros que evoluíram em torno de um novo universo de conteúdo orientado para o meme:

- **LOLCats**- fotos de gatos acompanhadas de legendas com erros ortográficos, que geralmente se referem à situação mostrada na foto.
- **Stock character macros**- representam formas exageradas de comportamento. Concentrados no sucesso e na falha social de um grupo particular.
- **Rage comics**- são quadrinhos de aparência amadora com “faces de raiva”Caracteres expressivos associados a um tipo de comportamento.

Mesmo com algumas diferenças, as tipologias apresentam similaridades no sentido de concordar que a replicabilidade, uma característica que remete à intertextualidade explícita, é fator inerente ao meme. O que faz dele um gênero está na sua força coletiva como um conjunto de textos que, embora dotados de mecanismos de natureza criativa e transformadora, apresenta unidade por suas relações intertextuais diante de acontecimentos de repercussão social.

A sua ambivalência está na diversidade e unidade. A pesquisa volta-se para o que Shifman (2014) denomina memes políticos, que são memes como forma de participação política. A visão de política cabe tanto em um sentido mais amplo como construção social do poder como no sentido mais estrito como sistema de governança. Os memes políticos apresentam três funções entrelaçadas:

1. Persuasão – formas de convencimento e defesa política. Relacionados a militância política;
2. Ação – forma de vinculação do pessoal e do político para capacitar uma ação popular;
3. Discussão pública – forma de expressar suas opiniões políticas. Funcionam como comentário.

Em concordância com Shifman (2014), Milner (2012) reconhece o uso de memes na participação política, mesmo quando situados em subculturas mediadas dominadas por identidades sociais específicas, por proporcionar espaço para discussão e a crítica de natureza polivocal no diálogo público por meio de comentários e combinações intertextuais e interdiscursivas da cultura popular. Para conceber o meme nesta perspectiva, incluindo-o em uma cadeia de gênero na qual permeiam textos, discursos e identidades, a pesquisa enfatiza uma abordagem crítica de gêneros discursivos.

2.7 Gênero discursivo: uma abordagem crítica do meme político

A relevância do estudo de gêneros discursivos é comprovada com a imensa quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos, principalmente, nos últimos anos. Com o surgimento e popularização da internet, observa-se que o ambiente digital aparece como mais um espaço em que as práticas discursivas contemporâneas são situadas. Dessa forma, gêneros discursivos ambientados digitalmente são uma realidade e motivam mais pesquisas sobre o assunto, que está longe de se esgotar.

O capítulo discutirá os gêneros discursivos, fazendo um breve percurso histórico sobre algumas abordagens. Embora não comporte a amplitude de toda produção acadêmica, pontua a pertinência de exaltar o valor de analistas de gênero e de explanar a opção por uma concepção de gênero norteadas em relação aos princípios da ADC. Em um primeiro momento, o capítulo faz a apresentação de alguns subsídios teóricos de Bakhtin, que serviram de base para o desenvolvimento de pesquisas sobre gêneros discursivos. Em seguida, vem a exposição de abordagens que consolidam a tradicional Escola de Sidney. Por último, a explanação da abordagem sociossemiótica na qual se insere a concepção de gênero discursivo adotada no trabalho.

2.7.1 Gênero discursivo e a perspectiva bakhtiniana

Antes de falar sobre conceitos-chave bakhtinianos, é importante frisar que a ênfase em estudo de gêneros não é algo recente. Analistas de gêneros garantiram que estudos perpassassem a periodização da história. Como explica Marcuschi (2008, p. 147), primeiramente relacionados “aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX.”

Em *Retórica*, Aristóteles (2012) estabelece três gêneros do discurso: o deliberativo, o judiciário e o epidídico. O primeiro é associado ao futuro, uma vez que está relacionado ao ato de aconselhar/ desaconselhar. O segundo é associado ao passado, pois o objetivo é julgar, isto é, acusar ou defender.

O terceiro é associado ao presente, refere-se à ação de elogiar ou censurar. É o ponto de partida para que o estudo de gêneros ultrapasse o interesse inicial, o âmbito da literatura, e passe a abranger a natureza do discurso. Segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 38), o autor que impulsionou “a reflexão sobre os gêneros a todos os textos e discursos sem distinção ou divisão, tanto da vida cotidiana como na arte, foi Mikhail Bakhtin e seu círculo de discussões”.

Tal fato ampliou as linhas de pesquisa. Existe um leque de perspectivas que teóricos dispõem para a produção de trabalhos sobre gênero. As abordagens sociosemióticas, sociorretóricas e sociodiscursivas, que Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) agrupam didaticamente, servem para exemplificar uma gama de possibilidades que contribuem para o desenvolvimento do estudo de gêneros.

Nas últimas décadas, esse assunto ganhou destaque no contexto educacional pelo direcionamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e de avaliações externas para uma interpretação de texto pautada em estudo de gêneros. Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro (habilidade 25 da competência 8) e reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não-verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos (habilidade 21 da competência 7) são habilidades contidas na Matriz de Referência de Linguagens e Códigos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)²⁶ que exemplificam a preocupação em agregar o estudo de gêneros ao ensino de Língua Portuguesa (Brasil, 1998).

Observa-se, dessa maneira, que seja no campo acadêmico ou pedagógico, o estudo de gêneros discursivos ganhou destaque pelo entendimento de que explorar o gênero discursivo é uma forma de entrelaçar a linguagem à vida social. Esse aspecto é explícito na definição de gênero na obra de Bakhtin. O quadro mostra o termo “gênero” em duas obras do autor:

²⁶http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=84matrizl1&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192

Quadro 6 - Definição de gênero por Bakhtin/ Volochinov

Definição de gênero por Bakhtin/ Volochinov	
Marxismo e filosofia da linguagem (1929)	“Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos gêneros linguísticos. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica” (p.44)
Os gêneros do discurso (2014)	“Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (p.12)

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

No excerto de *Marxismo e filosofia da linguagem*, observa-se a expressão “gênero linguístico”. O determinante pode dar a impressão de uma definição de gênero mais arraigada à forma, em que a estrutura da língua seja fator preponderante. Segundo Rojo e Barbosa (2015), o termo ‘linguístico’ serve apenas para estabelecer uma oposição ao literário ou poético. Fica claro que as duas definições se complementam. O gênero trabalha com a forma como exemplifica o autor em *O gênero do discurso* ao citar elementos como conteúdo temático, estilo e construção composicional. No entanto, o aspecto linguístico funciona em prol das práticas sociais e das correntes ideológicas.

O que Bakhtin fala sobre a palavra se estende ao enunciado e ao gênero:

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem- formados. (Bakhtin, 2014, p.42).

Ao relacionar o conceito de palavra às definições de gênero do quadro anterior, constata-se que o repertório de formas do discurso figura nas práticas sociais dos sujeitos, atravessando períodos históricos e mudanças sociais, marcando uma concepção muito conhecida na obra do autor, a natureza sócio-histórica e ideológica da linguagem.

A palavra é um mecanismo ideológico, isto é, a falta de neutralidade da palavra ocorre porque ela não vem do vazio, sempre remete a outros enunciados. Constitui-se de um constante processo dialógico produzido pela interação verbal. Diálogo, para Bakhtin (2014, p. 127), tem um sentido mais extenso, quer dizer “toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja” pautada na interação verbal, traço constituinte da “realidade fundamental da língua”.

Segundo Rodrigues (2005, p. 156), disciplinas como “diferentes vertentes da análise do discurso”, em que se encaixa a ADC, são de natureza translinguística, isto é, estudam um panorama no qual as relações dialógicas são possíveis. A autora ressalta que esse posicionamento parte de uma visão de *língua discurso*, que se opõem a visão de *língua sistema* em relação às relações dialógicas.

Esta organiza elementos linguísticos que apresentam atribuições e se inter-relacionam, mas não dialogam. É um sistema que, como objeto de estudo da Linguística, é analisado pelo caráter estrutural e formal. Enquanto aquela aceita o dialogismo e extrapola o rigor linguístico no sentido de que a linguagem não está centralizada apenas na língua em si, mas também em elementos como falantes, esferas sociais e valores ideológicos.

“As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência juntas e estreitamente vinculadas” (Bakhtin, 2014, p. 39) O fato de falar na presença e na ausência de dialogismo pode soar como uma definição reduzida à dicotomia. No entanto, é sabido que essas duas visões de língua se complementam e são abalizadas historicamente na esfera acadêmica. No entanto, não se interceptam, visto que resultam de recortes epistemológicos de um objeto de estudo que apresenta camadas de complexidade.

Se, como afirma Barros (2001, p. 2), “Bakhtin concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso”, é coerente que as relações dialógicas sejam evocadas quando se define enunciados e gêneros discursivos. A autora destaca ainda que o dialogismo está presente tanto na interação entre enunciador e enunciatário do texto quanto na intertextualidade no interior do discurso.

Quanto ao enunciado, Bakhtin (2016) esclarece sobre a inexistência de uma teoria voltada a ele, mas pontua algumas peculiaridades constitutivas como forma de amenizar a confusão entre enunciado e oração:

- a) *Alternância dos sujeitos do discurso*: singularização e consolidação do enunciado, separando-o “dos outros enunciados a eles vinculados” (Bakhtin, 2016, p.35).
- b) *A conclusibilidade*: finalização do que deveria ser dito, garantindo uma posição responsiva em relação ao enunciado concluído. Portanto, um aspecto inserido à alternância dos sujeitos do discurso. “A exauribilidade semântico-objetiva; a intenção/vontade discursiva do falante e as formas típicas da composição e do acabamento do gênero” (Bakhtin, 2016, p. 36) são fatores conectados à completude do enunciado.
- c) *As formas estáveis de gênero do enunciado*: adoção de determinado gênero de discurso. Apesar de uma diversidade de gêneros, os enunciados apresentam formas relativamente estáveis porque são condicionados por “considerações semânticas-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal de seus participantes, etc.” (Bakhtin, 2016, p. 38). As práticas sociais cotidianas propiciam o emprego e a adequação do gênero de discurso à intenção/vontade discursiva.

A variabilidade de gêneros de discurso é proporcional a infinidade de fenômenos plausíveis nas atividades sociais. Esse quadro heterogêneo, para Bakhtin, não é empecilho para o estudo dos gêneros do discurso, tanto que descreve gêneros primários e secundários. Os primeiros, considerados simples, estão no plano das interações verbais presentes no dia a dia, marcados pela situação comunicativa discursiva instantânea.

Já os segundos, considerados complexos, tipicamente escritos, são gerados em interações verbais que comportam relativo grau de desenvolvimento e de organização na convivência cultural. Assinalar a distinção entre primários e secundários não constitui uma fronteira rígida entre essas modalidades. Na verdade, conclui-se o oposto ao observar a absorção/reelaboração de gêneros primários pelos complexos.

A fluidez entre gêneros primários e secundários poder ocasionar a reformulação inovadora de gêneros, o autor pondera sobre o processo de liberdade criadora ser condicionado ao domínio e, conseqüentemente, a empregabilidade dos gêneros nas situações de comunicação, apontando a importância de estabelecer certa normatividade ao enunciado.

Sobre os gêneros discursivos afirma que “comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele, mas dados a ele” (Bakhtin, 2016, p. 42).

Essa afirmação conecta-se a outro conceito presente na visão bakhtiniana, o de que os mecanismos normativos atuam como forças centrípetas que unificam e estabilizam,

exercendo uma recorrência que garante a padronização genérica. Mas também, as múltiplas vozes sociais e o dinamismo da língua flexibilizam e desestabilizam, isto é, são forças centrífugas que ocasionam versatilidade e relatividade (Bakhtin, 1997).

Bakhtin aparece como “uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem” (Marcuschi, 2008, p. 152). Portanto, é inegável a influência do autor para o amplo quadro de perspectivas teóricas sobre o estudo de gêneros discursivos disponível na atualidade, incluindo o viés bakhtiniano na concepção de gênero adotada por Fairclough (2001) e seguida pela pesquisa.

A seguir, três abordagens sobre pesquisa de gênero serão mapeadas, dentre elas a Escola de Sidney, que utiliza como aporte a teoria sistêmica de Halliday, que também é bastante utilizada na ADC quando se trata de análises linguísticas.

2.7.2 Abordagens de pesquisa em gênero discursivo

O conceito de gênero será delineado nesta sessão por três abordagens: Escola de Sidney, Nova Retórica e ESP²⁷. O mapeamento dessas perspectivas teóricas busca diferenciar a Escola de Sidney das outras duas abordagens também estabelecidas na tradição linguística e destacar conceitos da LSF²⁸, presente na Escola de Sidney e adotado por teóricos da ADC.

Dessa forma, situar a escolha teórico- metodológica da ADC quanto à noção de gênero. A Escola de Sidney apresenta este nome por ter o departamento de Linguística da Universidade de Sidney como base institucional. É conhecida por desenvolver análise de estrutura esquemática ancorada na LSF, ou seja, em diferentes recursos léxico-gramaticais. “Para os estudiosos da LSF, o gênero é um elemento em um complexo sistema semiótico social, delineando e explorando as características textuais as quais são capacitadoras para alunos e cidadãos (desfavorecidos)²⁹” (Swales, 2009, p. 3).

Essa abordagem vai além do âmbito acadêmico. Materiais didáticos foram produzidos para cumprir uma agenda pedagógica. Os gêneros são tratados como recursos culturais que são ensinados explicitamente nas escolas. Essa iniciativa de letramento de gênero faz parte de um planejamento político-pedagógico que visa garantir acesso a

²⁷ English Specific Purposes. Tradução nossa: “Inglês para fins específicos”.

²⁸ Linguística sistêmico- funcional

²⁹ Tradução nossa de: “For SFL scholars, genre is one element in a complex social semiotic system, delineating and exploring the textual features of which is empowering for both learners and (disadvantaged) citizens.”

determinados gêneros que circulam na esfera educacional e profissional, uma forma de através da escrita exercitar a cidadania.

Diferindo da Escola de Sidney, a Nova Retórica tem certa objeção quanto à forma de ensino explícito gêneros, que são entendidos como situados socialmente. O motivo da oposição deve-se a compreensão de que a aquisição de gênero não depende apenas de regras taxonômicas, envolve ação retórica situada em um contexto e, portanto, extrapola a apreensão de estruturas formais conforme afirma Miller:

A compreensão de gênero retórico que defendo baseia-se na prática retórica, nas convenções de discurso que uma sociedade estabelece como maneiras de “agir junto”. Essa compreensão não se presta à taxonomia, porque gêneros mudam, evoluem e se deterioram; o número de gêneros correntes em qualquer sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade da sociedade (Miller; 2012, p. 38-39).

Com destaque na linguística aplicada, ESP sofreu influência tanto da Escola de Sidney quanto da Nova Retórica. Da primeira, herdou o viés pedagógico, visto que está associada ao domínio de gêneros acadêmicos e profissionais. Da segunda, comunga com a opinião de que contextos sociais influenciam na identificação de gênero e a organização retórica associa-se a propriedades formais.

ESP ultrapassa os limites da linguística aplicada com John Swales, que trata o propósito comunicativo como prioridade para identificação de gênero (organizado em movimentos retóricos/ etapas) por comunidades discursivas como demonstra Hyon (1996, p. 695):

Swales (1981, 1986, 1990a), cuja pesquisa tem sido seminal na formação da teoria do gênero em ESP, descreve os gêneros como "eventos comunicativos" caracterizados tanto por seus "propósitos comunicativos" quanto por vários padrões de "estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo" (1990a, p. 58). A preocupação com a função e a forma social é ecoada em outras definições ESP do gênero (Bhatia, 1993; Flowerden, 1993; Hopkins & Dudley-Evans, 1988; Thompson, 1994 Weissberg, 1993)³⁰.

Solin (2011) faz algumas considerações sobre a percepção de gênero na contemporaneidade. O quadro abaixo apresenta uma síntese das três abordagens descritas:

³⁰ Tradução nossa de Swales (1981, 1986, 1990a): “whose research has been seminal in shaping genre theory in ESP, describes genres as “communicative events” that are characterized both by their “communicative purposes” and by various patterns of “structure, style, content and intended audience” (1990a, p. 58). The concern for both social function and form is echoed in other ESP definitions of genre (Bhatia, 1993; Flowerden, 1993; Hopkins & Dudley-Evans, 1988; Thompson, 1994 Weissberg, 1993).”

Quadro 7 - Abordagens de pesquisa sobre gênero

ABORDAGENS DE PESQUISAS SOBRE GÊNERO			
Abordagens	Definição	Influências	Contribuições
Escola de Sidney	"diferentes gêneros são diferentes formas de uso da linguagem para atingir diferentes tarefas cultural-mente estabelecidas "(p. 122)	Linguística sistêmico-funcional -SFL (Michael Halliday, 1994)	Uma resposta a debates em torno do ensino da escrita nas escolas e apoio a novos programas de letramento.
Nova Retórica	“são analisados como socialmente situados, muitas vezes dentro de determinadas comunidades profissionais ou disciplinares” (p.123).	Estudos retóricos do gênero-fatores institucionais, históricos e culturais que influenciam a escrita prática (Miller, 1984, p. 151).	Consequências metodológicas: Proximidade de contextualização de texto de gêneros e uso de metodologias orientadas etnograficamente.
ESP	ênfase na definição de gêneros através de seus propósitos comunicativos em vez de suas formas, contextualização de gêneros como propriedade de "comunidades do discurso" (p. 125)	Modelo sistêmico-funcional lista de análise e orientação etnográfica da nova pesquisa Retórica de gênero. (John Swales, 1990)	Agenda pedagógica: para ajudar não nativos falantes de inglês para dominar gêneros acadêmicos e profissionais.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A autora salienta que a formulação normativa começa a dar lugar a uma ótica voltada para a relação do componente textual à ação social. Esse processo permite que noções descritivas concorram com outras configurações, favorecendo a diversidade de teorias que resultam na complexidade do conceito de gênero. No entanto, ressalta um ponto em comum nessas abordagens, a visão de gêneros como formas de prática semiótica situadas socialmente, aspecto que é partilhado pela noção de gênero adotada pela ADC, imprescindível para esta pesquisa.

2.7.3 *Concepção de gênero discursivo na ADC*

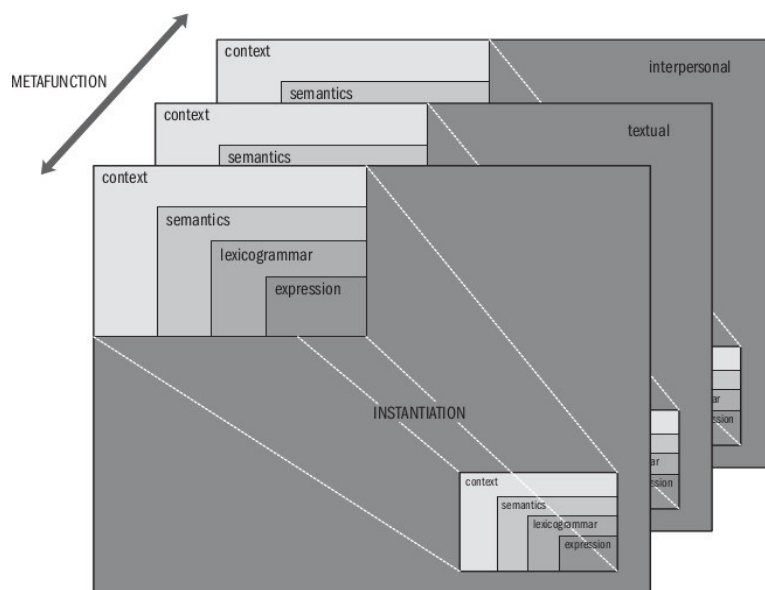
A pesquisa está em conformidade com uma perspectiva discursiva e semiótica de gênero, conectando análise linguística a questões da vida social como representações, identidades e relações de poder. Para isso, volta-se para uma linha de análise crítica e recebe influência da teoria sistêmica hallidayana, presente na obra de teóricos consagrados na abordagem sociossemiótica³¹.

Para Hasan (1995) a estrutura potencial do gênero (EPG) é constituída pela conexão entre funcionalidade da linguagem e configuração contextual (CC). O contexto de uso apresenta três variáveis: campo, relação e modo. O campo diz respeito a prática social instanciada pela linguagem, ou seja, tipo de ato realizado e objetivos. A relação entre participantes abrange papéis de agentes, distanciamento social, comando de um participante sobre outro, níveis de controle e de hierarquia. O modo compreende a questão da linguagem como canal, suporte, meio, compartilhamento de processos entre interlocutores.

Dell'Isola (2012) afirma que, para Hasan (1989), os elementos textuais que compõem a estrutura genérica são norteados por traços específicos do contexto. A autora lembra que embora haja elementos obrigatórios, os elementos opcionais propiciam algum grau de variabilidade em determinado gênero. As metafunções da linguagem (Halliday, 1994) realizam as configurações contextuais, isto é, texto e contexto social, pelo registro, constituem o gênero.

A figura retrata as metafunções que, segundo Halliday e Matthiessen (2004), não são apenas modos de usar a língua, e sim, a demonstração de que a arquitetura da linguagem é organizada ao longo de linhas funcionais.

³¹ É importante lembrar que essa nomenclatura adotada na pesquisa foi baseada em Meurer, Bonini, Motta-Roth, que a utiliza para fins didáticos, (2005) na intenção de agrupar autores que adotam laços teóricos com base na teoria sistêmica.

Figura 7 - Metafunções da linguagem

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 30).

Na teoria sistêmica, os elementos essenciais no significado da linguagem atuam em um sistema linguístico composto pelos componentes semântico, léxico gramatical e fonológico e em um sistema contextual realizado pelas metafunções e formado pelas variáveis campo, modo e relações. A metafunção ideacional expressa a linguagem como reflexão, os recursos lexicogramaticais de cada linguagem oferecem a oportunidade de representar as experiências do mundo (interior e exterior) ao sujeito.

A metafunção interpessoal expressa as relações pessoais e sociais, a linguagem como forma de ação dos sujeitos em interação em várias circunstâncias. A metafunção textual expressa a construção do texto. Conecta-se com as outras metafunções. As metafunções de Halliday, como mencionado anteriormente, também são componentes presentes no trabalho de Fairclough (2001, 2003).

Ao expressar experiências e estabelecer relações interpessoais, os sujeitos se organizam por meio do texto e utilizam sequências discursivas. A perspectiva sistêmica de Halliday, inserida na Escola de Sidney, também é o ponto de partida de Martin (1997), no entanto o autor faz o caminho oposto a Hasan (1989). O registro é o mecanismo de instanciação do gênero. Vian Jr e Lima-Lopes (2005, p. 38) enumeram as etapas da metodologia proposta por essa abordagem:

- primeiro passo: descrição detalhada das funções e estruturas da língua, além da relação desses elementos com as dimensões contextuais de registro, organização semântica e gramatical da língua;
- segundo passo: detalhamento da estruturação do texto em estágios e características de cada gênero;
- terceiro passo: reconhecimento de que as diferenças entre os textos são o reflexo de uma dimensão contextual mais abstrata denominada ideologia.

Martin tenta se distanciar de um conceito idealizado de gênero. A aplicação de análise parte do registro, e dessa forma, a instanciação do gênero aproxima-se do evento social e não é considerada como uma abstração. Assim como os dois teóricos anteriores, Fowler (1996), eminente representante da linguística crítica, compreende a noção de gênero alinhada ao modelo proposto por Halliday, que vê a língua como um sistema no qual falantes fazem escolhas de acordo com circunstâncias sociais, ou seja, as seleções formais são significativas e podem apresentar significados antagônicos.

É uma perspectiva voltada para a análise crítica com a finalidade de revelar representações e abordar problemas sociais, mas este processo é tão centrado no texto que relega o processo de produção e interpretação dos textos, crítica feita por Fairclough (2001) e admitida por Fowler (2004):

[...] A eficácia da linguística crítica, se pudesse ser medida, seria vista primordialmente em sua capacidade de equipar leitores para fazer leituras desmistificadoras de textos ideologicamente marcados (assim, a atividade principal da linguística crítica está inevitavelmente localizada dentro do sistema educacional) - como, aliás todas as teorias linguísticas tradicionais- privilegiam a fonte dos textos, atribuindo pouco poder aos leitores porque o leitor simplesmente não é teorizado. (Fowler, 2004, p. 211- 212).

Como resposta a esta questão, o autor reavalia o papel do leitor e segue a posição foucaultiana assumida também por Kress, que relaciona a concepção de discurso ao autor e ao leitor. Kress focaliza a articulação elementos não-verbais, algumas vezes relegados no estudo de gênero, aos elementos verbais.

De acordo com Balocco (2005, p. 66), Kress “reconhece os gêneros como práticas sociais, afetadas por variáveis culturais e históricas”. Essa visão crítica de semiótica, distinta da semiótica tradicional, permitiu que Kress desenvolvesse seu trabalho no que se chama semiótica social, que apresenta os seguintes pressupostos:

Baseia-se em vários pressupostos fundamentais: os signos são sempre recém-criados na interação social, os signos são motivados e não as relações arbitrárias de significado e forma; a relação motivada de uma forma e um significado surge do

interesse dos produtores de signos; as formas / significantes que são usados na produção de signos são feitos na interação social e se tornam parte dos recursos semióticos de uma cultura³² (Kress, 2010, p. 54-55).

Observa-se que é uma teoria que coloca o ‘social’ como gerador de significados e de processos e formas semióticas. A partir dos escritos de Halliday (1978, 1985), considerados em uma perspectiva semiótica, o interesse está em ambientes sociais e em formas de interação. Uma abordagem que se aproxima da noção de gênero de Fairclough, visto que vê o gênero como prática social.

Fairclough (2003) visualiza a análise linguística como uma maneira de investigar temas de interesse dos estudos sociais, uma vez que a linguagem é parte constituinte da vida social. As ordens do discurso, reconhecidas como discursos, gêneros e estilos, garantem a organização e o controle das variações linguísticas no âmbito social. Os textos, nessa perspectiva, são vistos como elementos de eventos sociais e produzem efeitos causais e ao longo do tempo provocam mudanças.

Para dar conta dessa natureza emancipatória da ADC, transformadora da vida social, Fairclough coloca a linguística sistêmica funcional como referência na análise de textos, porque essa abordagem multifuncional da linguagem abrange a preocupação da ADC que vai além do plano linguístico, estende-se ao plano social.

É importante lembrar que, embora pareça uma unanimidade na ADC, a teoria sistêmica é modelada de acordo com a noção de gênero empregada pelo teórico. No caso de Fairclough (2003), as metafunções originam três tipos de significado articulados já citados anteriormente no trabalho: acional (relacionado à análise de gênero), representacional (relacionado à análise de discurso) e identificacional (relacionado à análise de estilos).

O olhar de Fairclough não é atento somente ao texto propriamente dito, mas aos processos de produção e recepção. Dessa forma, o autor também percebe o gênero, relacionando-o aos “diferentes modos de conhecimentos, crenças, identidades, relações sociais, as maneiras de construção e distribuição dos textos e são perpassados por relações de poder que devem ser investigados” (Cardoso, 2012).

A ênfase nesses aspectos, de acordo com Carmo (2001) e Meurer (2005), demonstram que Fairclough apresenta mecanismos para o trabalho com gêneros, mas a

³² Tradução nossa de: “It rests on several fundamental assumptions: signs are always newly made in social interaction; signs are motivated, not arbitrary relations of meaning and form; the motivated relation of a form and a meaning is based on and arises out of the interest of makers of signs; the forms/ signifiers which are used in the making of signs are made in social interaction and become part of the semiotic resources of a culture”

descrição/sistematização ainda é um ponto frágil se comparado aos trabalhos Hasan (1989) e Martin (1997). Em resposta, Fairclough (2003) é convincente ao esclarecer essa questão.

Considerarei dois pontos preliminares sobre gêneros. Primeiro, gênero varia completamente, se considerarmos em termos de graus de estabilização, com caráter permanente (fixo) e homogeneização. Alguns gêneros, por exemplo, o gênero de artigo científico em certas áreas da ciência (Swales, 1990) são bem definidos, quase ao ponto de serem ritualizados. Outros, por exemplo, anunciados em murais acadêmicos, são totalmente variáveis e em fluxo. Neste período de rápida e profunda transformação social, há uma tensão entre pressão para a estabilização, parte da consolidação da nova ordem social (por exemplo, os novos gêneros do telemarketing - veja acima), e pressão entre o fluxo e mudança³³ (Fairclough, 2003, p. 66).

O autor exemplifica a precaução até em relação à terminologia. O seminário, tão conhecido no ambiente educacional, serve a uma diversidade de atividades, embora já ritualizado, está sujeito a variáveis. A exigência estrutural deve ser vista com cautela, mas certo grau de organização não é ignorado, tanto que a terminologia, no quadro a seguir, serve para evidenciar níveis de abstração de gêneros.

Quadro 8 - Categorias analíticas de gêneros em Fairclough (2003)

Categorias analíticas	Definição	Exemplos
Pré-gêneros	Nível mais abstrato que entram na composição de gêneros situados	Narrativa, descrição, argumentação
Gêneros desencaixados	Desencaixado e recontextualizado em práticas diversas em diferentes níveis da vida social	Entrevista (emprego, etnográfica...)
Gêneros situados	Nível mais concreto, presente na performance de uma prática social particular (situada).	Entrevista de emprego

Fonte: elaborada pela autora, 2026.

³³ Tradução nossa: “Let me maketwo preliminar points about genre. First, genres vary quite considerably in terms of their degree of stabilization, fixiy and homogenization. Some genres, for instance the genre of the research paper in certain areas of Science (Swales 1990), are well-defined almost to the point of being ritualized. Others, for example, advertisements for academic posts, are quite variable and in flux. In this period of rapid and profound social transformation, there is a tension between pressures towards stabilization, parto f the consolidation of the new social order (for example, the new genres of telemarketing – see below), and pressures towards flux and change.”

Aspectos como atividade, relações sociais e tecnologias de informação integram a análise de um gênero individual em um texto particular. Segundo Fairclough (2003), além do gênero individual em um texto, a análise de gênero engloba também a mistura de gêneros em um texto em particular e a análise de cadeias de gêneros. A seguir, um quadro-síntese das concepções de gênero dos autores apresentados a partir das discussões propostas por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005):

Quadro 9 - Concepções de gênero na abordagem sociosemiótica

CONCEPÇÕES DE GÊNERO DISCURSIVO NA ABORDAGEM SOCIOSEMIÓTICA	
Teóricos	Gênero
Hasan	“Na relação funcional entre linguagem e contexto da situação, cada gênero corresponde a padrões textuais recorrentes (o uso que se faz da linguagem para atingir certos objetivos comunicativos) e contextuais (a situação de experiência humana com a qual determinado registro de linguagem é comumente associado).” (p.17)
Martin	“A perspectiva teleológica sobre gênero define-o como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos.” (p.29)
Fowler	“O ponto teórico principal na análise de Fowler é o de que qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica; seleção lexical, opção sintática etc., todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa e esses modos não são alternativas acidentais” (p.48)
Kress	“Para Kress (1989, p. 19), os gêneros são tipos de textos que codificam os traços característicos e as estruturas dos eventos sociais, bem como os propósitos dos participantes discursivos envolvidos naqueles eventos” (p.65)
Fairclough	“o termo gênero é usado por Fairclough para designar “um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, a compra de produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico” (2001 ^a , p.161)” (p. 81)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

As informações sobre concepções de gênero baseadas na teoria sistêmica propiciaram situar como a ADC se apropria da obra de Halliday. Além disso, focalizar o conceito de gênero de Fairclough, esclarece definições preciosas para a pesquisa, a definição de texto como prática social e discursiva; de discurso como poder constitutivo por ser uma maneira de prática social e estabelecer relação dialética entre linguagem e sociedade; e de gênero como modo de inter(agir) discursivamente.

3 PESQUISA QUALITATIVA EM ADC: OPÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo apresenta aspectos fundamentais do enfoque qualitativo e sua interface com a ADC. As seções estão divididas da seguinte forma: a primeira seção trata questionamentos conceituais que definem a pesquisa qualitativa como campo de investigação, a segunda seção focaliza a pesquisa documental como método de estudo, a terceira seção descreve o arcabouço da ADC como mecanismo para os estudos críticos da linguagem.

A intenção é explicitar a articulação entre os procedimentos escolhidos e os objetivos da pesquisa e comprovar que esse arcabouço metodológico é apropriado para conduzir a discussão sobre cadeias de gênero e intertextualidade em memes políticos.

3.1 Pesquisa qualitativa como campo de investigação

Campo de investigação alheio à padronização de situações de pesquisa, a abordagem qualitativa alia rigor científico à análise interpretativa de dados. O objetivo da pesquisa está em “descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas” (Flick, 2009, p. 24). Dessa forma, a pesquisa qualitativa apresenta múltiplos métodos e diversas práticas que permitem a exploração do objeto de estudo a ser desenvolvido.

A pesquisa qualitativa é viável em disciplinas distintas, assim sendo, a abrangência de áreas que podem ser englobadas impossibilita práticas e métodos pré-definidos, a alternativa é moldá-los “à medida que o problema, as perguntas e os objetivos da pesquisa vão sendo construídos” (Vieira; Resende, 2016, p. 76).

Para isso, o pesquisador qualitativo conta com uma gama de materiais empíricos que auxiliam na tomada de decisões para o planejamento do trabalho como exemplificam Denzin e Lincoln (2006, p. 17):

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos - estudos de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos.

A variabilidade de práticas utilizadas não reduz o rigor investigativo, a fluidez de métodos ou uso de triangulação exige a atenção do pesquisador para fazer escolhas apropriadas que confirmam o delineamento do fenômeno estudado. Etapas de caráter ontológico, epistêmico e metodológico ancoram o planejamento da pesquisa no processo

de construção do objeto. A relação harmônica dessas medidas é listada por Denzin e Lincoln (2006, p. 32-3) e descritas por Vieira e Ramalho (2016, p. 81) no quadro abaixo:

Quadro 10 - Etapas de planejamento em pesquisa

Planejamento de pesquisa		
1. Decisões de caráter ontológico	Sobre o que constitui o mundo social e o que se pretende investigar do mundo social	Quais são os componentes ontológicos do mundo social?
2. Decisões de caráter epistemológico	Sobre a natureza do conhecimento e a possibilidade de se gerar conhecimento sobre os componentes ontológicos identificados como essenciais	O que poderia representar conhecimento a respeito das entidades ou da realidade social pesquisada? O que pretendo com essa pesquisa? Como me posiciono, no papel de pesquisador/a, em relação aos/ às participantes de minha pesquisa?
3. Decisões de caráter metodológico (geração/ coleta de dados)	Sobre as estratégias para coleta ou geração de dados para pesquisa	Como posso obter dados capazes de prover acesso aos componentes ontológicos que pretendo conhecer? Esses métodos são coerentes com minha reflexão epistemológica e minhas questões de pesquisa?
4. Decisões de caráter metodológico (análise de dados)	Sobre as estratégias para sistematização e análise de dados	Como posso organizar os dados que tenho em corpus/ corpora passíveis de análise? Que estratégias analíticas são coerentes com meus dados, meus objetivos e minhas questões de pesquisa?

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

As autoras definem e exemplificam fases que geralmente constituem a realização de uma pesquisa qualitativa, mas ressaltam que não é um esquema rígido, isto é, o mundo social caminha sob o olhar atento do pesquisador, sujeito questionador inserido em um contexto cultural, que planeja a pesquisa e faz escolhas que resultam na relação/construção de um objeto. A preocupação está no aprofundamento de questões, e não na representatividade numérica e operacionalização de variáveis.

Em relação a esta pesquisa, o ponto de partida é a atuação de memes como parte de uma cadeia de gêneros que compõem as redes sociais e as questões sobre como memes participam de algumas práticas político - midiáticas contemporâneas. Este problema é focalizado a partir da perspectiva teórico- metodológica da Análise Crítica do Discurso (ADC), que parte de pontos de vista subjetivos e de diversas abordagens teóricas para uma análise detalhada e interpretativa.

Partilhando dessa concepção de pesquisa, o presente trabalho assume o paradigma documental, uma vez que os dados não são produzidos. Segundo Flick (2009), a análise de documentos pode se referir a materiais existentes. O autor relata que dados produzidos em outros contextos também podem figurar na pesquisa documental.

Aqui, os dados foram fornecidos pelo website #MUSEUdeMEMES, que é um projeto da Universidade Federal Fluminense administrado por uma equipe que congrega alunos e professores em caráter permanente ou honorário. São alunos de graduação em Estudos de Mídia/UFF, pós-graduação em Comunicação/Uerj, e professores do Departamento de Estudos Culturais e Mídia/UFF e outras instituições. Embora o trabalho seja realizado na área de Linguística e não esteja vinculado a esse programa de extensão, a escolha por coletar dados dessa plataforma deve-se a oportunidade de consultar um acervo de referência propício à pesquisa acadêmica e disponível para pesquisadores e interessados no universo dos memes.

3.2 Pesquisa documental: detalhamento do objeto de estudo

Segundo Gil (2002), a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não passaram por tratamento, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Figura 8 - Homepage de museu dos memes



Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O material documental deste trabalho consiste em memes da internet recolhidos do website #MUSEUdeMEMES, como foi dito anteriormente, catalogados pelo website no período de 2014 e 2015, os quais foram extraídos do Facebook³⁴ e do Twitter³⁵. A coleta ocorreu pelo acesso a aba ‘Acervos e coleções’ no período do segundo semestre de 2016 e busca nas guias (criador/ origem, categorias, período, país/região) conforme mostra a figura:

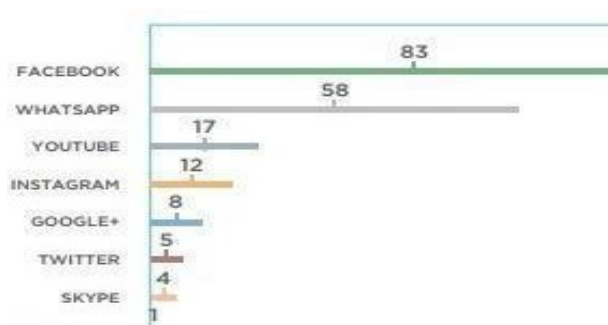
A opção por essas duas redes sociais deve-se a dois aspectos: 1) o alcance de usuários e 2) a veiculação e popularização deste gênero discursivo nessas plataformas. Entre as redes sociais acessadas pelos brasileiros, o Facebook aparece como a mais usada. O Twitter, embora tenha números modestos em relação ao Facebook, foi escolhido por ser bastante popular entre as elites políticas e formadores de opinião³⁶. Fator que vai ao encontro do contexto da pesquisa, que focaliza memes com conteúdo político-midiático. Os memes da internet aparecem com frequência nas duas redes sociais.

³⁴ <https://pt-br.facebook.com/>

³⁵ <http://twitter.com/login?lang=pt>

³⁶ Informações contidas na Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, que foi encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República

Figura 9 - Redes sociais mais acessadas em 2015



Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, p. 6.

Figura 10 - Ferramenta meme no Facebook



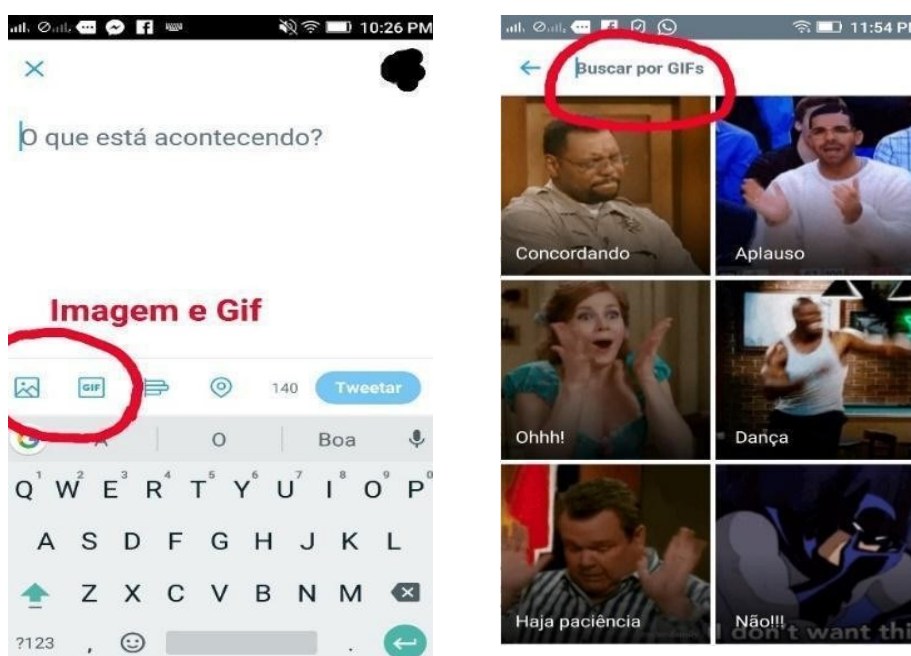
Fonte: Facebook, 2018.

Aproveitando a simpatia dos brasileiros por memes, o Facebook chegou a lançar uma ferramenta, no dia 6 de junho de 2016, uma sexta-feira, para compartilhar memes sobre esse dia da semana popularmente comemorado por boa parte dos brasileiros. Havia cachorros, crianças, bebês, agradecimentos pela chegada do final de semana, isto é, imagens bem

variadas. Além da versão desktop³⁷, como mostra a figura a seguir, também ficou disponível na versão smartphone.

O Twitter é um aplicativo que preza pela concisão textual em 140 caracteres, a inserção de imagens, na versão desktop e no dispositivo móvel, foi relevante para melhorar a comunicação e ampliar o compartilhamento de memes e gifs. Uma fábrica de memes, o Twitter já promoveu uma “guerra memeeal”³⁸ e constantemente exporta para o mundo memes de personagens da cultura pop como a celebridade Gretchen e a personagem Cuca, do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Figura 11 - Ferramenta de imagens no Twitter



Fonte: Twitter (smartphone), 2017.

A popularização das duas redes sociais permitiu a vinculação entre elas, o internauta pode postar ao mesmo tempo, conectando as contas. Esse mecanismo de

³⁷ Imagem retirada de:

<https://olhardigital.com.br/pro/noticia/facebook-sugere-postagens-de-memes-de-sexta-feira/58978>

³⁸ Portugueses copiaram o meme "in brazilian portuguese we don't say" (em português do Brasil nós não dizemos), grande sucesso criado pelos twitteiros brasileiros em 2015 que faz trocadilhos entre expressões inglesas e brasileiras. O episódio provocou a reação dos internautas, em tom de brincadeira, com troca de tweets e memes. Twitteiros de Brasil e Portugal levaram tão a sério a "guerra" que a hashtag "PrimeiraGuerraMemeal" foi parar nos Trending Topics Mundial. (Fonte: <http://blogs.oglobo.globo.com/nas-redes/post/brasil-vence-primeira-guerra-memeal-entre-br-e-pt.html> acesso em: 12 de agosto de 2017.)

vinculação também ocorre no Instagram, no entanto, este não integra a nossa análise por não compartilhar da mesma forma o material empírico da pesquisa.

A procedência do meme da internet, especificamente, das redes sociais Facebook e Twitter ocorre pela facilidade de veiculação por ferramentas similares de postagem e compartilhamento (compartilhar/retuitar). Dessa forma, há o mesmo entendimento de Flick (2009) em relação ao levantamento de dados de uma pesquisa, que a maneira como os documentos são concebidos é uma parte do seu significado e a apresentação deles diz muito sobre os efeitos que serão produzidos.

Pelo procedimento de coleta documental, foram selecionados memes de conteúdo político com temática voltada às manifestações que ocorreram na história recente do país. O primeiro meme, apesar de catalogado no período de 2014 pelo acervo de #MUSEUdeMEMES, trata das manifestações de junho de 2013, que ficaram conhecidas como #Vem Pra Rua e Revolta dos 20 centavos.

O segundo meme diz respeito às manifestações de agosto de 2015, que tiveram como símbolo um boneco do ex-presidente Lula vestido de presidiário, também chamado de Pixuleco, erguido sobre Brasília durante a manifestação do dia 16 de agosto. As manifestações ficaram conhecidas nas redes sociais como #CarnaCoxinha.

Quadro 11 - Dados principais da pesquisa

Criador/Origem	País	Período	Nomeclatura	Quantidade
Facebook/Twitter	Brasil	2013	Memes, hashtags e manifestações de 2014.	20
Facebook/Twitter	Brasil	2015	Lula Inflado #CarnaCoxinha	16

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O acervo conta com 20 memes de “Memes, hashtags e manifestações de 2014” e 16 memes de “Lula Inflado”. Por motivo de equivalência e refinamento, o corpus apresenta o seguinte recorte:

Quadro 12 - Delineamento do objeto de estudo

Memes	Formato	Quantidade
Memes, hashtags e manifestações de 2014.	Image Macro e Catchfrase	12
Lula inflado e #Carnacoxinha	Reaction Photoshop	12

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Os memes da internet abrangem imagens, vídeos, Gifs e outras unidades de informação cultural. A seleção da amostra exhibe memes nos seguintes formatos: Image Macro, Catchfrase e Reaction Photoshops.

O primeiro formato citado, Image Macro³⁹, é uma das formas mais comuns de memes da internet. Identificado por um texto centralizado. Na parte superior e inferior da imagem, letras maiúsculas sobrepostas à imagem. O formato é frequente em memes da internet que dominam as redes sociais, tanto que serviu de parâmetro para o banco de dados do Facebook ao lançar a ferramenta de meme da sexta-feira.

O segundo formato, Cathphrase⁴⁰ ou catch-frase, é uma frase ou expressão inúmeras vezes repetida que funciona como um marcador. A expressão “Não é só por 20 centavos” foi recorrente nas redes sociais e assinalaram os protestos de 2013. Muitos memes conhecidos apresentam esse formato e funcionam como um bordão. A expressão “Conte-me mais sobre isso” é associada geralmente a um meme no qual aparece a imagem do personagem Willy Wonka, do filme a Fantástica Fábrica de Chocolate. A frase ultrapassou barreiras e é utilizada em diversas imagens e contextualizada nos mais variados assuntos.

O último formato, Reaction Photoshop, é definido como imagens criadas em reposta a foto que foi amplamente divulgada na internet. Um exemplo desse formato foram os memes criados em reação ao episódio protagonizado por Nana Gouvêa, a celebridade

³⁹ consistem em uma imagem e uma mensagem espirituosa ou uma frase de acesso . Em fóruns de discussão e imagens, também podem ser usadas para transmitir sentimentos ou reações a outro membro da comunidade, semelhante aos emoticons predecessores. É uma das formas mais comuns de memes da Internet. <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://knowyourmeme.com/memes/image-macros&prev=search> (Acesso em: 20 de agosto de 2017).

⁴⁰ é uma frase ou expressão reconhecida pelo seu enunciado repetido. Eles são frequentemente usados on-line e off. [...]Eles tendem a ser usados como frases autônomas, em vez de serem incorporados ao discurso. <https://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&u=http://knowyourmeme.com/memes/catchphrase&prev=search> (Acesso em: 20 de agosto de 2017) no objeto de estudo, a tendência à autonomia não se constata. Por se tratar de um meme político, a frase é incorporada ao discurso como forma de engajamento.

registrou um ensaio fotográfico em meio aos destroços do furacão Sandy em Nova Iorque. Por tratar com banalidade uma situação trágica, a falta de bom senso foi criticada e virou piada nas redes sociais. Os internautas incluíram a modelo em tragédias de grande repercussão mundial como o naufrágio do Titanic e o atentado de 11 de setembro.

Pautado na abordagem da ADC, a investigação adota o conceito de gênero estabelecido por Fairclough (2001, p. 161) como “um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado [...]”. O autor pontua ser uma vantagem essa visão de gênero essencialmente bakhtiniana em virtude de proporcionar a percepção de que a prática social é limitada pelas convenções, como também à potencialidade para mudança e criatividade.

A definição de gênero de Swales (1990) é complementar no trabalho, visto que investe na relação entre compartilhamento de propósitos e comunidade discursiva na constituição do gênero. Carmo (2001, p. 146) explica que com esse direcionamento “pode-se dizer que o gênero é um recurso que leva à compreensão de aspectos que contribuem para que se reconheça, se efetiva e se veicule uma determinada manifestação discursiva”.

Ao agregar a perspectiva de Swales (1990) ao ambiente da rede social, pode-se perceber a organização de uma cadeia de gêneros nela inserida, ou seja, uma estrutura esquemática em uma comunidade, definida por internautas que a acessam e são público-alvo. Segundo Knobel e Lankshear (2007, p. 209), três características contribuem para a fecundidade de um meme da internet⁴¹:

- Algum elemento de humor, variando desde o peculiar e pouco frequente ao humor trivial, ao estranhamente engraçado, às paródias, ao acerbamente irônico, e / ou;
- Um rico tipo de intertextualidade, tais como irônicas referências cruzadas em diferentes eventos de cultura cotidiana e popular, ícones ou fenômenos, e/ou;
- Justaposição anômala, geralmente de imagens.

O Meme da Internet é um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, geralmente relacionados a acontecimentos de repercussão social (Rojo, 2016), a partir daí sua fácil ligação com a mídia, seja recontextualizando assuntos veiculados

⁴¹ No original:

“*Some element of humor, ranging from the quirky and offbeat, to potty humor, to the bizarrely funny, to parodies, through to the acerbically ironic, and/or

*A rich kind of intertextuality, such as wry cross-references to diferente everyday and popular culture events, icons or phenomena, and/or

*Anomalous juxtapositions, usually of images.”

nos noticiários, seja sendo o assunto da notícia. No caso das redes sociais, memes e notícias online circulam frequentemente em postagens e tweets.

A pesquisa observa memes e notícias online como parte de uma cadeia nas redes sociais, algo que, em um primeiro momento, pode não parecer tão explícito. Observa-se que o conceito é cronologicamente bem recente se compararmos a outros gêneros, por exemplo, a carta, um dos meios de comunicação mais antigos. A criação e evolução de aparatos tecnológicos como aplicativos de edição de vídeos e imagens assinalaram a natureza multimídia dos memes na web e permitiram sua expansão.

Os critérios estabelecidos resultam das similaridades observadas nos dados coletados:

- Pertencer ao gênero discursivo meme da internet;
- Ser veiculado nas redes sociais Facebook e Twitter;
- Apresentar temática voltada para manifestações.

Em relação ao memes como parte de uma cadeia que ocorre nas redes sociais. A pesquisa relacionará notícias sobre as manifestações e os memes em estudo. É importante esclarecer que a análise implicará o discurso noticioso conforme a estrutura que aparece no ‘layout’ da postagem do jornal/revista na rede social. A pesquisa seguiu as seguintes etapas:

1. Acesso a rede social Facebook. (Embora os memes em estudo apareçam tanto no Facebook como no Twitter, a escolha por focalizar as notícias do Facebook deve-se por ser a rede social mais popular e por entender que as postagens das duas redes convergem);
2. Coleta e mapeamento manual através de ferramenta de filtragem, utilizando palavras-chave relacionadas aos memes e ano de catalogação da amostra. A pesquisa coletou postagens de jornais e revistas que mantém páginas nas redes sociais e versões impressas, o interesse é como a notícia da mídia tradicional se relaciona aos memes políticos.

Meme #Manifestações de junho de 2013

Facebook

A filtragem seguiu as especificações: 1. Palavra-chave ‘manifestações’; 2. Publicado por qualquer pessoa; 3. Publicado por qualquer grupo; 4. Localização marcada em qualquer lugar; 5. Data de publicação julho de 2013. Focalizou-se as publicações públicas, totalizando 80 primeiras postagens acessadas em 27 de setembro de 2017. Foram coletadas 18 postagens e selecionadas 8. Um veículo apresentou predominância de publicações*, foram

selecionados três para completar a mesma quantidade de textos contabilizados no quadro 14. Os critérios foram quantidades de curtidas e formas de relato.

Quadro 13 - Jornais e revistas postagens 1

JORNAIS/REVISTAS (POSTAGENS)		
NOMES	SEGUIDORES FACEBOOK	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES
CARAS BRASIL	3.112.895	1
ESTADÃO*	3.585.056	13
EXAME	4.138.128	1
FOLHA DE S. PAULO	5.747.093	2
VEJA	7.084.482	1

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Meme # lulainflado

Facebook

A filtragem seguiu as especificações: 1. Palavra-chave ‘Lula inflado’; 2. Publicado por qualquer pessoa; 3. Publicado por qualquer grupo; 4. Localização marcada em qualquer lugar; 5. Data de publicação em agosto de 2015. Focalizou-se as publicações públicas, totalizando 80 primeiras postagens acessadas em 27 de setembro de 2017. Foram selecionadas 8 postagens.

Quadro 14 - Jornais e revistas postagens 2

JORNAIS/REVISTAS (POSTAGENS)		
DIÁRIO DE PERNAMBUCO	1.330.739	1
ÉPOCA	2.323.535	1
ESTADÃO	3.585.056	2
EXAME	4.138.128	1
JORNAL CORREIO	790.901	1
O GLOBO	5.391.587	1
VEJA SÃO PAULO	2.431.683	1

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Dos textos coletados, dezesseis foram selecionadas. Oito referentes aos meme das manifestações de 2013. Deve-se lembrar que uma análise crítica não se resume à estrutura estilo composicional, senão haveria um estudo meramente descritivo. Além disso, a investigação interpretativa dimensiona o objeto às práticas discursivas e sociais. A geração de dados auxilia no alcance dos objetivos almejados e tenta responder aos questionamentos da pesquisa, informados a seguir:

Objetivo geral

- Investigar as relações intertextuais em memes da internet inseridos em uma cadeia de gênero que compõe as redes sociais.

Objetivos específicos

1. Relacionar os mecanismos linguísticos-discursivos e os efeitos de sentido que emergem na prática discursiva dos memes em redes sociais;
2. Investigar a construção de representações ideológicas em memes da internet;
3. Analisar memes da internet de conteúdo político com a perspectiva de base de ação.

Questões de pesquisa

1. Que relações há entre os mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais?
2. De que maneira são construídas as representações ideológicas nos memes da internet?
3. Como a perspectiva de ação política é articulada por memes?

O objetivo geral é investigar as relações intertextuais em memes, inseridos em uma cadeia de gênero que compõe as redes sociais e, dessa forma, analisar como memes políticos constroem discursivamente as manifestações políticas no Brasil.

Ir além da análise textual é essencial. Para adentrar o problema da pesquisa, serão incluídos alguns pontos relacionados aos objetivos específicos como representação ideológica, relação social e contexto político. A junção de aspectos discursivos e não-discursivos desvelam posicionamentos ideológicos e a natureza dos protestos mobilizados nas redes sociais.

Conhecer o contexto em que a pesquisa é desenvolvida é crucial para a reflexão dos questionamentos e o entendimento do objeto estudado. O interesse da pesquisa vem ao encontro do interesse da população pela situação política brasileira, que é assunto constante seja numa roda de amigos, seja no noticiário. As redes sociais absorvem esses diálogos e evidencia o discurso político.

A nação já presenciou protestos transformadores como o das Diretas Já, que reivindicavam eleições presidenciais diretas e foi marco de resistência à Ditadura Militar, e o Fora Collor, que lutava pelo impeachment do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello.

O descontentamento da população com os representantes eleitos não era refletido por manifestações contundentes há muito tempo. Essa apatia foi suspensa em 2013 com uma sequência de protestos que ocorreram nas principais capitais do Brasil. O quadro a seguir faz uma síntese das manifestações que serão explanadas:

Quadro 15 - contextualização da análise

Memes	Manifestações	Datas	Assuntos Relacionados	Datas
Memes, hashtags e manifestações de 2014	Manifestações do Movimento Passe Livre Manifestações #VemPraRua	Junho de 2013	Eleições Presidenciais	Outubro de 2014
Lula Inflado e #CarnaCoxinha	Manifestações pró-impeachment	Março de 2015	Aceitação de pedido de Impeachment	Dezembro de 2015

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

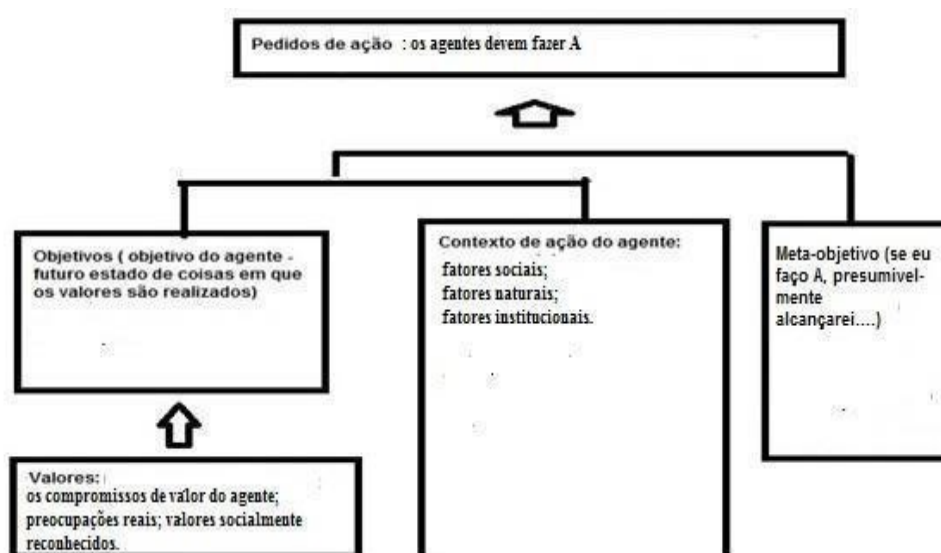
Os memes “Memes, hashtags e manifestações de 2014” relatam esse período de reivindicações difusas que começaram por conta do aumento das passagens de ônibus e se expandiram em pautas diversas. Já os memes “Lula Inflado e #CarnaCoxinha,” retratam as manifestações a favor do impeachment da presidenta da República na época, Dilma Rousseff. Outros momentos da história política recente que estão relacionados aos protestos abordados pelos memes da internet, conforme mostra o quadro acima, também foram adicionados e explanados complementando a profundidade da análise.

3.3 Contexto da pesquisa: manifestações de 2013 e 2015 e o discurso político

A instância política gira em torno de um projeto de sociedade ideal. Isso quer dizer que o discurso político é pautado em um discurso de convencimento do vasto público que compõem a instância cidadã (Charaudeau, 2016).

De acordo com Fairclough e Fairclough (2012), a tomada de decisão envolve a pesagem de argumentos e o equilíbrio em favor de uma proposta de ação contra considerações que apoiam várias alternativas, dentre elas, a alternativa de não fazer uma ação proposta, mas também outras ações. O trabalho utilizará na análise o modelo proposto por Fairclough e Fairclough (2012): uma estrutura que explica a relação entre argumentos, relacionando pedido de ação, preocupações e desejos reais dos agentes, objetivos e circunstâncias como mostra a figura a seguir:

Figura 12 – Estrutura de argumentos de Fairclough (2003)



Proposta de estrutura de argumentos práticos (Fairclough & Fairclough, 2012, p. 45)

Fonte: Fairclough e Fairclough, 2012, p. 45.

O objetivo é o convencimento para “ações (linguísticas ou não) que envolvem o poder e seu oposto, a resistência” (Chilton; Schäffner, 2000, p. 304). No entanto, opiniões, interesses e sentimentos múltiplos e opostos são fatores complicadores para a execução desse projeto de bem comum e para a situação de governança. Observar o panorama das manifestações populares de 2013 e 2015 é não ficar retido na superfície textual e entender como o contexto sociopolítico se insere nos processos de ação política e de organização do discurso.

Antes de falar das manifestações de junho de 2013, que ocorreram nas principais capitais do Brasil, é válido falar sobre os protestos que culminaram nesse evento. Motivados

pelos aumentos nas tarifas de transporte urbano, as primeiras manifestações de 2013 começaram pequenas e segmentadas.

Em comum, além da motivação, o uso de violência policial e a convocação de manifestantes pela internet foi uma constante nessas manifestações. Seja nas vias públicas, seja na comodidade do lar ou trabalho, pessoas compartilharam ideias e complementaram ações, integrando esses dois polos. Estratégia executada com sucesso em outras manifestações conhecidas mundialmente como a Primavera Árabe.

Movimentos sociais como o Movimento Passe Livre (SP), Fórum de Lutas Contra o Aumento das Passagens (RJ) e movimento Revolta do Busão (RN) sincronizaram as ações da rua, conforme mostra o quadro a seguir, com as ações das redes sociais.

Quadro 16 - Antecedentes das manifestações nacionais de junho 2013

Motivação	Início	Lugar
Manifestações tiveram início em janeiro, às vésperas de as empresas de ônibus pedirem aumento de 15,8% no preço da passagem. ⁴²	Janeiro 2013	Porto Alegre
O protesto ocorre após a prefeitura de Natal anunciar um aumento de 20 centavos na passagem de ônibus para o dia 18 de maio. ⁴³	Mairo 2013	Natal
O protesto antecipou-se ao anúncio oficial do aumento da tarifa, que ocorreu apenas no dia 21 de maio. As tarifas chegaram a aumentar de R\$ 2,70 para R\$ 3,00. ⁴⁴	Mairo 2013	Goiânia
O protesto ocorreu devido ao aumento nos preços das passagens dos ônibus municipais, do metrô e dos trens urbanos de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. ⁴⁵	Junho 2013	São Paulo

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Depois das manifestações a favor do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, um longo período de apatia e alienação instalou-se no cenário político no Brasil. No

⁴²

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/06/inspirados-em-porto-alegre-protestos-em-serie-contrareajustes-na-tarifa-de-onibus-se-espalham-pelo-pais-4171189.html>

⁴³

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/manifestantes-ocupam-marginal-da-br-101-em-protesto-contramento-na-tarifa-de-onibus/250336>

⁴⁴ <http://passapalavra.info/2013/05/77238>

⁴⁵

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contraaumento-das-tarifas-do-transporte.html>

entanto, em 2013, a insatisfação da população devido ao aumento no preço da passagem foi o estopim para várias manifestações que aconteceram em algumas capitais do país e desencadearam um movimento de mobilização no âmbito nacional que extrapolou a luta pela redução de tarifas e a indignação diante da truculência policial.

Em junho, os protestos atingiram seu ápice, levando milhões de brasileiros às ruas e pulverizando as pautas de reivindicação: má qualidade dos serviços públicos, principalmente a respeito de saúde e educação; os gastos públicos que envolveriam eventos como a Copa do Mundo de 2014 e megaprojetos; a corrupção política. As diversas temáticas revelam a frustração do povo diante dos representantes políticos. As manifestações passaram por dois momentos:

1º momento:

- Manifestações de menor porte;
- Participação majoritária de estudantes;
- Pouca cobertura midiática;
- Apresentam uma única pauta: redução de tarifas de transporte urbano;
- Revidadas com truculência policial.

2º momento:

- Manifestações de grande porte;
- Massiva participação popular;
- Grande cobertura midiática;
- Apresentam uma diversidade de diferentes demandas que exigiam mudanças políticas;
- Tom relativamente pacífico com pouca interferência de força policial.

Condutas que ferem a ética e a cidadania praticadas por governantes contribuíram para o fortalecimento do movimento. Os protestos destacam a força desses valores culturais e como mobilizam movimentos sociais na Era da Informação (Castells, 2003).

A violência policial contra manifestantes contribuiu para que a maior parte da população tivesse empatia pelo movimento e questionasse a postura agressiva governamental diante do direito que os cidadãos possuem de reivindicar e manifestar seu descontentamento. Fato que propiciou a rejeição de partidos políticos nas manifestações que passaram a focalizar os serviços urbanos oferecidos pelos poderes públicos.

À medida que milhões de pessoas aderiam às manifestações e profissionais do jornalismo também foram agredidos nos conflitos, houve um reposicionamento da mídia que, à princípio, tratou os protestos como vandalismo, mas em seguida, cobriu as manifestações e admitiu os excessos da polícia, mas também considerou como baderna a atitude de alguns

manifestantes. O descompasso da imprensa tradicional em relação a visão dos manifestantes, ocasionou boicote a alguns veículos da mídia tradicional e a adesão às redes sociais como plataforma de informação, discussão e mobilização.

As redes sociais apareceram como uma alternativa para o desnudamento da postura do governo, da mídia e da polícia, instituições que legitimaram a violência e coibiram o direito de manifestar que é constitucionalmente garantido. Se havia vídeos e imagens que mostravam a hostilidade de manifestantes na imprensa, também havia postagens que mostravam a truculência policial.

Como resultado, em algumas capitais houve o recuo do aumento das passagens e a presidenta Dilma Rousseff fez um pronunciamento e prometeu conversar com prefeitos e governadores para realizar um pacto de melhoria dos serviços públicos. Além disso, o congresso planejou uma agenda positiva para responder às manifestações. Depois de muito tempo, a classe política se desestabilizou e sentiu a rejeição do sistema político pela população. Em 2014, houve o período de eleição para presidente, deputado federal e deputado estadual. Em 2015, um novo ciclo de manifestações acontece.

3.4 Contexto das manifestações de 2015 (#LulaInflado)

Eleita no segundo turno ao ganhar do candidato Aécio Neves com 51,6% dos votos válidos, Dilma assume seu segundo mandato. Em meio a um cenário econômico desfavorável, medidas de ajustes fiscais impopulares, avanço da operação Lava Jato, e principalmente, enfraquecimento político, surgem movimentos de oposição ao governo federal e ao partido dos trabalhadores como o MBL e o Vem Pra Rua, que mobilizaram muitas manifestações de 2015 em todo o país.

O MBL, além de forte oposição ao governo, colocou o impeachment da presidenta Dilma como reivindicação nas manifestações devido os escândalos de corrupção na Petrobrás, que embora atingisse vários partidos foi direcionado pelo grupo ao PT e, principalmente ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, importante apoiador na campanha de reeleição de Dilma Rousseff.

Um boneco inflado do ex-presidente Lula vestido de presidiário, também chamado de Pixuleco, foi usado nos protestos e faz referência às propinas que eram arrecadadas das empresas pela Petrobrás. Iniciando um movimento pró-impeachment, os manifestantes faziam alusão ao movimento dos Caras Pintadas pela adoção das cores verde e amarela e camisas da seleção brasileira de futebol como símbolo de patriotismo.

Foi considerado um movimento pacífico pela mídia tradicional e até festivo, comprovado pelas coreografias ensaiadas executadas por alguns participantes. A polícia substituiu as balas de borracha e bombas de efeito moral usadas nas manifestações de 2013 por selfies.

O clima de total tranquilidade é reflexo do apoio de governos regionais, embora o movimento faça a alegação de ser apartidário. A mídia tradicional demandou total atenção com cobertura ao vivo dos protestos, diferentemente dos protestos iniciais de 2013 e do protesto realizado em 18 de março de 2015 em apoio à democracia e contra o impeachment da presidenta Dilma. Em síntese, as manifestações de 2015 apresentaram as seguintes características:

- Manifestações de grande porte;
- Massiva participação popular, com menor adesão das regiões Norte e Nordeste. Destaque para a capital São Paulo na manifestação do dia 15 de março;
- Grande cobertura midiática (ao vivo);
- Combate à corrupção (expressamente direcionada ao PT) e apoio ao impeachment da presidenta Dilma;
- Tom pacífico sem repressão policial.

Acusada pelo desrespeito às leis orçamentárias e à lei de improbidade administrativa caracterizada pelas pedaladas fiscais, o pedido de impeachment redigido em outubro de 2015 por Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaína Conceição Pascoal, integrantes da oposição e apoiadores de movimentos que organizaram as manifestações contra o governo, foi aceito em dezembro de 2015 pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, alvo na época de um processo de cassação no Conselho de Ética e atualmente afastado.

Foi um panorama complexo por não ser consenso nem no aspecto jurídico e nem no aspecto político. De um lado, as manifestações de rua contra o governo que levantavam a bandeira contra a corrupção e de outro lado manifestantes contrários a um golpe político que cassaria uma presidente eleita democraticamente pelo povo. Nos protestos, refletiu-se a polarização política, um componente fundamental no processo de impeachment da presidenta Dilma, como explica Van Dijk (2017, p. 201):

O impeachment da presidente Rousseff (geralmente chamada por seu primeiro nome, Dilma, como é costume no Brasil para políticos e outras pessoas famosas) deve ser analisada dentro de um complexo contexto sociopolítico de polarização entre a esquerda, liderado pelo PT e o Direita, liderada pelo Partido Brasileiro de

Democracia Social (PSDB), cujo candidato, Aécio Neves, perdeu as eleições de 2010 contra Dilma.⁴⁶

A presidenta Dilma foi afastada definitivamente em 31 de agosto de 2016 por 61 votos favoráveis e 20 contrários. O vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência da República. Após o impeachment da presidenta, as manifestações de grupos pró-impeachment prosseguiram em apoio a operação Lava Jato, mas os protestos se tornaram menores e cada vez mais escassos.

Mesmo com denúncias de corrupção e baixa aprovação do atual presidente, grandes manifestações cessaram. Ainda existe o descrédito da população pelos representantes políticos e o debate incessante entre ‘direita X esquerda’ nas redes sociais. Após a apresentação do quadro teórico da ADC, ocorreu a explicação sobre conceitos pertinentes à pesquisa como o conceito de meme na perspectiva de uma abordagem de gênero crítica e sobre o panorama sociopolítico brasileiro que fundamenta este estudo, o próximo capítulo aborda a metodologia elaborada para a coleta e análise de dados.

3.5 ADC como mecanismo para os estudos críticos da linguagem

O modelo de tridimensional de Fairclough (2001) analisa eventos discursivos linguisticamente como textos, isto é, como exemplos de práticas discursivas e práticas sociais. Embora essa visão já articule caráter crítico, a análise da prática social era centralizada no discurso, pendendo para uma postura mais voltada para a análise textual. Resende; Ramalho (2014) agruparam e organizaram as categorias analíticas de acordo com as três dimensões como mostra o quadro.

⁴⁶ No original: “The impeachment of President Rousseff (generally called by her first name, Dilma, as is the custom in Brazil for politicians and other famous people) should be analyzed within a complex sociopolitical context of polarization between the Left, led by the PT, and the Right, led by the Brazilian Social Democracy Party (PSDB), whose candidate, Aécio Neves, had lost the 2010 elections against Dilma”

Quadro 17 - Categorias analíticas do modelo tridimensional

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
vocabulário gramática coesão estrutura textual	produção distribuição consumo contexto força coerência intertextualidade	ideologia sentidos pressuposições metáforas hegemonia orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

Fonte: Resende; Ramalho, 2014, p. 29.

Já no enquadre de Fairclough e Chouliaraki (1999, p. 60), a análise, a partir de um problema social, aguçou o viés crítico da ADC e garantiu fluidez às dimensões do discurso, estabelecendo equilíbrio entre a análise de dados linguísticos e o encadeamento de uma rede de práticas sociais e, conseqüentemente, estreitando a relação entre Linguística e Ciência Social Crítica para “consolidação do papel do linguista crítico como agente na luta pela transformação de práticas sociais de dominação” (Resende; Ramalho, 2014, p. 204).

O texto é reconhecido como apenas uma das dimensões que compreendem a análise do discurso, visto que a ele agrega-se posicionamento social, conhecimentos, experiências e crenças do leitor (Resende; Ramalho, 2006). A análise textualmente orientada, para Fairclough (2003), disponibiliza a reflexão sobre a importância da teoria social para a análise de texto, assim como a necessidade da análise de texto para o aprimoramento da pesquisa social.

A partir de agora, trataremos de como cada fase das etapas citadas anteriormente se relaciona com este trabalho. Como ponto de partida, as pesquisas em ADC tem a percepção de “um problema social como aspectos semióticos” (Vieira; Resende, 2016, p. 108). No cotidiano, pessoas identificam problemas e tentam superá-los, isso faz parte da prática social, na qual se inclui a linguagem, uma vez que conecta texto, sociedade e cultura.

Como afirmam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), “os problemas podem ser nas atividades de uma prática social- na prática social per se, por assim dizer- ou na construção reflexiva de uma prática social”.⁴⁷ Dessa forma, a análise do material empírico coletado aciona a investigação do problema em foco: como relações intertextuais de memes

⁴⁷ Tradução nossa de: “Problems may be in activities of a social practice per se, so to speak – or in the reflexive construction of a social practice.”

políticos em uma cadeia de gêneros que constitui as redes sociais Facebook e Twitter desvelam a representação, reprodução e legitimação do poder.

Ao identificar o problema, a seguinte tríade analítica rastreia os obstáculos que precisam ser superados: análise da conjuntura, análise da prática particular, análise de discurso. Análise da conjuntura e da prática particular contextualizam as circunstâncias/causas do problema do modo abrangente ao particular, acoplando momentos discursivos e não discursivos dialeticamente em uma análise de discurso interpretativa e explanatória.

Na análise de conjuntura, a rede de práticas constituída é adaptada ao problema identificado, isto é, “podem ser mais ou menos complexas em termos do número e da gama de práticas que elas ligam, mais ou menos estendidas no tempo e no espaço social”⁴⁸ (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 61).

Tratando-se de memes políticos relacionados às manifestações de 2013 e 2015, a pesquisa concentra-se em questões como: o histórico de manifestações políticas de protesto nas ruas do Brasil e aspectos sociopolíticos brasileiros no período entre o final do primeiro mandato de Dilma Rousseff na presidência da República e a abertura do processo de impeachment da presidenta.

No plano da prática particular, a pesquisa está pautada na construção discursiva de manifestações nesse contexto mais abrangente, procurando associar à atuação discursiva dos memes no espaço das práticas em que estão inseridos. Esses momentos contextualizados são associados ao discurso, assim como o caminho inverso. Chouliaraki e Fairclough (1999) reconhecem a dificuldade desse processo na pesquisa quando se reconstrói a prática em um discurso e um discurso enquadra-se na prática.

A respeito da análise de discurso, os autores afirmam a orientação para duas perspectivas: estrutural e interativa. A primeira localiza o discurso em relação à ordem do discurso. A segunda focaliza gêneros e discursos no âmbito da linguística, de como se realizam nos textos em uma abordagem semiótica. Assim, o discurso é compreendido no enquadramento de estrutura social e interação social. Por exemplo, memes políticos podem ser uma prática comum em usuários de redes sociais (indivíduos, organizações e instituições da mídia).

Como explica van Dijk (2015, p. 117), “as situações de interação discursiva são partes ou constituintes da estrutura social”.

⁴⁸ Tradução nossa de: “conjunctures can be more or less complex in terms of the number and range of practices they link together, more or less extended in time and in social space.”

A fase de investigação da função do problema na prática analisa “se e como o aspecto problemático do discurso em foco tem uma função específica dentro da prática”⁴⁹ (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 65). O levantamento de obstáculos foi feito, para que possa ser avaliada a prática e os problemas resultantes dela.

A investigação de maneiras de ultrapassar os obstáculos infere o caráter aberto do sistema passível de tensões e modificações. A pesquisa tem interesse pelo papel do meme na esfera político- midiática, de como evidenciam tensões políticas e participam de práticas tais como os protestos a favor de melhorias no país e a deslegitimação de um governo eleito democraticamente. Esse estágio parte para ação transformadora e contribuição para uma mudança social. Descreve-se, primeiramente, a prática para posteriormente mudá-la.

A última fase, Reflexão sobre a análise, evidencia a ponderação do pesquisador sobre o referencial teórico e as práticas analisadas e assume que a pesquisa em ADC afasta-se do conceito de que a credibilidade da ciência consiste na neutralidade. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 66), “parte de qualquer análise deve ser uma reflexão sobre a posição a partir da qual é realizada.”⁵⁰ A investigação afasta-se da ideia de uma análise totalmente individual. O foco da pesquisa considera a inter(ação) do meme outro gênero no que diz respeito às relações sociais.

Constituído por dados documentais, existe a percepção de que o trabalho não abrange os efeitos causados nos receptores do material analisado. No entanto, a sistematização do gênero em uma abordagem de aspectos semióticos é relevante, uma vez que permite registrar o potencial de discussão, persuasão e mobilização desses textos visuais.

“Uma imagem vale mais que mil palavras”. Essa expressão popular atribuída ao filósofo chinês Confúcio explica o senso comum sobre o poder da imagem, como ela é capaz de representar, ser um elemento semiótico facilmente validado em um primeiro momento conhecido, funcionando como mecanismo de dominação, ou seja, exercendo controle social, assunto já discutido por Hodge e Kress (1988).

A realidade do internauta é composta por sons, imagens, animação e linguagem verbal. Relacionar esses aspectos e as relações entre variadas mídias é fator crucial para a compreensão dos efeitos de sentido e, assim, fomentar o poder comunicativo e não restringir o entendimento de textos e a participação na vida política, social e cultural.

⁴⁹ Tradução nossa de: “the issue is to look at whether and how the problematic aspect of the discourse which is in focus has a particular function within the practice”

⁵⁰ Tradução nossa de: “so part of any analysis should be a reflexiono on the position from which it is carried out”

É sabido que a multimodalidade pode ocorrer nos limites de um único sistema semiótico, como o verbal, por exemplo. Mas também não há como questionar que com o advento da internet, houve a expansão de textos multimodais que aliam o imagético ao linguístico. Pinturas podem ser digitalizadas, fotografias podem ser transformadas em memes.

Como afirmam Kress e Van Leeuwen (2006, p. 220), “o fato de a internet estar repleta de imagens é em grande parte uma questão de tecnologia disponível; e isso tem profundas consequências semióticas”⁵¹. Dentre as premissas que sustentam a análise de um texto multimodal, três são referidas no quadro 18:

Quadro 18 - Características de textos multimodais

Textos multimodais
1. Um conjunto de modos semióticos está sempre envolvido em qualquer produção ou leitura de textos;
2. Cada modo tem suas potencialidades específicas de representação e comunicação, produzidas culturalmente, mas inerentes a cada modo;
3. É necessário entender como ler textos como textos coerentes em si mesmos.

Fonte: Adaptado de: Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 388.

O não-verbal e o verbal, uma composição comum em memes, formam uma totalidade e transmitem uma informação. Dentro de uma ancoragem social, é notório que o elemento visual, assim como o verbal explicitam as relações sociais contidas na vida em sociedade.

É preciso clarificar que a GVD não será uma um foco como categoria analítica da pesquisa, mas pontuar práticas semióticas torna-se necessário visto a natureza dos memes. Será utilizada a metafunção composicional, composta por valor de informação, saliência e enquadramento; pois aborda como “as semioses se articulam no texto visual como resultado da combinação de semioses verbais com semioses visuais” (Vieira, Silvestre, 2015, p. 66). O quadro a seguir explica as funções dos elementos composicionais.

⁵¹ No original: “The fact that the internet is crammed full with images is in large part a matter of available technology; and it has profound semiotic consequences”

Quadro 19 - Categorias Analíticas para a GVD

Elementos composicionais GVD	
Valor da informação	Localização dos elementos participantes, dotados de valores informacionais específicos associados às várias zonas da imagem: esquerda e direita, superior e inferior, centro e margem
Saliência	A atenção do espectador para os graus de diferenças percebidos por fatores tais como: a colocação em primeiro ou segundo plano , tamanho , contraste no valor tonal (ou cor), diferenças na nitidez
Framing (Enquadramento)	A presença ou ausência de divisão de molduras (realizada por elementos que criam linhas divisórias, ou por linhas de quadro real) desconecta ou conecta elementos da imagem, o que significa que eles pertencem ou não pertencem juntos em algum sentido.

Fonte: Adaptado de Kress e van Leeuwen (2006, p. 177).

Direcionando o meme à intertextualidade, observa-se que este gênero discursivo “funciona como uma voz (que em si, também é heterogênea) que perpassa uma infinidade de outras vozes (em forma de intertexto) no espaço da rede semântica da internet” (Meili, 2014, p. 362). Essas relações intertextuais, no âmbito da produção de sentido, possibilita a percepção de estratégias de persuasão e bases de ação nas relações intertextuais, desvelando assim representações ideológicas e dinâmicas contidas nas relações de poder.

No que tange à intertextualidade, é primordial explicar como surgiu a noção de intertextualidade e o entendimento dessa categoria pela ADC para a apuração dos dados empíricos. Kristeva faz uso do termo intertextualidade primeiramente, mas como garante a autora no livro *Introdução à semântica* (2005), Bakhtin sofisticará o conceito.

Em Bakhtin, além disso, os dois eixos, por ele denominados diálogo e ambivalência, respectivamente, não estão claramente distintos. Mas essa falta de rigor é, antes, uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de situações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a intertextualidade, e a linguagem poética lê-se como dupla. (Kristeva, 2005, p. 68).

Ao colocar a linguagem como centro das investigações e o dialogismo como condição do sentido do discurso, a obra de Bakhtin (e Volosinov) foi pesquisada por diversos estudiosos que desenvolveram múltiplas abordagens sobre conceitos que, junto a intertextualidade, ganharam força como dialogismo, polifonia e carnavalização.

Brait (2011, p. 17) confirma este pensamento ao dizer que, na obra bakhtiniana, “as reflexões linguísticas, e particularmente sociolinguísticas acerca da natureza do discurso, transitam do artístico ao cotidiano oferecendo elementos para diferentes disciplinas e

diferentes campos do saber”. O conceito de intertextualidade ganhou popularidade e importância crescente com o Círculo de Bakhtin, pode ser visto, por exemplo, na Semiótica e na Linguística Textual, como também na ADC.

Dentre esses diferentes campos do saber, a ADC, na figura de Fairclough (2001), reconheceu a intertextualidade como intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva. Esta, segundo Magalhães (2005, p. 243), ocorre “quando a análise aponta a inter-relação entre tipos de discurso (como, por exemplo, discurso publicitário ou discurso religioso) e entre gêneros discursivos”. Renomeada como interdiscursividade, é orientada pelas convenções discursivas que deixam vestígios em relações intertextuais.

Observa-se na intertextualidade uma categoria para análise de texto e um elemento do desenvolvimento do quadro analítico para a análise de discurso nos três imperativos:

(i) a análise intertextual mostra como textos recorrem a ordens do discurso, à configuração particular de práticas convencionalizadas que os produtores de texto e consumidores têm disponível em circunstâncias particulares. (ii) a análise intertextual chama a atenção para como os textos dependem da sociedade e da história na forma dos recursos disponibilizados dentro de uma ordem do discurso. Aqui Fairclough ecoa Bakhtin em ver os gêneros como 'as correias de transmissão a partir da história da sociedade para a história da linguagem'. (iii) a análise intertextual também chama a atenção para como os textos transformam recursos sociais e históricos, como os textos misturar e 're-acentuar' gêneros discursivos (narrativas, registros) (Slembrouck, 2011, p. 159).⁵²

Há dimensões de intertextualidade que fazem parte do quadro teórico da ADC: intertextualidade manifesta, interdiscursividade, transformações textuais e textos constituintes de identidades sociais. A intertextualidade manifesta encontra nas subcategorias mecanismo para investigação linguística, uma vez que a materialidade do discurso se encontra na superfície textual (ADTO).

Magalhães (1997) identifica quatro subcategorias principais (metadiscurso, pressuposição, negação, discurso relatado) elencadas por Fairclough (1992a). Essas subcategorias podem ser definidas da seguinte forma:

- **Metadiscurso** é a discussão de diferentes níveis discursivos no texto, como forma de buscar um distanciamento de um discurso específico e estabelecer um lugar de fala

⁵² Tradução nossa de: “(i) intertextual analysis shows how texts draw upon orders of discourse, the particular configuration of conventionalized practices which text producers and consumers have available in particular circumstances. (ii) intertextual analysis draws attention to how texts depend upon society and history in the form of the resources made available within an order of discourse. Here Fairclough echoes Bakhtin in viewing genres as ‘the drive belts from the history of society to the history of language’. (iii) Intertextual analysis also draws attention to how texts transform the social and historical resources, how texts mix and ‘re-accentuate’ genres discourses,(narratives, registers).”

próprio.

- **Pressuposição** é a naturalização de certos tipos de associações tomadas como tácitas ou como senso comum em um contexto sócio-cultural particular.
- **Negação** consiste em distinguir duas proposições em um enunciado negativo: uma primeira proposição e outra entendida como negação da primeira.
- **O discurso relatado** é pautado em uma voz que relata outra. De acordo com Fairclough (2003), pode ser um ponto de tensão por conter duas vozes trazidas no diálogo: o relato 1 (o relato do texto) e o relato 2 (o relato do outro no texto).
- **Quanto ao discurso relatado**, a figura a seguir sintetiza as formas de relato por meio de definição e exemplificação:

Quadro 20 - Formas de relato

Formas de relato		
RELATO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Relato direto	Citação - palavras realmente usadas, em marcas de citação, com uma oração de relato	(ex.: Ela disse: ‘ele já terá chegado lá neste momento’)
Relato indireto	Resumo, conteúdo do que foi dito ou escrito, sem o recurso da cópia do outro discurso, não uso de marcas de citação, nem oração de relato. Mudanças no emprego do tempo verba e dêixis do relato direto. Resumo, conteúdo do que foi dito ou escrito, sem o recurso da cópia do outro discurso, não uso de marcas de citação, nem oração de relato. Mudanças no emprego do tempo verba e dêixis do relato direto.	(ex: Ela disse que ele estaria lá a partir de então).
Relato indireto livre	Intermediário entre direto e indireto –Mudanças de tempos e dêixis típicas do discurso indireto, mas sem a oração de relato. Encontrado em língua literária. Intermediário entre direto e indireto – Mudanças de tempos e dêixis típicas do discurso indireto, mas sem a oração de relato. Encontrado em língua literária.	(ex: Mary estava parada ante a janela olhando para o nada. Ele já estaria lá. Ela sorriu para si mesma.).
Relato narrativo de ato de fala	Relata um tipo de ato de fala sem relatar seu conteúdo	(ex: Ela fez uma predição).

Fonte: Adaptado de Fairclough, 2003, p. 49.

Fairclough (2003), em um primeiro momento, como forma de intertextualidade, optou pelo relato direto, no entanto, observou que listar apenas essa forma de relato seria um equívoco, visto que fala, escrita e pensamento podem ser relatados de outras maneiras como demonstrou o quadro 12.

O autor, quando fala que duas perspectivas diferentes são trazidas por dois textos e duas vozes diferentes ao diálogo, retoma Voloshínov (2014, p. 151) que determina a palpabilidade da substância do discurso do outro “como um todo auto-suficiente”.

A intertextualidade, na pesquisa, será associada com outras categorias como vocabulário e recontextualização. O vocabulário pode ser utilizado para demonstrar as mudanças intertextuais, mas também pode explicitar como “o significado potencial pode ser ideológica e politicamente investido no curso da constituição discursiva de um conceito cultural chave” (Fairclough, 2001, p. 232). No universo dos memes, repleto de mashups e remixes⁵³, a recontextualização apresenta-se também como uma ferramenta que descreve alterações intertextuais.

Nicolini (2012, p. 200), afirma que “a intertextualidade e a recontextualização também constituem recursos fundamentais para sujeitos que podem estabelecer, reflexivamente, conexões inovadoras entre práticas e ideologias, reestruturando o campo de posicionamento existente.”⁵⁴ Dois levantamentos são propostos por Fairclough (2003) no tocante à intertextualidade como mecanismo de contextualização: a relação entre o relatado e o original e a relação entre o relato e outras partes do texto atual”.

As transformações intertextuais serão investigadas no estudo na perspectiva de cadeias intertextuais, que se desenvolvem e ocasionam a articulação de práticas sociais. A escolha por esse caminho deve-se a relevância do estudo para a compreensão da dimensão da estrutura social na era das redes sociais

A recontextualização também é citada por Swales (2009, p. 21) em *Research Genres: Explorations and Applications* ao explicar sobre manipulação intertextual no contexto de rede de gêneros, que é colocada como um conceito que apresenta a visão bakhtiniana de intertextualidade e se apresenta como “a totalidade do gênero para um setor particular visto de

⁵³ “correspondem a usos especializados de dois modos básicos de montagem: sequenciação ou intercalação (montagem horizontal) e sobreposição ou composição (montagem vertical)”. In: Buzato et al. *Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 13(4), 1191-1221. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982013000400011>

⁵⁴ Tradução nossa de: “[...]intertextuality and recontextualization also constitute key resources for subjects who can reflexively establish innovative connections between practices and ideologies, therefore restructuring the existing field of positioning.”

qualquer momento sincrônico escolhido”⁵⁵. O autor toma como exemplo gêneros do campo da pesquisa acadêmica que podem ser reformulados: apresentações que resultam em um artigo de pesquisa ou vice-versa, assim como outros gêneros acadêmicos que podem se transformar em material de um livro.

A ideia de um gênero particular relacionar-se a outros gêneros não é exclusiva de Swales (2009), já foi debatida por alguns teóricos. Se existem correntes variadas que manifestam tendências diversas quanto ao tratamento da noção de gênero, é compreensível que isso também aconteça quando se trata da articulação entre gêneros. O quadro a seguir foi elaborada a partir de Flowerden (2013, p. 143), mostra três dessas concepções:

Quadro 21 - Articulação de gêneros

Algumas definições sobre articulação de gêneros			
Teóricos	Nomenclatura	Definição	Exemplo
Devitt (1991)	Conjunto de gênero	Uma variedade de gêneros de texto que um grupo profissional usa no decorrer de sua rotina diária.	Uma apresentação em uma conferência, um pôster, um artigo (gêneros que circulam no meio acadêmico).
Bazerman (1994)	Sistema de gêneros	Um conjunto de textos de um gênero específico que constituem uma interação completa.	Uma troca completa de cartas.
Raisonen (2002)	Cadeias de gênero	Sequências cronologicamente relacionadas de gêneros em uma determinada interação.	Documentos de uma conferência (1. Chamada de resumos > 2. Resumo de conferência > 3. revisão [Aceitação] > 4. Instruções > 5. Documento preliminar da conferência > 6. Processo de revisão [Aceitação] > 7. Documento da conferência revisado > 8. Processo de revisão > 9. Apresentação Oral

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Observa-se que não existe o uso de um único termo. Além do termo “rede” usado por Swales (2009), o quadro mostrou a aplicação de nomes como “conjunto”, “sistema” e

⁵⁵ Tradução nossa de: “genre networks thus turn out to be the totality of genre available for a particular sector (such as the research world) as seen from any chosen synchronic moment”

“cadeia” para explicar como um gênero se relaciona com outros. A inconstância na nomenclatura evidencia a diferenciação das definições.

Entende-se que o conceito de redes de gênero de Swales (2009) é o que se aproxima do conceito de cadeias de gênero de Fairclough (2003, 2006) no sentido de recontextualização de gêneros por transformações intertextuais, isto é, a intertextualidade também é uma questão de recontextualização:

Eu chamo de “cadeias de gêneros” (Fairclough, 2003), gêneros que são regularmente previsivelmente encadeados, de modo que os significados são movidos e transformados ao longo da cadeia e recontextualizados e transformados de maneira regular, de acordo com princípios de recontextualização. Um exemplo de (parte de) uma cadeia de gênero seria a cadeia que rotineiramente liga declarações governamentais significativas a publicações, conferências de imprensa e/ ou declarações da imprensa ou boletins de notícia. (Fairclough, 2006, p. 26).

Nessa perspectiva de Fairclough (2003) sobre a regularidade e previsibilidade de gêneros que são articulados em cadeia, podemos citar como exemplo de (parte de) uma cadeia de gêneros as notícias veiculadas em páginas das redes sociais, os memes criados em função das polêmicas noticiadas, as notícias sobre esses memes. Dessa forma, a opção por abordar uma cadeia de gênero é significativa no tocante às relações de intertextualidade.

Discorrer sobre as categorias analíticas possibilita aprofundar o delineamento da pesquisa, visualizando o prisma da ADC quanto à análise de dados. O quadro 13 apresenta as categorias analíticas elencadas para análise de dados.

Quadro 22 - Categorias analíticas

Aspectos semióticos Vocabulário Intertextualidade Interdiscursividade Cadeias intertextuais

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

A intertextualidade, que especifica “o que outros textos estão delineando na construção do texto que está sendo analisado, e como isso ocorre” (Fairclough, 2001, p. 285), e a interdiscursividade, que revela a ligação entre discursos que circulam no texto, são elementos essenciais para análise de como memes, numa cadeia intertextual, se conectam uns com os outros e com outros gêneros que compõem as redes sociais.

Assim como os aspectos semióticos, que examinam como textos e imagens se entrelaçam, produzindo sentido. Essas categorias fazem parte do aparato metodológico que envolve esta pesquisa qualitativa e possibilita realizar os objetivos pretendidos.

4 MEMES POLÍTICOS EM UMA CADEIA DE GÊNERO

A seção analisará os memes selecionados, relacionando-os aos problemas propostos na pesquisa. Primeiro, como funcionam as relações intertextuais em memes políticos inseridos em uma cadeia de gênero que compõe as redes sociais. Em seguida, os seguintes questionamentos são feitos: Que relações há entre os mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais? De que maneira são construídas as representações ideológicas em memes políticos? Como a perspectiva de ação política é articulada por memes?

4.1 Cadeia de gêneros

Com já foi mencionado, a internet é responsável por profundas mudanças na forma de se comunicar. Um exemplo disso foi a adoção da notícia online pelos principais veículos da mídia. Jornais e revistas diariamente fazem postagens, cujos textos resumem o conteúdo noticiado e direcionam links. É dessa forma que a notícia aparece nas redes sociais, mesmo espaço em que os memes são amplamente divulgados.

Enquanto a notícia é um texto jornalístico e formal, o meme é um texto humorístico e informal, são convenções estabelecidas assim como a organização retórica de cada um. No entanto, seria muito simplista afirmar que a notícia informa e o meme diverte. Não somente o lugar de circulação aproxima esses dois gêneros, os memes despertam o humor geralmente por abordar assuntos em evidência noticiados pela mídia, exigindo do produtor/ destinatário o conhecimento de mundo e de temas repercutidos na sociedade.

Uma das temáticas preferidas dos memes são situações ligadas ao cotidiano da política. Além da comicidade, os memes políticos fazem crítica social por meio da ironia e do deboche. O discurso político-midiático perpassa por esses dois gêneros citados que se convergem nas redes sociais e propiciam debate e reflexão visíveis nos compartilhamentos, nas curtidas e nos comentários de internautas.

Fazem parte de uma cadeia complexa que é fonte de manifestações culturais e ideológicas. As implicações intertextuais entre esses gêneros explicam “a potencialidade para mudança e criatividade” pontuada por Fairclough (2001, p. 161) ao falar sobre gêneros e a influência do cotidiano nas práticas linguísticas e sociais. As cadeias intertextuais apresentam elementos comuns partilhados. Os textos analisados estão relacionados intertextualmente, pois

se concentram no mesmo tema e constroem discursivamente as manifestações de 2013 e 2015.

4.2 Manifestações de 2013 e de 2015

No meme 'Não é só por 20 centavos' pode-se perceber a tentativa de convencer sobre a plausibilidade do protesto. Pretende-se vender uma ideia (não é por 20 centavos) como um chamado de ação (vamos aos protestos). A voz promocional, evidenciada pela aparição de celebridades nos memes, também aparece no texto a seguir:

Texto 1

'Espero que a voz do povo seja ouvida', diz Gisele Bündchen sobre manifestações no Brasil. Descubra o que mais ela falou sobre os protestos e o que ela deseja para o futuro do país
 ->(LINK)#gisele#giselebudchen#manifestacoes#brasil#protesto#vemprarua#ogiganteacordou
 (Facebook/CarasBrasil – 23/06/2013)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

A revista, conhecida por mostrar a vida de celebridades, não tem como foco temas políticos. No entanto, utiliza a pauta das manifestações para falar sobre Gisele Bündchen e chamar a atenção de leitores: “Descubra o que mais ela falou sobre os protestos”. A voz promocional implica em ganhar leitores, mas também acaba implicando apoio aos protestos. A celebridade posiciona-se favoravelmente aos protestos, informação que será levada para os leitores.

A imagem que integra o texto mostra Gisele, de mãos postas, como fazendo um pedido em oração e o relato: 'Espero que a voz do povo seja ouvida'. Outro elemento que reforça a voz promocional é o uso das hashtags, #protesto #vemprarua #ogiganteacordou, que indexa essa informação aos outros tópicos relacionados aos protestos, formando um vínculo mobilizador. Observando os dados analisados, é o único exemplo em que a voz é promocional aparece em uma abordagem de apoio aos protestos.

Texto 2

Está proibido uso de **balas de borracha em manifestações** em SP, **promete Alckmin. Governador elogiou negociações** entre manifestantes do Movimento Passe Livre e Secretaria de Segurança Pública. Veja mais (LINK)
 (Facebook/ Estadão- 17/06/13)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 3

E.U.A estão monitorando protestos no Brasil, afirmam: ‘**Manifestações pacíficas**, como as que estão acontecendo, fazem parte da própria **democracia**’. Veja mais em (LINK) Facebook / Estadão- 19/06/2013

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

A metáfora da guerra não é incomum no discurso político, pois está relacionada ao conflito. O confronto de ideias é constante nesse contexto. No entanto, nas manifestações de rua de 2013, o confronto chegou a ser físico. Vocábulos e expressões como ‘**balas de borracha**’ e ‘**é pau, é pedra**’, encontrados na notícia e meme respectivamente, evocam o discurso da violência). Constata-se que essa questão foi noticiada intensamente, deixando em segundo plano as pautas de reivindicação dos manifestantes.

Lacuna percebida pelos produtores do meme ‘Não é só por 20 centavos’, que destacaram a plausibilidade do movimento, ou seja, uma justificativa para aqueles que por desconhecimento das motivações dos protestos acabam tendo uma opinião contrária às mobilizações. No primeiro momento, ainda quando a pauta de discussão é à questão do transporte público, existe um discurso de conciliação.

Pode-se perceber isso na voz de autoridade no texto 2. O discurso político centrado na promessa e no elogio: ‘está proibido bala de borracha, promete Alckmin.’ e ‘Governador elogiou negociações entre manifestantes do Movimento Passe Livre’. O tom conciliatório também aparece no texto 3 com o uso do adjetivo ‘**pacíficas**’ e o substantivo ‘**democracia**’, que atribui legitimidade ao protesto condicionado à não violência.

Em ‘E.U.A estão **monitorando** protestos no Brasil’ pressupõe que os acontecimentos políticos no Brasil passam por fiscalização/intervenção das autoridades americanas, que sofrem apagamento no enunciado, pois são substituídas pela sigla do país. O verbo **monitorar** subtende um estado de tensão internacional e prudência diante de manifestações que ocorreram em todo país.

Texto 4

Imagens das **manifestações em todo país** (LINK) Facebook/Veja – 17/06/2013

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 5

Manifestações **fecham vias** de Grande SP; Radial Leste é **bloqueada** (LINK). Acompanhe em tempo real nossa **cobertura das manifestações nesta sexta**: (LINK) Facebook/Folha de S. Paulo- 21/06/13

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 6

Brasil tem manifestações maracadas **em 12 cidades neste fim de semana** (LINK)

POVO NAS RUAS

Algumas das cidades com protestos confirmados no fim de semana

Facebook/Folha de S. Paulo- 22/06/13

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

À medida que o movimento se expandiu em todo o país, ganhou maior cobertura da mídia (texto 3 e 4) e as reivindicações se pulverizaram, a pressão sobre os políticos aumentou. As autoridades, inicialmente, lidavam com problemas específicos. No segundo momento, os políticos passaram a enfrentar a insatisfação popular e a exigência de mudanças no contexto sociopolítico do país.

Texto 7

Após pressão das manifestações. **Senado aprova projeto que torna corrupção crime hediondo** (LINK)

Facebook/Exame – 26/ 06/13

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 8

Bahia aprova **redução das férias de deputados e ficha limpa para todos os servidores do Estado**. ‘A casa está **respondendo (às manifestações)** afirmou deputado. Veja em (LINK) 28/06/13

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

No primeiro momento os protestos resultaram em ‘negociação’ (texto 2), no segundo momento resultaram em confronto. Tanto o noticiário quanto o meme apontavam o que era o vândalo e o que era o manifestante. A sociedade debateu sobre o que era vandalismo ou resistência à repressão policial.

Dessa forma, as opiniões sobre esses fatos influenciaram os questionamentos sobre a legitimidade dos protestos. A manifestação vigorou ora como exercício da cidadania, ora como atividade criminalizada. Mesmo diante desse impasse, o descontentamento da população e a grandiosidade dos protestos, amedrontou a classe política, que procurou dar alguma satisfação e finalizar os protestos com medidas anticorrupção.

Texto 6

'Lula Inflado' já **faz sucesso** nas redes sociais #Estadão (via Política Estadão)
MEME: Boneco inflável de Lula vira personagem na internet
Facebook/ Estadão (16/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 7

Batizado de Lula inflado, boneco do ex-presidente com 12 metros de altura deverá **fazer 'turnê'** pelo país. (LINK)
Boneco de Lula visto em protesto **vira hit** na internet
Facebook/ O Globo (18/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 8

'Lula inflado' **vira meme** da internet
Facebook/ Jornal Correio (16/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Diferente das manifestações de 2013, aparentemente não existe um panorama de violência. As manifestações pró-impeachment ocorrem de forma pacífica. As manifestações de apoio a Lula e à Dilma também estão livres da repressão policial. O panorama político é outro. Novamente, encontra-se a voz promocional nas postagens de jornais e revistas relativas ao meme Lula inflado. O boneco Lula inflado assume o status de celebridade. 'Faz sucesso', 'fazer turnê', 'virar hit' são expressões que se encaixam para falar de alguém amplamente popular e conhecido entre as pessoas.

Texto 9

O dia em que o "Lula inflado" **resolveu fazer uma visita** a São Paulo.
Boneco "Lula inflado" **faz tour por pontos turísticos** de São Paulo.
Na capital paulista *os grupos anti-Dilma SOS Brasil e Brasil Melhor pagaram R\$ 4 mil* para uma empresa de eventos carregar o boneco pela cidade e inflá-lo.
Facebook/ Exame (28/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 10

Tour do **boneco causou confusão** pela cidade (LINK)
Boneco 'Lula inflado' passa pelo Viaduto do Chá após fechar Ponte Estaiada em SP

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 11

Por enquanto ainda não há **agenda de aparições** do Lula Inflado, mas o movimento Brasil disse que vai emprestar a alegoria para quem pedir.
 Boneco inflável de Lula vira febre e vai rodar o país
 Facebook/ Época (28/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Texto 12

Boneco inflado de Lula é '**esfaqueado**' durante manifestação em São Paulo
 Mulher ainda não identificada conseguiu acertar golpe na bola de ferro de Pixuleco e foi detida pela polícia.
 Facebook/ Época (28/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Embora seja uma alegoria, o boneco passa por uma personificação assim como ocorre nos memes analisados. Visitar São Paulo (texto 9), fazer 'tour' por pontos turísticos (texto 9), causar confusão (texto 10), ter uma agenda de aparições (texto 11) e ser esfaqueado (texto 12) são ações que tranquilamente poderíamos atribuir a uma pessoa, e não, a um boneco. Virar notícia (texto 9,10,11) e gerar memes significa promover as manifestações, deixá-las em evidência ('emprestar a alegoria', 'rodar o país'), algo que é do interesse de grupos específicos ('anti-Dilma como 'SOS Brasil e Brasil Melhor') e requer alto investimento.

Texto 13

Tour do balão **faz alegria** de internautas
 Após ser furado, boneco "Lula inflado" **vira piada** na internet
 Facebook/ Veja São Paulo (28/08/15)

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

A adoção do boneco nas manifestações é colocada de uma forma positiva pela mídia. Embora haja oposição (texto 11), o retrospecto é favorável. Virar meme, virar piada na internet, ser a alegria dos internautas são características que asseguram a visibilidade de protestos que tendem a arrefecer no decorrer do tempo. A graça noticiada e produzida por memes, embora pareça inofensiva, ainda mostra um ex-presidente culpabilizado como ladrão e execrado publicamente em roupas de presidiário. Embora os propósitos sejam

aparentemente diferentes, os elementos intertextuais mostram o consenso ideológico de como as manifestações foram construídas discursivamente.

Figura 13 - Cadeia de gênero



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

4.3 Memes das manifestações de 2013

Meme - Não é só por 20 centavos

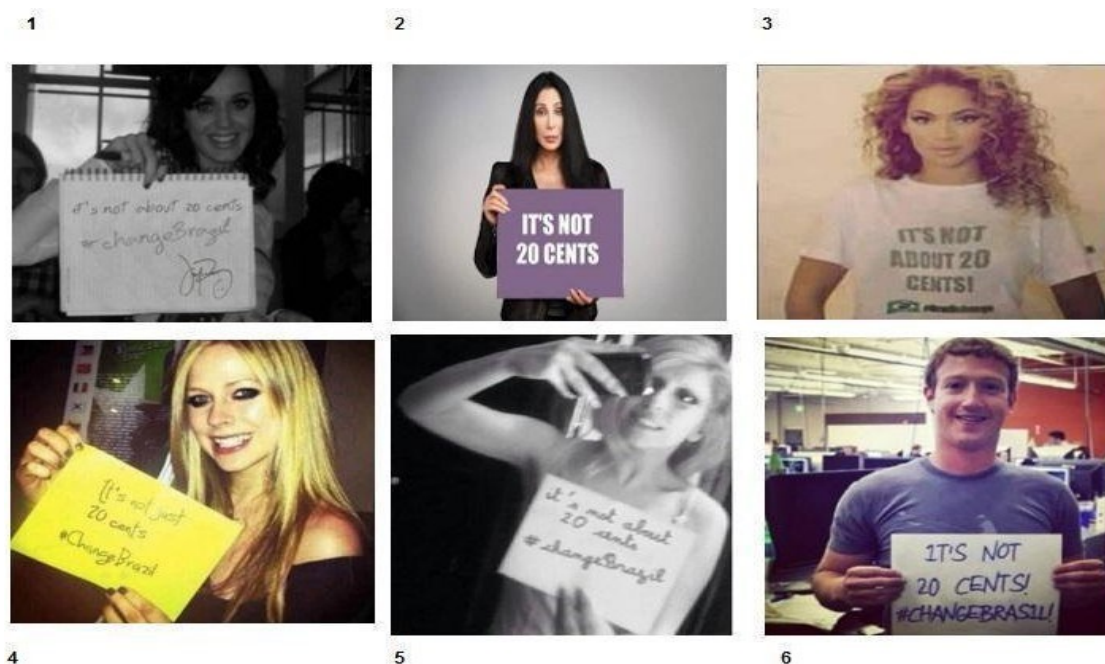
Mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais (formato: catchphrase)

O que famosas cantoras americanas têm em comum com Mark Zuckerberg, um dos fundadores do Facebook? Nas imagens a seguir, as celebridades seguram cartazes com frases que são algumas variações de “não é só por 20 centavos!” que se referem ao aumento do transporte público.

Os memes apresentam a proposição traduzida da seguinte forma: “Não é só por 20 centavos.” Subcategoria da intertextualidade manifesta, a negação funciona como mecanismo retórico em argumentos polêmicos (Magalhães, 1997). A primeira proposição está implícita, mas está no senso comum de quem lê e compreende o meme. Se existe uma negação, quer dizer que a asserção também consta em relação ao que é negado (Fairclough, 2003):

- (1) proposição: é só por 20 centavos
 (2) proposição: **não** é só por 20 centavos

Figura 14 - Meme ‘Não é só por 20 centavos’



Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Uma expressão repetida constantemente é típica de memes no formato cathphrase. O termo “**não** é só por 20 centavos” é conciso e fácil de lembrar como um slogan. Como em um discurso publicitário, o meme vende a ideia de que os protestos são justificados. Embora as imagens sejam diferentes, existe uma unidade propiciada por “It’s not 20 cents” (Não é só por 20 centavos) e suas variações no centro do meme, ocupando um lugar um de saliência. A negação reiterada também reforça o argumento dado para a realização dos protestos.

Em São Paulo, movimentos como o MPL (Movimento Passe Livre), organizaram manifestações contra o aumento da passagem de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Em outras capitais também ocorreram manifestações contra o aumento de tarifas do transporte público que foram organizadas por movimentos sociais. As redes sociais foram fundamentais para a realização desses eventos. Essa onda de protestos despertou a ira de colunistas da mídia tradicional em

2013 como Arnaldo Jabor⁵⁶ e Reinaldo Azevedo,⁵⁷ que condenaram a violência dos manifestantes diante de uma causa banal. Quem enfrentaria a polícia e correria o risco de ser preso ou ferido por apenas 20 centavos? O questionamento sobre a 'inexistência' de uma causa poderia minar a legitimidade das manifestações.

4.3.1 Investimento ideológico no meme “Não é só por 20 centavos”

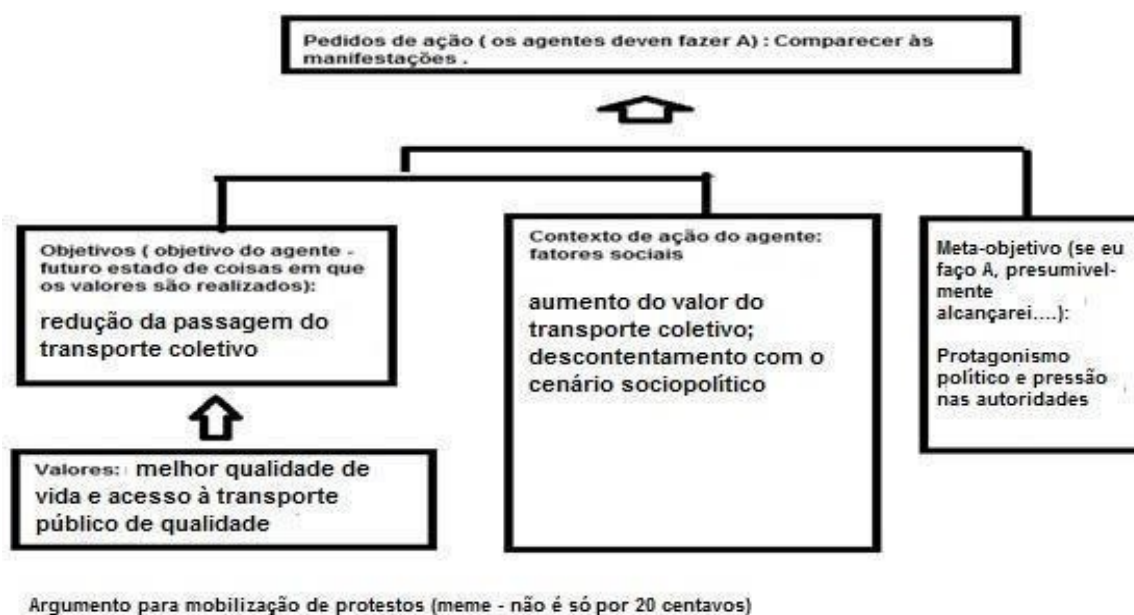
Diante da capacidade político-midiática dos memes de ressignificar informação e comunicar valores, entende-se o argumento de que reivindicar vinte centavos, é na verdade, reivindicar muito mais, é lutar contra as desigualdades e exigir a solução de problemas que há muito afetam cada vez mais parcelas da população brasileira. De acordo com Fairclough e Fairclough (2012), a abordagem do discurso político é direcionada para seu caráter argumentativo com finalidade de deliberação. A figura apresenta um modelo com base no proposto pelos autores (2012) sobre argumentação no discurso político:

⁵⁶ *Arnaldo Jabor fala sobre onda de protestos contra o aumento da tarifa de ônibus.* <https://globoplay.globo.com/v/2631566/> Acesso em: 15 de novembro de 2017. Jabor alega a ausência de causa para as manifestações. Após a repercussão dos protestos, o colunista faz o que ele chama de autocrítica e afirma que errou ao avaliar as manifestações em: *Amigos, eu errei. É muito mais do que vinte centavos.* <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm>

⁵⁷

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/movimento-passe-livre-chamado-de-pacifico-por-certa-imprensa-se-nega-a-condenar-saqueadores-e-diz-que-eles-sao-protagonistas-de-uma-revolta-popular-e-ainda-ha-gente-que-me-pede-para-aplaudir-essa-gent/> Acesso em: 15 de novembro de 2017.

Figura 15 - Modelo argumentativo do discurso político 1



Fonte: Elaborado pela autora com base em Fairclough e Fairclough (2012).

Os autores fazem uma proposta sobre a estrutura e representação do raciocínio prático no discurso político. Neste modelo, os agentes apresentam uma reivindicação de ação como um meio presuntivo para um determinado objetivo. Como há pesagem dos prós e contras e os sujeitos podem chegar a diferentes conclusões, para tomada de decisão é necessário uso de todas as evidências disponíveis para que um forte argumento plausível convença de que determinada ação é o correto a se fazer.

Ao analisar na perspectiva política, observa-se que o meme aparece como mais um elemento de participação polivocal, pois opiniões são negociadas (Milner, 2012) no debate público. Há pessoas favoráveis às manifestações, mas também existe oposição à ação dos manifestantes.

Outra função presente é a persuasão e a mobilização. Neste exemplo, tenta-se convencer possíveis participantes sobre a plausibilidade das razões do protesto. Em tempos de pouca confiabilidade na mídia online, segundo o IPM 2015, apenas 27% dos entrevistados disseram confiar sempre ou muitas vezes nas notícias em sites, blogs e redes sociais. No entanto, esse número sobe para 58% quando se trata de jornais. A mídia tradicional ainda é o principal meio de informação e opinião, a notícia na web ainda é vista com certa desconfiança.

Diante desse quadro, a influência de familiares e amigos, mesmo que sejam 'virtuais', é significativa nas discussões sobre política e na difusão de informação. Os memes políticos são eficazes nesse contexto porque cobrem frequentemente assuntos da política brasileira. A ideia de que artistas apoiam uma determinada causa pode influenciar seus fãs a apoiar também. Funciona como um forte argumento porque dá a ideia de proximidade entre famosos e anônimos pelo compartilhamento de ideias e ações, seja nos memes ou em notícias.

4.3.2 Ação política articulada ao meme “Não é só por 20 centavos”

Pode-se não estar disposto a ouvir um político, mas é agradável ouvir o que um ídolo diz. No entanto, existe o risco de aceitar e replicar a mensagem sem discutir ou refletir. Os memes se aproveitam da cultura pop. O uso da imagem de celebridades torna o conteúdo político mais acessível e divertido.

Como não achar divertido e criativo alguém, por manipulação de imagens, fazer a Lady Gaga tirar uma ‘selfie’ segurando um cartaz, que expressa apoio a uma manifestação que talvez ela nem saiba que esteja acontecendo? Embora uma crítica humorada seja a melhor crítica, o risco neste caso é se aproximar do humor excessivo e criar um conteúdo despolitizado. O raciocínio seria que humor e conteúdo político teriam a seguinte relação:

Quadro 23 - Humor e política

+ HUMOR	-HUMOR
- POLÍTICA	+POLÍTICA

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O meme 5 apresenta a cantora Lady Gaga fazendo um selfie. Ela também segura com expressão de felicidade um cartaz com a frase “não é só por 20 centavos!” em inglês, assim como Katty Perry, Cher, Avril Lavigne e Mark Zuckerberg. Beyoncé não segura o cartaz, no entanto, aparece vestindo uma camiseta com a frase estampada na blusa. Nas imagens, os personagens praticamente apresentam as mesmas posições.

Lembram os memes que Shifman (2014) chama de Photos Fads, memes que imitam posições ou ações com um único propósito seja para divertir como o desafio do manequim, que consiste em gravar vídeos com grupo de pessoas totalmente imóveis como se fossem estátuas, seja para conscientizar como o desafio do balde que consiste em jogar um

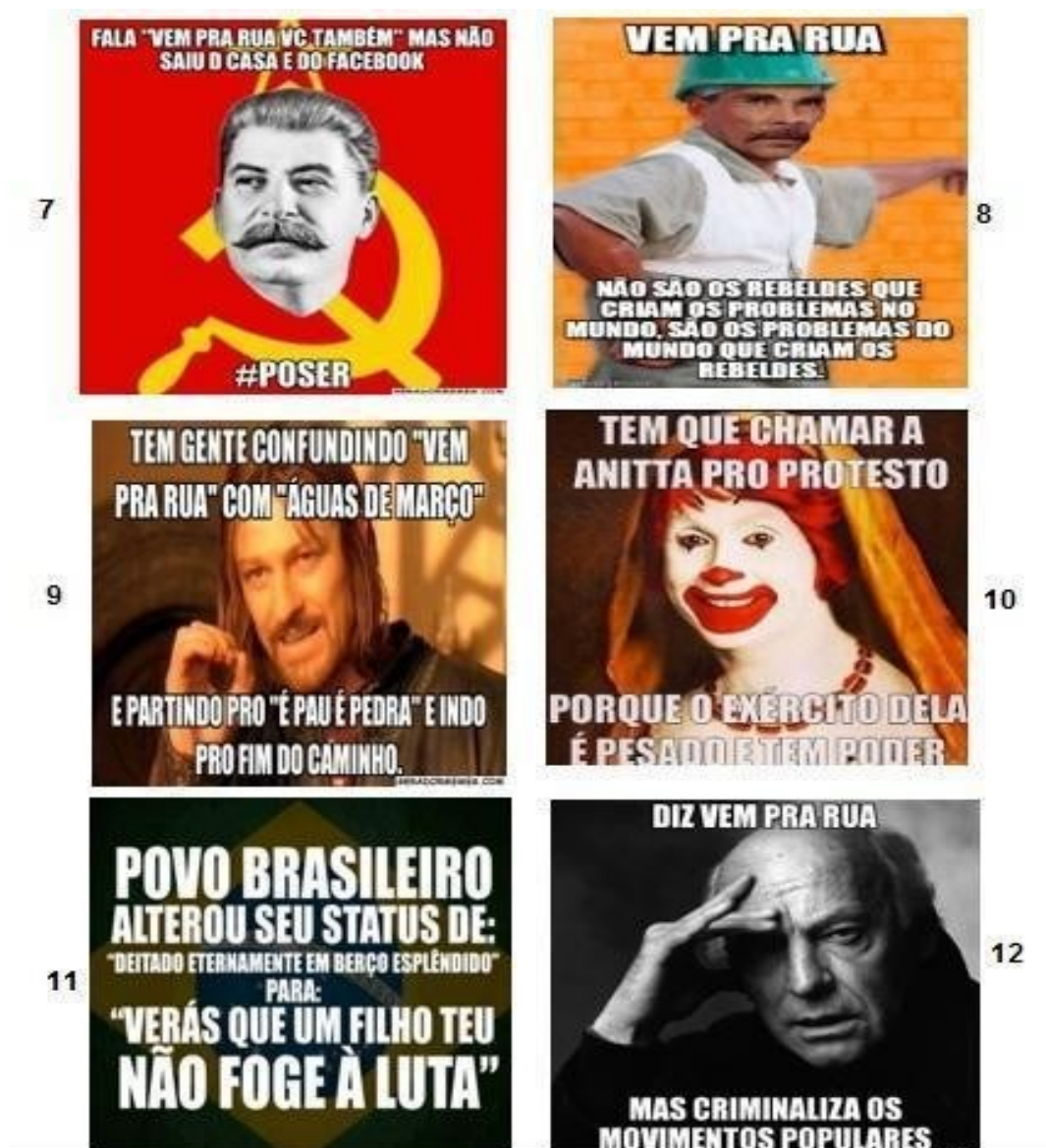
balde de água gelada/com gelo sobre a cabeça de alguém para promover a conscientização sobre a doença esclerose lateral amiotrófica e incentivar as doações para pesquisa.

Ações como imitar um manequim, jogar um balde de água na cabeça ou segurar uma placa parecem inofensivas, mas podem divertir, conscientizar ou persuadir, e se compartilhadas por famosos, com rapidez e eficiência.

Memes – Vem pra rua

Mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais (formato: Image Macros)

Figura 16 - Memes ‘Vem pra rua’



No meme (7) também se verifica a subcategoria negação.

1-Fala “vem pra rua” você também”, **mas não** saiu d casa e do Facebook

2- #Poser

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O advérbio '**não**' nega a proposição anterior. Há dois processos no texto: falar (processo verbal) e sair (processo material). Expressa sobre alguém que age contrariamente ao que preconiza. A oposição entre o dizer e o fazer é marcada pela negação que confere um tom de ironia e crítica reforçada pela seleção lexical da palavra **#POSER** em letras maiores e acompanhada por *hashtag*.

Observando o eixo de verticalidade, o termo aparece localizado na parte inferior do meme e evidencia o real, sendo usado para descrever uma pessoa que finge ser o que não é. Nesse sentido, informando que a política não se concretiza somente no mundo virtual. A legenda é sobreposta à imagem do rosto de Stalin e do símbolo/cores do partido comunista em posição de saliência, centralizado no meme.

O discurso é relatado como se fosse dito pela personagem. É difícil imaginar Stalin chamando alguém de **poser**, aí está o humor, mas é coerente pensar que uma figura que assumiu uma revolução criticaria quem é despolitizado. Um manifestante se inspira nas redes sociais, mas também deve comparecer às manifestações para as ações políticas.

Meme (8)

1- Vem pra rua

2- **Não são os rebeldes que criam os problemas no mundo, são os problemas no mundo que criam os rebeldes.**

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Assim como em (7), este meme (8) expressa a mesma postura de ação política como traço definidor de um manifestante. O texto remete à frase de Cipriano Ricardo Flores Magón, fundador e redator do periódico libertário *Regeneración* bem como do movimento revolucionário conhecido como o Partido Liberal Mexicano. A frase é uma negação seguida por asserção.

Quando se diz que “**Não** são os rebeldes que criam os problemas no mundo”, significa que existe outra voz que assegurou que **rebeldes criam problemas no mundo** e que

a questão está em quem se rebela. Contudo, não é exatamente uma atribuição de que todas as pessoas dizem isso, mas uma maneira de argumentar que os problemas exigem uma conduta de rebeldia e de questionamento.

Magón morreu na prisão e durante toda vida lutou por seus ideais. Afirmou que as situações forjam rebeldes. Não se deve questionar quem confronta o problema, mas quem o provoca. O meme apresenta a foto de um trabalhador simbolizado pelas vestimentas e instrumento de trabalho como o capacete, a foto conecta-se com Mágon ao relacionar sua história de luta junto à classe trabalhadora.

Meme (9)

1- Tem gente confundindo “vem pra rua” com “*águas de março*”
2-E partindo pro “*é pau, é pedra*” e indo pro fim do caminho

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Meme (10)

1-Tem que chamar a *Anitta* pro protesto
2- Porque **o exército** dela é pesado e tem **poder**

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Meme (11)

1-Povo brasileiro alterou o seu status de *deitado eternamente em berço esplêndido*
2-para: *verás que um filho teu não foge à luta*

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Meme (12)

1-diz vem pra rua
2-mas criminaliza os movimentos populares

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

Os memes (9,10,11) remetem a textos conhecidos, a intertextualidade manifesta é facilmente identificada pelo conhecimento de mundo. Dois memes (9) e (10) trazem referências pertencentes à cultura pop: (9) A canção composta por Tom Jobim, águas de março, cujo trecho aparece em relato direto marcado por aspas: “é pau, é pedra”. (10) A música pop Show das poderosas, da cantora Anitta, aparece em relato indireto.

(11) Dois excertos do hino nacional brasileiro aparecem no texto e podem ser facilmente reconhecidos: “deitado eternamente em berço esplêndido” e “verás que um filho teu não foge à luta” em relato direto marcado por aspas.

A canção águas de março está impressa na memória dos brasileiros. Famosa no cancionário popular, reflete as preocupações do letrista com a ecologia. Já a música Show das Poderosas é um fenômeno de popularidade e expressa o empoderamento feminino. Observa-se que na recontextualização, o relatado e o original atribuem um novo contexto ao conteúdo realocado (Fairclough, 2003).

O meme como um texto isolado pode parecer uma afirmação pessoal, mas inserido em cadeias intertextuais, aspecto inerente ao gênero, contribui para uma legitimação. A metáfora da guerra é percebida pela escolha vocabular que explicita o clima de hostilidade entre policiais e manifestantes:

- Armas: pau e pedra – meme (9)
- Manifestantes: exército – meme (10) ; filho [da pátria] – meme (11)
- Protesto: luta – meme (11)

No meme 9, a legenda é atribuída ao elemento não-verbal, Boromir, personagem do livro Senhor dos Anéis, um comandante do exército de Gondor. A ironia está em um personagem que representa o militarismo expressar que a violência é o fim do caminho. No entanto, o relato direto do texto original com o uso de aspas marcando o discurso direto é recontextualizado e direcionado para ‘gente’ que está ‘confundido “vem pra rua”, ou seja, apenas para os manifestantes.

O elemento não-verbal do meme (10) é uma pintura, trata-se de uma mulher com o rosto pintado como um palhaço, símbolo de humor e zombaria, característica típica de memes. “Meu exército é pesado a gente tem poder” transforma-se em “o exército dela é pesado e [ela] tem poder”. Trata-se do relato indireto que associa as relações assimétricas, como polícia e manifestantes, ao uso da força ideológica e do poder do discurso.

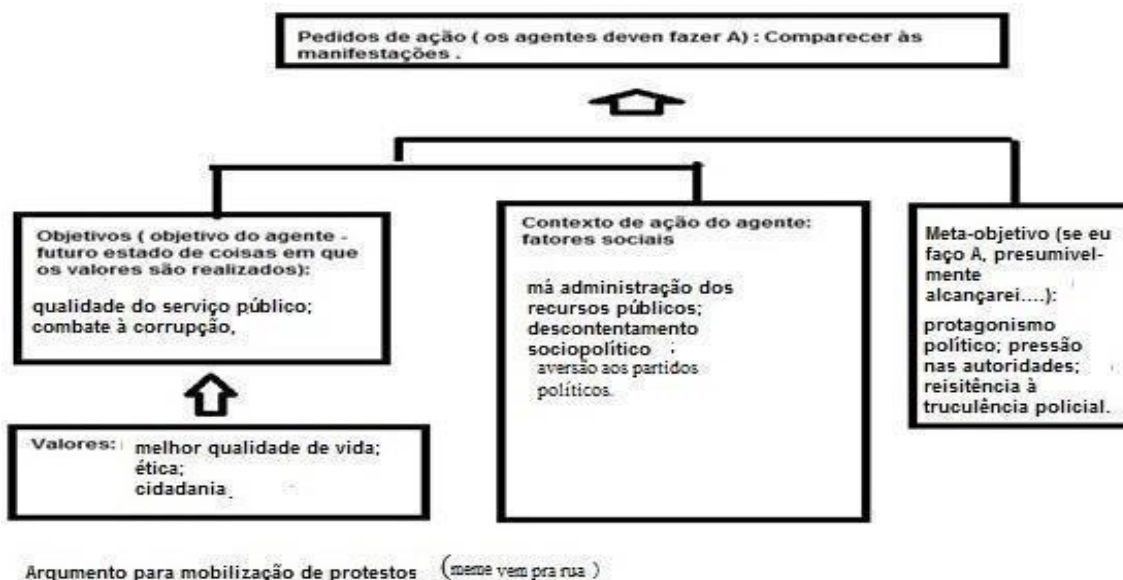
4.3.3 Investimento ideológico no meme “Vem pra rua”

Inicialmente realizadas devido ao aumento de passagens do transporte público, as manifestações passam a ampliar o campo de reivindicações e a tomarem proporção nacional, gerando a mobilização de milhares de pessoas. Dessa forma, a pressão em torno das

autoridades, gera um clima de ameaça que permeia forte repressão policial e a tática de resistência por parte de alguns manifestantes, chamados pela imprensa de black blocs⁵⁸.

Ainda está em questão a legitimidade dos protestos. De um lado, a manifestação é vista de forma criminalizada como mostram o meme (9) e o meme (11). Neste meme, a reflexão feita pelo senhor que aparece na imagem está naturalizada até mesmo pelo sujeito que vai às ruas, mas não apoia o engajamento de movimentos sociais. Do outro lado, os protestos são vistos como manutenção dos princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito, como pode-se ver nos memes (8) e (11). Diante desse quadro, pode-se aplicar a argumentação relacionada aos protestos da seguinte forma:

Figura 17 - Modelo argumentativo do discurso político 2



Fonte: Elaborado pela autora com base em Fairclough e Fairclough (2012).

Neste contexto, diferentes olhares observam a mesma realidade, ou melhor, há uma visão polarizada sobre o que é uma manifestação e, conseqüentemente, o prosseguimento dos protestos gera a discussão sobre se essa ação será o meio certo em vista de um objetivo (Fairclough; Fairclough, 2012). Outro objetivo, a manutenção da ordem pública e segurança

⁵⁸ Os **black blocs** constituíram-se como **uma tática**, uma manobra dentro da manifestação com o objetivo principalmente de garantir a autodefesa dos participantes frente à repressão policial que quase sempre é realizada e, em todas as vezes, de forma violenta. O black bloc, dessa forma, não é um movimento político, um grupo anarquista ou uma ONG libertária. Em: PINTO, Tales dos Santos. "Tática black bloc e suas origens"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/tatica-black-bloc-suas-origens.htm>>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

coletiva, foi colocado para argumentar sobre a ação de repressão policial, levando a uma decisão sobre a ação dos manifestantes.

4.3.4 Ação política articulada ao meme “Vem pra rua”

O debate e a multiplicidade de opiniões que permeiam as redes sociais, mesmo em grupos mais restritos e segmentados, são evidenciados nos memes, que como gênero, figuram modos de inter(agir) discursivamente (Fairclough, 2003). Esse aspecto polivocal é retratado nos exemplos que negociam a representação dos protestos e a identificação dos manifestantes e refletem as lutas hegemônicas seja em um gênero gerado pela informalidade como o meme, seja na mídia tradicional.

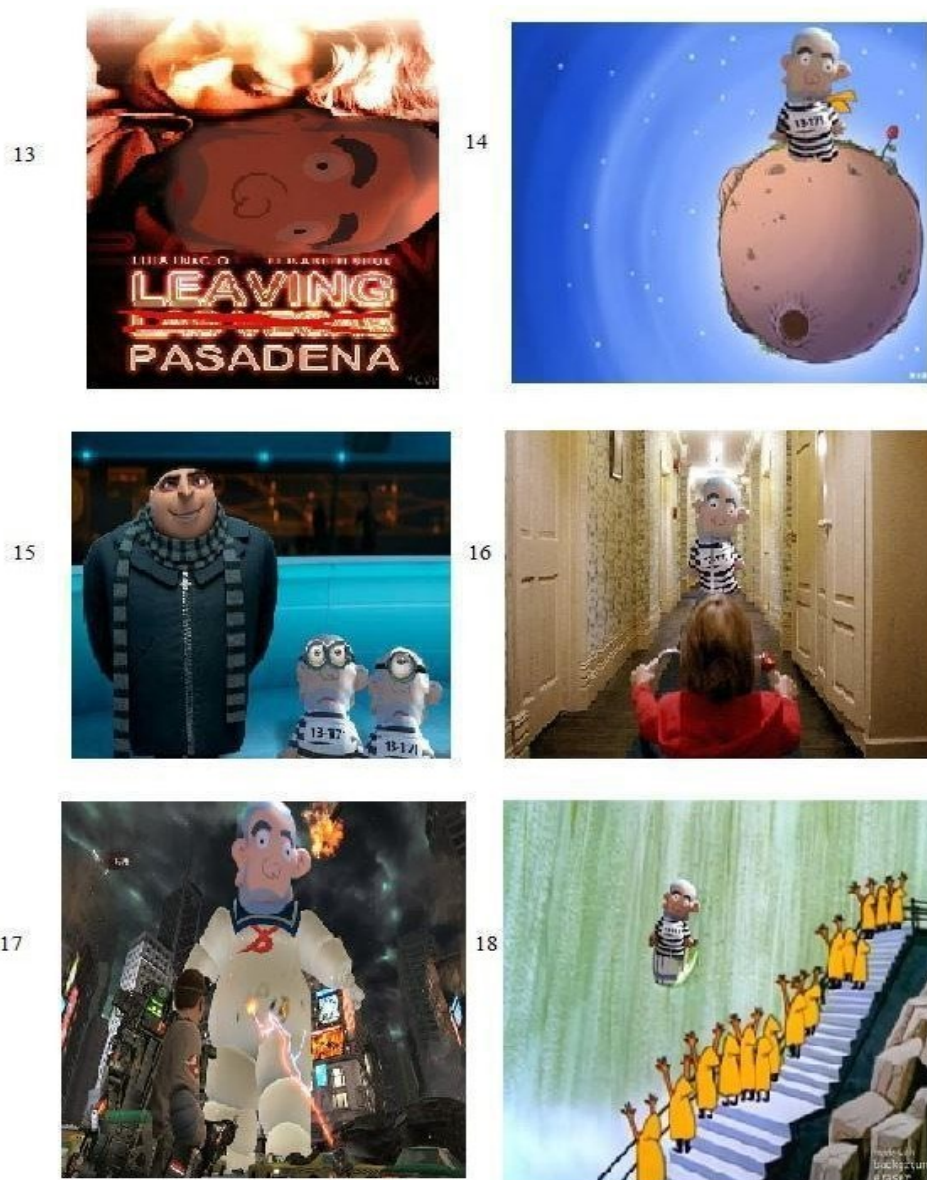
Ao opinar sobre as representações de mundo, sobre como compreendemos uma manifestação, negociamos identidades. Os protestos, entendidos como ação política feita nas ruas, reforça a ideia do manifestante como cidadão consciente do seu papel em um país democrático. No entanto, o conceito de protesto, visto como uma ação criminalizada, reforça a ideia do manifestante como sujeito que está à margem da sociedade e vetado pelo sistema.

De um lado, a ação política de manifestar o descontentamento popular, algo que faz parte da vida social em um estado democrático. Do outro, a legitimação da ação de reprimir como forma de silenciar o direito de reivindicar da população.

4.5 Memes das manifestações de 2015

Os memes foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo é composto pelos seis memes a seguir:

Figura 18 – Meme #Lulainflado



Após as eleições de 2014, uma nova série de manifestações surgem em uma configuração diferente. Em vez de reivindicar melhorias para o bem comum e ser direcionada de uma forma generalizada aos representantes eleitos pelo povo, reforçando a aversão aos partidos políticos e à política tradicional, as manifestações de 2015 se concentraram em um único partido, o Partido dos Trabalhadores, concentrando-se na figura do ex-presidente Lula. Os protestos contra ou pró- impeachment de Dilma Rousseff, na época presidenta da República, ocorreram durante 2015, mas apenas os que reivindicavam a manutenção da Operação Lava Jato⁵⁹ e a abertura do processo de impeachment contaram com a cobertura ao

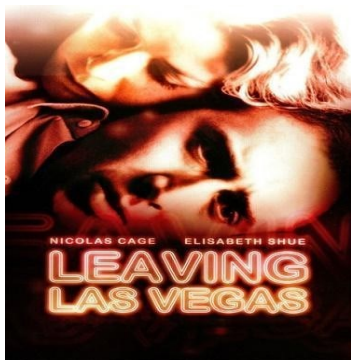

⁵⁹ Investiga o envolvimento de políticos, empresários e ex-dirigentes da Petrobras no desvio de bilhões de reais

vivo da mídia. O meme #Lulainflado surgiu nesse contexto de manifestações contra o governo.





Mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais

Os memes desse primeiro grupo, organizado dessa forma para análise, mostram o boneco relacionado à cultura pop. Embora, as fontes do remix não sejam claramente referenciadas, podem ser reconhecidas e ter seu significado apreendido como mostra o quadro a seguir:

Quadro 24 - Memes e cultura pop

	Obra original	Personagem	Descrição
Filme Despedida em Las Vegas 1		Bem Sanderson	É um dramaturgo de Hollywood que perdeu o emprego, a família e os amigos por causa do alcoolismo. Sozinho no mundo, ele vai para Las Vegas para beber até morrer
Livro O Pequeno Príncipe (ilustração)		O Pequeno Príncipe	Menino que vive no Asteroide B-612, que há apenas uma rosa que fala com ele, que tem três vulcões (sendo um deles extinto).

Quadro 24 - Memes e cultura pop- continuação

<p>Filme Meu Malvado Favorito 2</p>		<p>Minions</p>	<p>Minions são em seres que têm apenas um propósito: servir os vilões mais malvados da história.</p>
<p>Filme O Iluminado</p>		<p>Irmãs Grady</p>	<p>Irmãs gêmeas que aparecem nos corredores do hotel amaldiçoado. (Fantasmas)</p>
<p>Filme Os Caça-Fantasmas (Frame de filme)</p>		<p>O monstro de marshmallow</p>	<p>Um monstro de marshmallow gigante e sinistro. Foi o inimigo final dos caça-fantasmas no primeiro filme.</p>
<p>Desenho animado Pica- Pau (Frame do desenho)</p>		<p>Guarda e guia de turismo nas cataratas do Niágara</p>	<p>Guardaque impede Pica-Pau de descer as cataratas velejando em um barril, mas que acidentalmente, ao tomar o barril de Pica-Pau, acaba descendo as cataratas.</p>

Meme (13)

Leaving Pasadena (tradução nossa): Despedida em Pasadena.

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O elemento verbal é o ponto de partida, pois informa o assunto tratado no texto. O adjunto adverbial “em Pasadena”, que indica circunstância é fundamental nas dimensões contextuais. Substituir Las Vegas por Pasadena vai além do humor por subverter o cartaz de um filme para quem acompanha a recente história política no Brasil. A compra da refinaria de Pasadena foi assunto na mídia porque foi considerada um mau negócio para Petrobrás e alvo de investigação na Operação Lava Jato. Na época da aquisição, o país era comandado por Lula e Dilma presidia o conselho de administração da estatal.

O elemento visual complementa a produção de sentido do texto, uma vez que o boneco funciona como uma metáfora de Lula, ou seja, Lula despede-se em Pasadena. Luiz Inácio, nome que aparece acima do título, é o agente. Ele pratica o processo de se despedir, tem o papel de protagonista nesta história, que se remetermos à obra original, tem os contornos de um drama.

O meme tipifica outro gênero, cartaz de cinema, não somente no estilo composicional, mas também na funcionalidade, tenta contar uma breve premissa desse enredo político. A dissimulação em propósitos promocionais implica em interação de agir ideologicamente sobre o interlocutor.

Os memes são compostos apenas pelo elemento visual. O boneco é deslocado do seu espaço local. Deixa o ambiente das manifestações e aparece em lugares inusitados:

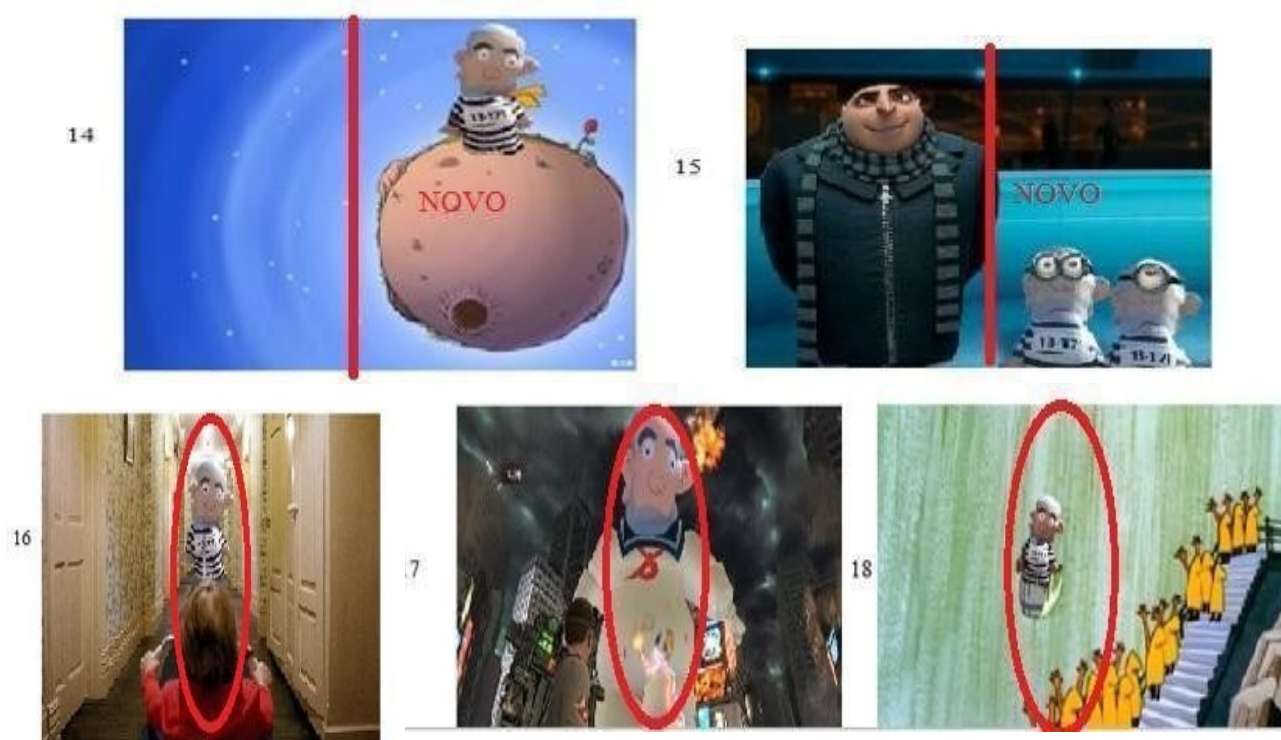
- em cima de um asteróide;
- na casa de um vilão;
- no corredor de um hotel mal-assombrado;
- em Nova Iorque;
- nas cataratas do Niágara.

Essa mudança espacial faz toda a diferença no efeito de sentido, pois o boneco presidiário é uma informação conhecida, no entanto, os novos personagens assumidos é uma

informação nova. Ao sair do lugar de origem, o boneco não abandona a simbologia dos protestos, mas agrega substancialmente o componente do humor pela força do conjunto.

Nos memes (14) e (15), o boneco está posicionado à direita, como dado novo:

Figura 19 - Meme # Lulainflado (grupo 1)



Fonte: Facebook, 2018.

Nos memes (15), (16) e (17), aparecem centralizados, ocupando lugar de saliência: O lugar de destaque chama a atenção e destaca o aspecto caricatural do boneco, trazendo ao meme um contorno de charge, uma sátira com humor. A provocação do riso pode ficar na esfera do entretenimento, principalmente se não é remontado o momento sócio histórico no qual o meme se insere, mas também pode engajar. Em uma época em que a tecnologia tem um papel de suma importância na relação entre as pessoas, o meme surge como a nova piada, a nova charge, a graça que faz parte do nosso cotidiano e que reconta o nosso mundo.

O segundo grupo é composto por seis memes:

Figura 20 - Meme #Lulainflado (grupo 2)



Fonte: Facebook, 2018.

O boneco Lula inflado estabelece uma relação com elementos no texto em uma associação metonímica como mostra o quadro a seguir:

Quadro 25 - Relações metonímicas

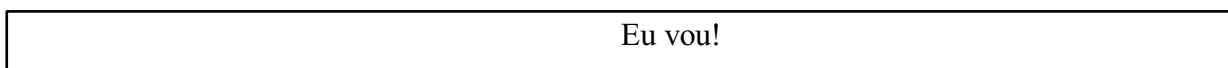
ELEMENTOS CONCRETOS	ASSOCIAÇÃO
PLATAFORMA DE PETRÓLEO	CORRUPÇÃO
MORTADELA	MANIFESTAÇÕES DA ESQUERDA
PLANALTO	GOVERNO
BARCO/FROTA	APOIADORES DE LULA
PANELA	MANIFESTAÇÃO DA DIREITA
ESTATUA	LULA

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

No meme (19) e no meme (21), o boneco aparece, respectivamente, em uma plataforma de petróleo e no palácio do planalto. É relacionado aos escândalos de corrupção da Petrobrás e ao Governo Federal. Em (21), o boneco aparece içando a presidenta em clara alusão ao processo de impeachment, uma vez que a imagem mostra Dilma sendo retirada do planalto, atada ao boneco. Embora a imagem de Dilma apareça apenas neste meme no grupo analisado, pode-se notar que as atribuições feitas à Lula são estendidas a Dilma Rousseff, uma vez que sua história na política é atrelada ao ex-presidente Lula.

O meme (20) e o meme (23) apresentam temática voltada para os manifestantes. Enquanto o meme (20) é relacionado aos manifestantes da esquerda, o meme (23) relaciona-se aos manifestantes da direita. Demonstrem a polarização política tão evidente nas redes sociais.

Meme (20)



Fonte: elaborado pela autora, 2026.

A frase exterioriza um estado afetivo. A tipografia indica esse sentimento pelo uso do ponto de exclamação e letra em caixa alta. Na internet, esse tipo de letra corresponde a gritar, algo comum em manifestantes ao expressar palavras de ordem. Quem irá e para onde? Essas perguntas podem ser respondidas pelo elemento visual. A frase aparece na parte inferior do meme, como um dado real, inserida em uma caixa vermelha, cor do Partido dos Trabalhadores.

Outro fator importante é o sanduíche de mortadela⁶⁰, centralizado e em primeiro plano, ocupando lugar de saliência. A mortadela, assim como o caviar e a coxinha são alimentos da que passaram a designar posicionamentos políticos. Mortadela, produto popular e barato, é um termo pejorativo usado por pessoas de direita para designar pessoas de esquerda. No meme podemos perceber duas vozes em relação de diferença, são discursos que não se encaminham para o consenso, e sim, para a polêmica:

⁶⁰ “Na dimensão gastronômica a mortadela (um embutido heteróclito de carne suína, bovina, aves e cubos de gordura), foi tradicionalmente estigmatizada como alimento das classes subalternas, tornando-se vergonha social para quem se nutria de sua substância”. Bittencourt, Renato Nunes. A culinária da política: coxinha, caviar e mortadela. Revista Espaço Acadêmico. N.182. julho/2016.

- 1) A voz do manifestante de esquerda: Eu vou!
- 2) A voz do manifestante da direita: O manifestante que apoia Lula é um “mortadela”.

A possibilidade de perceber essas duas vozes, a voz que manifesta e a que desqualifica o agente [eu] manifestante é possível pela articulação dos elementos verbais e visuais. O meme (23) também se volta para os manifestantes. O boneco na versão “paineiro” enfatiza uma estratégia conhecida em protestos, bater panelas para chamar a atenção. Alguns indícios expressos no meme apontam que os protestos são pró-impeachment:

Os cartazes expressam palavras de ordem, dentre elas: ‘Fora PT!’. Além do elemento verbal, componentes visuais que marcaram as manifestações contra Dilma são o uso de cores verde e amarelo e símbolos que se referem à nação como a bandeira do Brasil e as camisas da seleção brasileira de futebol.

Figura 21 – Meme foto #Lulainflado



Fonte: Facebook, 2018.

Ao alinharmos os memes (20) e (23) é possível observar que a veiculação desses textos nas redes sociais explicita vozes dissonantes e polarizadas, que estão em constante processo de negociação. No meme (22) observa-se a presença de intertextualidade em forma de ironia. A ironia ocorre quando um enunciado ressoa outro, mas estabelece uma discrepância entre o significado a que se dá voz e a função real do enunciado ecoado (Fairclough, 2001) O enunciado expressa uma ameaça:

Meme 22

GRANDE FORÇA NAVAL DA BOLÍVIA

Evo Morales coloca a marinha em prontidão para invadir o Brasil se Dilma cair!

Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O uso do verbo **cair** remete a ideia de queda. No sentido conotativo, o termo indica o declínio político de Dilma e a saída do governo devido ao processo de impeachment. Para isso, seria usada a grande força naval da Bolívia, a marinha estaria em prontidão. Os termos ‘força naval’ e ‘marinha’ são palavras-chave no enunciado.

De acordo com Fairclough (2001), a ironia expressa algum tipo de atitude negativa sobre o enunciado e necessita do reconhecimento de que o significado do texto ecoado não é o significado do produtor do texto. Essa disparidade é percebida nesse exemplo pelo elemento visual e pelo contexto situacional. O adjetivo ‘**grande**’ reforça a imponência de uma frota naval. Fica evidente o tom de humor e sarcasmo no texto quando a marinha na imagem corresponde a uma pequena embarcação navegada por dois indivíduos.

O tom de ameaça ecoado se esvanece, uma vez que a função real é desacreditar Evo Morales, fato que é compreendido pelo contexto situacional. A tentativa é desqualificá-lo pelo apoio dado a Lula e à Dilma Rousseff e ridicularizar o poder e a influência de Evo, mesmo sendo presidente de uma nação. O meme (24) traz o boneco como uma estátua sendo segurada por Lula. Na estátua está escrito: ‘luladrão’.

Figura 22 - ‘luladrão’



Fonte: elaborado pela autora, 2026.

A palavra é um neologismo e funciona como uma redução do enunciado: Lula é ladrão. Mais uma vez a dinâmica é desqualificá-lo e atribuir culpabilidade. Enquanto nos memes do primeiro grupo isso foi feito através da associação do boneco a personagens com atribuições negativas, nesse meme ocorre através do léxico. O recurso da ironia também está presente no meme, visto que a expressão de felicidade de Lula ao olhar o boneco expressa um gesto de concordância, algo que jamais ocorreu. O ex-presidente sempre se defendeu das denúncias de corrupção, declarando que jamais cometeu qualquer ilegalidade.

4.5.1 Investimento ideológico no meme “#lulainflado”

Os diversos escândalos de corrupção na política brasileira dão margem à generalização de que todos os políticos são desonestos. O retrospecto negativo no que se refere a conduta moral de representantes eleitos reforça a ideia estereotipada e ocasiona o pré-julgamento. Tal atitude não espera a confirmação de fatos, acaba se realizando mesmo antes do aparecimento da evidência, motivado pelo que Lippmann (2008) chama de preferência:

[...] E, portanto, os esteriótipos estão carregados de preferência, cobertos de afeto e aversão, ligados aos temores, avidez, fortes desejos, orgulho, esperança. Seja lá o que invoque, o esteriótipo é julgado com o sentimento apropriado. A exceção de onde nós deliberadamente manteremos o prejuízo, não estudamos um homem para julgá-lo como sendo mal. Vemos um homem mal.[...] (Lippmann, 2008, p. 115).

Embora o julgamento e condenação do ex-presidente Lula por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex em Guarujá – SP tenha ocorrido em julho de 2017 pelo Ministério Público Federal (MPF) e em janeiro de 2018, em segunda instância, pelo Tribunal Regional da 4ª Região, o político já figurava como culpado em manifestações pró-impeachment de Dilma Rousseff realizadas em 2015.

O conjunto de memes apresenta atributos profundamente depreciativos que procuram construir uma identidade social de Lula. Um exemplo é o alcoolismo, que já foi mencionado em reportagem⁶¹ e precisou ser esclarecido e negado⁶² por Lula, funciona como um fator que estabelece a desconfiança e desacredita a conduta. No meme (13), o boneco aparece como Ben Sanderson, que devido ao vício, perdeu tudo e teve fim trágico.

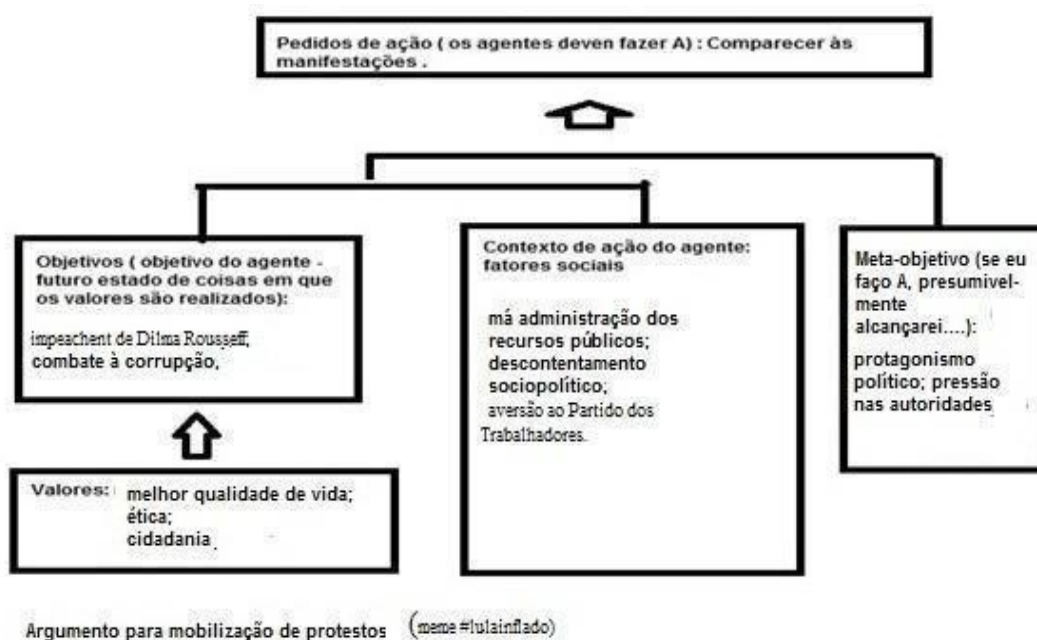
⁶¹ Hábitos étlicos de Lula se tornam preocupação nacional <https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes/ult574u3987.jhtm> Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

⁶² Em Lula nega problema com alcoolismo e nega e critica correspondente do NYT. <https://noticias.uol.com.br/ultnot/2004/05/14/ult23u91.jhtm> Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

A impressão de mancha de caráter é reforçada pelo isolamento político (meme 14) retratado em um pequeno príncipe solitário e pelo arquétipo de vilão (memes 14, 15, 16, 17 e 18). O boneco pode ser um minion que trabalha em prol de um vilão (meme 15), um fantasma amaldiçoado (meme 16) ou um monstro assustador (meme 17), tipos que de alguma forma causam repulsa e podem ser penalizados assim como o guarda (meme 18) que acabou despencando das Cataratas do Niágara. Dessa forma, o sentimento de aversão é construído linguisticamente.

Lula é representado negativamente através de argumentos que utilizam a culpabilidade, a acusação e o insulto. Essa função estratégica deslegitimadora no processo político é evidenciado no nível discursivo pelo uso da seguinte argumentação:

Figura 23 – Modelo argumentativo do discurso político 3



Fonte: elaborado pela autora, 2026.

O que se aplica a Lula vale para Dilma, visto que as representações são espelhadas de tal forma que estabelecem uma relação de objetivo-meta. Para acabar com a corrupção (condenar Lula) é necessária a saída de Dilma do governo, ou seja, deslegitimar Lula é deslegitimar uma presidente eleita democraticamente pelo povo.

4.5.2 Ação política articulada ao meme “#lulainflado”

Observando o panorama das manifestações de 2015, pode-se visualizar as três fases da cena política proposta por Charaudeau (2016):

- a) uma situação de crise causada por desordem social, vitimando cidadãos.
- b) uma fonte do mal
- c) uma solução salvadora.

Os constantes escândalos de corrupção noticiados à exaustão pela imprensa e o medo da crise econômica geram um sentimento de indignação. Nas manifestações de 2015, a “fonte do mal” é o Partido dos Trabalhadores. Entoando gritos de 'Fora PT', manifestantes vão às ruas e expressam aversão ao partido, encarnado na figura do ex-presidente Lula e de todos que o apoiam. Daí surgem os inimigos declarados: esquerdistas, petralhas, doutrinários, *mortadelas* (meme 20). É importante ressaltar que não é uma situação unidirecional. Existe o contraponto, tanto que houve manifestações a favor de Lula e contra o impeachment de Dilma, embora não tenham obtido o mesmo destaque pela mídia.

O que se expõe nesse cenário político é o efeito de sentido produzido nos textos analisados e a ação política realizada. Ao identificar Lula como a fonte do mal, a ação política se faz pela desqualificação e construção do inimigo a ser combatido por ser uma verdadeira ameaça a nação. O valor de pátria é reforçado com o uso de símbolos de unidade nacional nos protestos para operacionalizar a ideologia de uma opinião unificada. A partir daí, a última etapa é realizada, a saída de Dilma do governo é alardeada como a solução salvadora para resolução dos problemas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para refletir sobre a condução da pesquisa, é importante retomar questionamentos que motivaram a análise e discussão dos dados:

1. Que relações há entre os mecanismos linguísticos - discursivos e os efeitos de sentidos que emergem da prática discursiva de memes nas redes sociais?
2. De que maneira são construídas as representações ideológicas nos memes da internet?
3. Como a perspectiva de ação política é articulada por memes?

Antes de falar sobre cadeia de gêneros, é pertinente lembrar a relação entre globalização e tecnologia. O advento da internet e o desenvolvimento tecnológico propiciaram mudanças significativas na linguagem. O mundo globalizado passou por transformações, assim como as relações sociais e as práticas discursivas.

Em uma sociedade de informação onde tudo está integrado, principalmente no ambiente das redes sociais, olhar o gênero apenas em uma dimensão individual parece não fazer muito sentido. Volta-se a atenção para como um gênero interage com outro. O que importa não é só o contato, mas como essa relação recontextualiza as práticas discursivas através de elementos intertextuais e interdiscursivos. Essas alterações são dotadas de investimento ideológico e podem revelar relações de poder, ou o oposto, de resistência. A análise textual observa como os textos se relacionam uns aos outros em cadeias intertextuais. Discursos anteriores são resgatados e reconfigurados, revestidos de um novo sentido para realizar um propósito comunicativo.

Dentre uma gama de possibilidades, foi escolhido o meme, cujo interesse está na reconfiguração da linguagem político- midiática. Para isso, o aporte teórico-metodológico da ADC foi a opção adequada em virtude de seu caráter emancipatório e de primar pela conscientização de que os gêneros refletem crenças, relações e identidades.

O rigor linguístico não pôde ser esquecido, mesmo que a sistematização de um gênero tão recente fosse um desafio. A articulação entre trabalhos na área da Linguística e da Comunicação Social permitiu relativa organização a respeito do meme quanto à definição e características peculiares ao gênero. A sobreposição de elementos verbais e visuais é recorrente em memes, portanto a Teoria Multimodal do Discurso foi uma contribuição fundamental. Embora a multimodalidade não fosse o foco do trabalho, a observação da metafunção composicional auxiliou na apreensão da significação e no entendimento dos efeitos de sentido.

Em relação ao conteúdo dos memes, a política foi o tópico de análise. Nunca se falou tanto em política, mesmo aquele que não gosta desse assunto não consegue escapar dele nas redes sociais. Diante de uma recente crise político-econômica, os memes surgem com ares de tragicomédia. Quando direcionado à política, expõe mazelas morais e provoca o riso.

Fruto da criatividade do brasileiro, o meme é produzido e consumido, já virou item de exportação. Essa comicidade suscita o questionamento: o que significa rir da própria desgraça? Pode ser a graça que anestesia e despolitiza ou o jeito irreverente de debater política, e ir além, persuadir e agir. É a participação de atores sociais no discurso público. Memes absorvem notícias. Memes são notícias.

Podem ser tão efêmeros como as folhas de jornal que no dia seguinte perdem a importância e viram papel de embrulho. No entanto, são adaptados ao imediatismo e ao volume de informações, atualizam assuntos de forma rápida e objetiva na sociedade de informação. Quando agrupados, lançados por hashtags e relações intertextuais, são muitas vezes, que em conjunto, podem ser uma única voz poderosa, ecoada na simplicidade de uma fotografia e legenda.

A presença de milhares de pessoas nos protestos só comprova o debate e a mobilização no período em que ocorreram as manifestações populares, é a revolução das redes sociais. Impeachment, golpe, intervenção militar, eleições diretas são alguns dos posicionamentos que circularam nas redes e nas ruas. São exemplos da pluralidade de argumentos ideologicamente defendidos.

A análise dos dados coletados permite observar como cadeias intertextuais constroem discursivamente dentro desse complexo sistema das redes sociais e articulam a tomada de decisão que delimita grupos e promove ações políticas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. D. Gêneros multimodais: mapeando pesquisas no Brasil. *Linguagem em Foco: Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE*, v. 1, p. 13-24, 2011.
- ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BAKHTIN, M.. *Estética da criação verbal*. São Paulo Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BALOCCO, A. E. A perspectiva discurso-semiótica de Gunther Kress. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org.). Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BLACKMORE, S. *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.
- BOURDIEU, P. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- BOYD, D. Social network sites as networked publics. *In: PAPACHARISSI, Z. (ed.). Networked self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2010. p. 39-58.
- BUZATO, M. E. K.; SEVERO, C. G. Apontamentos para uma análise do poder na Web 2.0. *In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010, Palhoça-SC. Anais [...]*. Palhoça: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2010. Publicação online.
- BUZATO, M. E. K. Três concepções para o estudo de redes sociais. *In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). Redes sociais e ensino de línguas: O que temos de aprender?.* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CARDOSO, D. C. Gênero discursivo na perspectiva da análise crítica do discurso. In: DELL'ISOLA, R. L. P. (org.). *Gêneros textuais: o que há por trás do espelho*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. Recurso eletrônico.

CARMO, C. M. A. Hibridização e discurso evangélico na mídia televisiva. In: MAGALHÃES, C. M. (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem do Facebook. In: SHEPHERD, T.; SALIES, T. (org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CHILTON, P.; SCHÄFFNER, C. Discurso y política. In: VAN DIJK, T. A. *El discurso como interacción social*. Madrid: Gedisa, 2000.

CHILTON, P.; SCHÄFFNER, C. (ed.). *Politics as text and talk: Analytic approaches to political discourse*. Amsterdã e Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

DAWKINS, R. *The Selfish Gene*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

DELL'ISOLA, R. L. P. Perspectivas teóricas subjacentes às noções de gêneros: textuais ou discursivos? . In: DELL'ISOLA, R. L. P. (org.). *Gêneros textuais*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992^a.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

- FAIRCLOUGH, N. Semiosis, ideology and mediation: A dialectical view. In: ASSEN, I. *et al.* (ed.). *Mediating ideology in Text and Image: Ten critical studies*. Amsterdã e Philadelphia: John Benjamins B.V, 2006.
- FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political discourse analysis: A method for advanced students*. London: Routledge, 2012.
- FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLOWERDEN, J. *Discourse in English language education*. London: Routledge, 2013.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOWLER, R. *Linguistic criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- FOWLER, R. Sobre a linguística crítica. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 207–222, 2004.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: ed. UNESP, 1991.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, W. “Nós somos a rede social”. In: MENDONÇA, R. F. *et al.* (org.). *Democracia digital - Publicidade, instituições e confronto político*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2016.
- HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.
- HASAN, R. The conception of context in text. In: Fries, P. H.; Gregory, M. (Org.). *Discourse in society: systemic functional perspectives*. Norwood: Ablex Publishing, 1995. p. 183–283.
- HASAN R. Part B. In: HALLIDAY, M.A K; HASAN, R. *Language, Context, and text: aspects of language in social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University, 1989.

- HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.
- HYON, S. Genre in three traditions: Implications for ESL. *TESOL Quarterly*, v. 30, 1996.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. “*The new literacies sampler*”. New York: Peter Lang, 2007.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Online memes, affinities, and cultural production. In: KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (org.). *A new literacies sampler*. New York: Peter Lang, 2007. p. 199–227.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOMESU, F.; ARROYO, R. W. Letramentos digitais e o estudo de links numa rede social. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: O que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.
- KRESS, G. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.
- KRESS, G. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. Semiótica Discursiva. In: VAN DIJK, T. A. *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- KRISTEVA, J. “Le mot, le dialogue et le roman”. *Critique: Revue Generale des Publications Francaises et Etrangeres*, Paris, t. 23, n. 239, p. 438-65, 1967.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *New literacies: Changing knowledge and classroom learning*. Philadelphia: Open University Press, 2003.
- LIPPMANN, W. *Opinião pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MAGALHÃES, M. I. Intertextualidade e letramento. O “outro” no discurso da educação. *Letras, Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFSM*, v. 14, p. 83-105, 1997.
- MAGALHÃES, M. I. Análise do discurso publicitário. *Revista da Abralin*, v. 4, n. 1 e 2, p. 231-260, dez. 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010.

MEILI, Angela Maria. Os memes no YouTube: uma aplicação da intertextualidade como categoria analítica. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 353–381, jun. 2014.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MILLER, C. R. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, v. 70, n. 2, p. 151–167, 1984.

MILLER, C. Gênero como ação social. *In: DIONÍSIO, A. P. et al. (org.). Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. São Paulo: Parábola, 2012.

MILNER, R. *The world made meme: discourse and identity in participatory media*. Lawrence: University of Kansas, 2012.

PAIVA, V. L. M. O. Facebook: um estado atrator na internet. *In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). Redes sociais e ensino de línguas: O que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.

PLETT, Heinrich F. Intertextualities. *In: Intertextuality*. Heinrich F. Plett (Ed.), Research in Text Theory. Berlin/New York: de Gruyter, 1991. cap. 15.

PRIMO, A.; RECUERO, R. C. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. *Líbero (FACASPER)*, v. IX, p. 83-93, 2006.

RECUERO, R. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia – conexões nas redes midiáticas. *Revista Famecos*, n. 32, p. 23-31, 2007.

RECUERO, R. Discurso mediado por computador nas redes sociais. *In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). Redes sociais e ensino de línguas: O que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2014.

RODRIGUES, R.H.; Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). Gêneros: teorias, métodos e debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R.; BARBOSA, J. *Hipermodernidade e multiletramentos e gêneros discursivos.* São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, R. Novos letramentos, tecnologias, gênero de discurso. *In: Gêneros, entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas.* SOUZA, S.; SOBRAL, A. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

SHIFMAN, L. *Memes in a digital culture.* Cambridge: MIT Press, 2014.

SLEMBROUCK, S. Intertextuality. *In: ZIENKOWSKI, J.; OSTMAN, J.; VERSCHUEREN, J., (ed.). Discursive pragmatics.* Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins B.V., 2011.

SOUZA, C. F. de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. *Vértices,* Campos dos Goytacazes, RJ, v. 15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013.

SOLIN, A. Genre. *In: ZIENKOWSKI, J.; OSTMAN, J.; VERSCHUEREN, J., (ed.). Discursive pragmatics.* Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins B.V., 2011.

SWALES, J. M. Worlds of genre: metaphors of Genre. *In: BAZERMAN, C. et al. (ed.). Genre in a changing world.* Fort Collins: WAC Clearinghouse, 2009.

SWALES, J. *Genre analysis: English in academic and research settings.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder.* São Paulo: Contexto, 2015.

VAN DIJK, T. A. How Globo media manipulated impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. *Discourse & Communication,* v. 11, n. 2, p. 199-229, fev. 2017.

VIAN JR, O.; LIMA-LOPES, R.E. A Perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). Gêneros: teorias, métodos e debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

VIEIRA, V.; RESENDE, V. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa.* Campinas: Pontes, 2016.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. *Introdução à multimodalidade: contribuições da Gramática Sistemico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social.* Brasília: J. Antunes Vieira, 2015.

WODAK, R. Critical Linguistics and Critical Discourse Analysis. *In: ZIENKOWSKI, J. et al. (ed.). Discursive pragmatics.* Amsterdam: John Benjamins, 2011.

ANEXO A - POSTAGENS (MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013)

Estadão 15 de junho de 2013 · 🌐

Preparamos um especial com todos os vídeos sobre as [manifestações do Passe Livre](#)
<http://migre.me/f2049>



973 76 comentários 234 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

Estadão 21 de junho de 2013 · 🌐

BELÉM: Morre gari que inalou gás lacrimogêneo em protesto. É a segunda morte durante as [manifestações](#) que ocorrem no Brasil. Veja mais em <http://migre.me/f7N3y>

Foto: Reuters



963 131 comentários 734 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

Estadão 19 de junho de 2013 · 🌐

EUA estão monitorando protestos no Brasil, afirmam: 'Manifestações pacíficas, como as que estão acontecendo, fazem parte da própria democracia'. Veja mais em <http://migre.me/f5mze>

Foto: JF Diório/Estadão



4,1 mil 196 comentários 1,2 mil compartilhamentos

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

Estadão 26 de junho de 2013 · 🌐

CAMPINAS: Polícia usa arma que solta tinta para identificar responsáveis por depredação após confrontos em [manifestações](#). Veja mais em <http://migre.me/fchTs>



2,9 mil 260 comentários 1,2 mil compartilhamentos

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

Estadão ✓
17 de junho de 2013 · 🌐

Dilma: 'Manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia'.
Veja mais em <http://migre.me/f4bY1>
Foto: André Dusek/Estadão



1,1 mil 620 comentários 520 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Estadão ✓
23 de junho de 2013 · 🌐

As semanas que mudariam a história da política brasileira começaram com um protesto de 150 pessoas. Confira em sete capítulos como foi a evolução das manifestações que atingiram todo o País: <http://migre.me/f937>
Ilustração: Farrell/Estadão



1 mil 76 comentários 542 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Estadão ✓
28 de junho de 2013 · 🌐

Bahia aprova redução das férias de deputados e ficha limpa para todos os servidores do Estado. 'A Casa está respondendo (às manifestações)', afirmou deputado. Veja em <http://migre.me/tegRk>



2,4 mil 107 comentários 1 mil compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Estadão ✓
17 de junho de 2013 · 🌐

Está proibido uso de balas de borracha em manifestações em SP, promete Aلكmin. Governador elogiou negociações entre manifestantes do Movimento Passe Livre e secretaria de Segurança Pública. Veja mais em <http://migre.me/f3U8w>
Foto: Alex Silva/Estadão



1,8 mil 246 comentários 730 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Estadão 21 de junho de 2013

'Manifestações no Rio terão respaldo da prefeitura', diz Eduardo Paes. Prefeito promete que manifestantes terão 'todas as garantias' para atos pacíficos. Veja mais em <http://migre.me/f7CsJ>

Foto: Marcos de Paula/Estadão



583 106 comentários 147 compartilhamentos

Estadão 24 de junho de 2013

Manifestações fazem 100% dos royalties na Educação terem mais chances de aprovação no Congresso. Saiba mais em <http://migre.me/fa92w>

Foto: Fábio Motta/Estadão



1 mil 81 comentários 272 compartilhamentos

Estadão 19 de junho de 2013

Londres, Barcelona, Copenhague, Sydney, Hamburgo, Berlim, Nova York, Toronto e Vancouver (foto) tiveram manifestações nesta terça-feira em favor dos protestos no Brasil. Veja como foi o dia de protestos em <http://migre.me/f5nnZ>

Foto da leitora Jéssica Fernandes



11 mil 278 comentários 5,6 mil compartilhamentos

FOLHA Folha de S.Paulo 22 de junho de 2013

Brasil tem manifestações marcadas em 12 cidades neste fim de semana. <http://folha.com/no1299670>

POVO NAS RUAS

Algumas das cidades com protestos confirmados no fim de semana

HOJE

<p>São Paulo av. Paulista (Masp), a partir das 15h</p>	<p>Belo Horizonte (MG) praça Sete de Setembro, centro, a partir das 14h</p>
<p>Maceió (AL) praça Multieventos, praia de Pajuçara, a partir das 15h</p>	<p>Juiz de Fora (MG) rua Halfeld (Câmara Municipal), centro, a partir das 13h30</p>
<p>São Luís (MA) praça Maria Aragão (centro) a partir das 14h</p>	<p>Curitiba (PR) avenida Luiz Xavier (Boca Maldita), a partir das 10h</p>

AMANHÃ

SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP)
praça Samuel Sabaniti (Paço Municipal), a partir das 15h

RIO DE JANEIRO (RJ)
praia de Copacabana (posto 4), a partir das 16h

1 mil 186 comentários 1,5 mil compartilhamentos

EXAME Exame ✓
26 de junho de 2013 · 🌐

Após pressão das manifestações, Senado aprova projeto que torna corrupção crime hediondo. <http://abr.io/lsSc>



1,4 mil 84 comentários 858 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

CARAS CARAS Brasil ✓
23 de junho de 2013 · 🌐

'Espero que a voz do povo seja ouvida', diz Gisele Bündchen sobre manifestações no Brasil. Descubra o que mais ela falou sobre os protestos e o que ela deseja para o futuro do país --> <http://goo.gl/6RgNC>

#gisele #giselebundchen #manifestacoes #brasil #protesto #vemprarua #ogiganteacordou



372 16 comentários 27 compartilhamentos

veja VEJA ✓
17 de junho de 2013 · 🌐

IMAGENS das manifestações em todo o país: <http://abr.ai/1bOwJDj>



3,8 mil 175 comentários 1,1 mil compartilhamentos

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

Estadão ✓
21 de junho de 2013 · 🌐

Dilma condena 'minoria violenta' das manifestações. Segundo a presidente, atos de vandalismo vão contra a democracia e desperdiçam esta 'grande oportunidade histórica' para mudanças no Brasil. Veja discurso completo em <http://migre.me/f7LR0>

Foto: Daniel Teixeira/Estadão



827 429 comentários 300 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

Estadão 21 de junho de 2013

Manifestações levam 1 milhão às ruas, violência cresce e Dilma convoca reunião. Esta é a principal notícia do 'Estado' nesta sexta-feira. Mesmo com redução da tarifa, atos violentos foram vistos em diversas cidades, com saldo de um morto e ao menos 77 feridos. Veja mais em http://migre.me/t7ot9

O ESTADO DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA

Um milhão vai às ruas, violência cresce e Dilma convoca reunião

Uma pessoa morreu atropelada em Ribeirão Preto • Polícia reprimiu tentativa de invasão do Itamaraty • No País, ao menos 96 ficaram feridos, 62 no Rio • Em São Paulo, o clima foi pacífico, mas houve incidentes entre militantes do PT e manifestantes



Breslvia Manifestantes não hesitaram em tentar invadir o Palácio do Itamaraty. Foram 18 pessoas feridas e uma pessoa morreu atropelada em Ribeirão Preto, onde houve tentativa de invasão e grande grupo de detidos no Rio de Janeiro. No Rio, ao menos 62 ficaram feridos. A polícia reprimiu a tentativa de invasão do Itamaraty em Brasília. O clima foi pacífico em São Paulo, mas houve incidentes entre militantes do PT e manifestantes.



São Paulo Manifestantes do PT, apesar de serem maioria, não invadiram o Palácio do Itamaraty. São Paulo, 21 de junho de 2013. **Ribeirão Preto** Manifestantes atropelaram 12 pessoas e mataram duas ao tentar invadir o Itamaraty. Ribeirão Preto, 21 de junho de 2013. **Rio** Combustíveis de um ônibus foram incendiados por uma manifestante. Rio de Janeiro, 21 de junho de 2013.

BC intervém, mas dólar sobe 2,45% e fecha a R\$ 2,259 **Divirta-se** Também edge que EUA libertem 5 militantes **STF libera discussão sobre mais partidos**

1 mil 184 comentários 602 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

FOLHA Folha de S. Paulo 21 de junho de 2013

Curtir Página

Manifestações fecham vias da Grande SP; Radial Leste é bloqueada. http://folha.com/no1299243 (Foto: Eduardo Knapp/Folhapress) Acompanhe em tempo real nossa cobertura das manifestações nesta sexta-feira: http://bit.ly/11sY9WY



676 49 comentários 246 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

ANEXO B - POSTAGENS (MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2015)

O Globo 18 de agosto de 2015 · 🌐

Batizado de **Lula Inflado**, boneco do ex-presidente com 12 metros de altura deverá fazer 'turnê' pelo país. <http://glo.bo/1K1IOXH>



Boneco de Lula visto em protesto vira hit na internet

Foto: Givaldo Barbosa / Agência O Globo
OGLOBO.GLOBO.COM

10 mil 632 comentários 1,4 mil compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Exame 28 de agosto de 2015 · 🌐

O dia em que o "**Lula inflado**" resolveu fazer uma visita a São Paulo.

Boneco "Lula inflado" faz "tour" por pontos turísticos de SP | EXAME.com

Na capital paulista, os grupos anti-Dilma SOS Brasil e Brasil Melhor pagaram R\$ 4 mil para uma empresa de eventos carregar o boneco pela cidade e inflá-lo
EXAME.ABRIL.COM.BR

4,9 mil 223 comentários 352 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Estadão 28 de agosto de 2015 · 🌐

Política Estadão: 'Tour' do boneco causou confusão pela cidade
<http://oesta.do/1JB8916> #Estadão



Boneco 'Lula inflado' passa pelo Viaduto do Chá após fechar Ponte Estaiada em SP

FOTOS.ESTADAO.COM.BR

2,3 mil 158 comentários 263 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Veja São Paulo 29 de agosto de 2015 · 🌐

"Tour" do balão fez a alegria dos internautas.



Após ser furado, boneco "Lula inflado" vira piada na internet

VEJASP.ABRIL.COM.BR

1,6 mil 96 comentários 100 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Época 28 de agosto de 2015 · 🌐

Foi o segundo rasgo que **Lula Inflado** ganhou no mesmo dia.



Boneco inflável de Lula é 'esfaqueado' durante manifestação em São Paulo

Mulher ainda não identificada conseguiu acertar golpe na bola de ferro do Pixuleco e foi detida pela polícia
EPOCA.GLOBO.COM

4,8 mil 622 comentários 1,4 mil compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Diário de Pernambuco 28 de agosto de 2015 · 🌐

Por enquanto, ainda não há "agenda" com datas das próximas aparições do "**Lula Inflado**", mas o Movimento Brasil disse que vai emprestar a alegoria para quem pedir.



Boneco inflável de Lula vira febre e vai rodar o país

Foto: ABr
DIARIODEPERNAMBUCO.COM.BR

2,9 mil 299 comentários 358 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Jornal Correio 16 de agosto de 2015 · 

Curtir Página 

'Lula inflado' de Brasília vira meme na internet; veja <http://correio.vc/xF>



Correio 24h
com.br

 658  25 comentários  64 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Estadão 16 de agosto de 2015 · 

Curtir Página 

'Lula Inflado' já faz sucesso nas redes sociais #Estadão (via Política Estadão)



MEME: Boneco inflável de Lula vira personagem na internet

POLITICA.ESTADAO.COM.BR

 12 mil  331 comentários  1,9 mil compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar